

SALUSTIANO PEREIRA CÉSAR



O
Congregacionalismo
no Brasil

FATOS E FEITOS
HISTÓRICOS

O Congregacionalismo no Brasil

O Congregacionalismo no Brasil

SALUSTIANO PEREIRA CÉSAR

Edição comemorativa do setuagenário
ano da organização denominacional

1983 — 1913

“O CONGREGACIONALISMO NO BRASIL”

Todos os direitos reservados à Ordem dos
Ministros Evangélicos do Brasil
É proibida a reprodução deste livro no todo
ou em parte, salvo se houver autorização
por escrito do Autor ou da Diretoria da OMEB.

**1.ª Edição
1983**

Pedidos deste livro:

ORDEM DOS MINISTROS EVANGÉLICOS DO BRASIL
Rua Marechal Floriano, 143 — 4º andar
Rio de Janeiro — RJ — Tel.: 263-8896

DEDICATÓRIA

Aos meus diletos familiares, descendentes de CATARINA JACOBY, uma das primeiras alunas da pioneira Escola Dominical fundada em 19 de agosto de 1855, na cidade Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro – Brasil:

Minha esposa,

*Eunice Millan Cesar, bisneta de **Peter Jacoby**, imigrante alemão, evangélico, fundador da cidade imperial de Petrópolis, neta de Catarina Jacoby;*

Meus filhos,

Elcio, Eli, Euceni, Eliane e Eliel,

Meus netos,

Cristiane, Elcio Jr. T. Ligia, Eli, Dênis, Vitor, Viviane, Vinícius, Daniel; dedico esta obra pleno de regozijo por estarem todos integrados na senda do Evangelho.

O meu profundo afeto familiar às minhas dedicadas noras:

Léa, Lêda, Luciêne;

e ao meu distinto genro:

Paulo Roberto

EXPLICAÇÃO AUTORAL

Tem sido freqüente a observação de que o povo evangélico congregacional no Brasil, ainda que seja pioneiro do evangelismo nacional, em língua portuguesa e em condições estáveis; não tem a sua história denominacional registrada com detalhes, em obra de consulta didática.

O autor, há dois anos passados, tendo reunido dados e informações desse escopo histórico, mereceu do ilustre Deputado Federal Dr. Daso de Oliveira Coimbra, a cortezia da publicação das nossas notas até então, coligidas.

Além do fato da história do evangelismo brasileiro estar vinculada a origem pioneira da obra evangelizadora dos missionários Kalley, o povo evangélico é detentor de lúdimas tradições de mérito temporal e espiritual que beneficiam o povo de Deus desde o meado do século XIX.

Pelo fato inquestionável de que o dia 19 de agosto de 1855 é a data-símbolo do evangelismo nacional pioneiro e a data gênese do povo evangélico congregacional, o autor pontifica, sem jatância de historiador, a oportunidade da edição do presente livro.

A primeira parte desta obra é constituída de informações a respeito da realidade genética do evangelismo nacional pioneiro, em termos perduráveis e a conseqüente formação e desenvolvimento do congregacionalismo no solo brasileiro.

As outras partes apresentam fatos e documentos comprobatórios da historicidade que o autor objetiva.

Os relatos estão redigidos em linguagem sintética, mas com precisão, de modo a alcançar a todos os leitores e favorecer a fixação dos fatos e feitos históricos.

Que a leitura das páginas desta publicação incentive o povo evangélico congregacional a acentuar esforços para confirmar a sua destinação histórica na tecitura do evangelismo pátrio, objetivando, sempre, a glorificação do nome de Jesus Cristo.

LAUS DEO

SENHOR, DEUS, Onipotente Pai:

Recebe o nosso humilde e intenso louvor,
pela magnitude do teu amor em nos adotar como filhos;
por tua infinita graça a favor dos que se propõem a
se submeter a tua vontade soberana;
pela capacitação espiritual e intelectual que nos
proporcionas para te servirmos;
pelo privilégio da vocação ministerial para sermos
embaixadores de Cristo;
pelos missionários que fixaram, em caráter definitivo,
a obra de evangelização no Brasil,
A Ti, SENHOR, DEUS, oferecemos, genuflexos,
nossa incontida gratidão.

AMÉM.

HOMENAGENS

“A QUEM HONRA HONRA” – Romanos 13: 7.

Às entidades missionárias estrangeiras, indenominacionais, pela relevante contribuição que deram ao evangelismo no Brasil;

“HELP FOR BRAZIL” e U E S A – UNIÃO EVANGÉLICA SUL AMERICANA;

À Primeira Igreja Evangélica organizada no Brasil (1858), a primeira a comemorar cem anos de fundação – a Igreja Evangélica Fluminense; fundadora da entidade missionária – Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, hoje, Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal;

Às tradicionais famílias – FERNANDES BRAGA e DOMINGOS ANTONIO DA SILVA OLIVEIRA, que sustentaram, moral, espiritual e materialmente, apoio vultoso e básico ao progresso da causa evangélica em nosso País, nos seus primórdios,

AS HOMENAGENS DO AUTOR.

GRATIDÃO

Ao Rev. Isaias de Souza Maciel, pioneiro de realizações evangélicas de inigualável mérito, a partir do 5.º decênio do século XX, a gratidão do autor pelo generoso patrocínio da publicação desta obra.

ÍNDICE

Primeira Parte

- 1 – Verdadeiros apóstolos do Brasil [13]
- 2 – O Congregacionalismo no contexto histórico do Protestantismo [14]
- 3 – Kalley e os primeiros direitos legais dos acatólicos [16]
- 4 – O Termo congregacional [19]
- 5 – Nomes intitulativos da Denominação [21]
- 6 – Organização do Congregacionalismo [23]
- 7 – Nomenclatura Denominacional e respectivas alterações convencionais [30]
- 8 – Seqüência numérica das assembleias gerais [32]
- 9 – Atual nome Denominacional [33]
- 10 – Origem da UIECB [33]
- 11 – Símbolo gráfico da Denominação [37]
- 12 – Presidência da Denominação de 1913 a 1984 [38]
- 13 – Estrutura Denominacional [38]

Segunda Parte

- 1 – “SALMOS E HINOS”, um tradicional legado histórico [41]
- 2 – Primeiro registro de Igreja Evangélica como pessoa jurídica [41]
- 3 – Igreja Evangélica Fluminense, primeira sede da Denominação [43]
- 4 – O jornal evangélico mais antigo com o mesmo nome [45]
- 5 – Origem da Igreja Evangélica Pernambucana [48]
- 6 – Nordeste Congregacional [51]
- 7 – Histórico da obra evangélica congregacional em Niterói [72]
- 8 – Movimento dissidente em 1960 [79]
- 9 – Mensagem aos evangélicos congregacionais do Brasil [80]
- 10 – Pontos básicos do Congregacionalismo [82]
- 11 – Reagrupamento das Igrejas congregacionais em 1969 [83]
- 12 – Proclamação do reagrupamento [83]

Terceira Parte

- 1 – Síntese doutrinária elaborada pelo Rev. Dr. Robert Reid Kalley [85]
- 2 – Súmula de Princípios [91]
- 3 – O Batismo Cristão [92]
- 4 – Declaração sobre a Doutrina do Espírito Santo [95]
- 5 – Representação sobre a Doutrina e Prática do Ecumenismo Eclesiástico [99]
- 6 – Pronunciamento a respeito da Responsabilidade Social da Igreja [101]

Quarta Parte

- 1 – Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, primeiro ministro congregacional brasileiro [105]
- 2 – Rev. Alexander Telford, pioneiro da fundação do Seminário [108]
- 3 – Rev. Antônio Francisco de Souza, organizador e mestre do congregacionalismo [111]
- 4 – Rev. João Clímaco Ximenes [117]
- 5 – Rev. Júlio Leitão de Melo [121]
- 6 – Rev. Ismael da Silva Júnior [127]



Dr. ROBERT REID KALLEY

Fundador da Igreja Evangélica Fluminense e propulsor do primeiro trabalho evangélico nacional.

No dia de 19 de agosto de 1855 iniciou a 1.^a Escola Dominical no Brasil e marcou o começo do Evangelismo Nacional Pioneiro, em caráter permanente.

Nasceu em 8 de setembro de 1808 e faleceu em 17 de janeiro de 1888.



Mrs. SARAH POULTON KALLEY

*Digna esposa e colaboradora de seu marido,
Dr. Robert Reid Kalley.*

1.^a Professora da 1.^a Escola Dominical fundada no Brasil.

Nasceu no ano de 1825 e faleceu no dia de 8 de agosto de 1907.

Membro fundadora da igreja Evangélica Fluminense, em 11 de julho de 1858.



DELEGADOS DA 1.^a CONVENÇÃO DAS IGREJAS DA UNIÃO EVANGÉLICA
CONGREGACIONAL DO BRASIL E DE PORTUGAL

DIAS 6 A 10 DE JULHO DE 1913

Da direita para a esquerda, 1.º Plano: Leonidas Silva, A. Telford, José L. F. Braga. – 2.º Plano: Elías Tavares, Pedro Campello, Manoel Marques, Francisco de Souza, Domingos de Oliveira. – 3.º Plano: José Elías Tavares, M. S. Palmeira, Júlio Corrêa D'Avila, José R. Martins, Israel Gallart.

Primeira Parte INFORMAÇÕES GERAIS

1. ROBERT KALLEY e SARA P. KALLEY, VERDADEIROS APÓSTOLOS DO BRASIL

Impõem-se na história do evangelismo em nossa terra, como verdadeiros Apóstolos, nos albores do século 19, os missionários — Robert Reid Kalley e sua digníssima esposa, Sarah Poulton Kalley.

O apostolado desses obreiros do Senhor, realmente, tem afinidade com a obra apostólica de Paulo e de seus companheiros, no mister da pregação do Evangelho de Cristo para a salvação do mundo.

Desde que aportaram no Brasil, em 10 de maio de 1855, empenharam-se no estabelecimento definitivo em solo brasileiro, de uma trincheira do Evangelho, contra a idolatria desmoralizante e corruptora implantada no coração dos nossos patrícios.

Foi, exatamente, na época do Brasil analfabeto, sífilítico, inçado de pauperismo crônico e danoso, que surgiu, como enviado de Deus, o abençoado casal Roberto e Sara Kalley.

O insigne ministro evangélico congregacional — Rev. Ismael da Silva Júnior, de saudosíssima memória, em seu livro — "HERÓIS DA FÉ CONGREGACIONAIS" — volume I, descreve de modo impressionante, o vultoso ministério desses vocacionados apóstolos.

O filho adotivo do casal Kelley, o Dr. João Gomes da Rocha, no volume I, da sua obra intitulada de LEMBRANÇAS DO PASSADO, faz uma fusta alusão aos seus pais, com as seguintes palavras: "A tarefa do casal Kelley foi heróica e quase sobre-humana. Preparar o terreno agreste e pedregoso para depois lançar a semente, na certeza de uma colheita abundante, é tarefa penosa e que demanda coragem, perseverança e, sobretudo, espírito de amor e de renúncia."

Inexplicavelmente, na literatura do movimento missionário moderno, não aparece com destaque a opulenta e inegalável obra de evangelização desse pioneiro intemorato que implantou na terra luzitana e no Brasil, a semente do Evangelho de Cristo, com raízes profundas e permanentes.

O Rev. Michael P. Testa, em seu livro — O Apóstolo da Madeira, registra uma notável apreciação sobre Robert Reid Kelley, nestes termos: "Era um homem de espírito pronunciadamente evangélico, mas empenhado em permanecer alheio a estreitos denominacionalismos e a fórmulas rígidas de credo."

"Poucos homens são dotados com tanto talento, com tanta força de caráter e singeleza de proposta, com tão atraente personalidade e com tamanha capacidade de servir aos outros, gratuitamente, como Robert Reid Kalley. Menos ainda são capazes de realizar um trabalho de tão persistente qualidade através de limitações tão grandes de espaço e tempo."

Impelidos por Deus, Roberto e Sara Kalley estabeleceram-se em nossa Pátria, depois de um século de ausência efetiva de operações evangelizantes. Foram eles, por todos os títulos, os Apóstolos do Brasil.

O Evangelismo Nacional Brasileiro, em caráter definitivo, no nosso vernáculo, deve a sua gênese ao ministério pioneiro dos irmãos Kalley.

[13]

2. O CONGREGACIONALISMO NO CONTEXTO HISTÓRIO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

A autenticidade da origem histórica do evangelismo no Brasil tem sido pesquisada por respeitáveis escritores, mas, a interpretação dos fatos tem sofrido variações segundo critérios analíticos muito pessoais.

Cumpra ao historiador, baseado em fontes de inquestionável mérito, descrever e destacar os eventos sem desfigurá-los da sua realidade.

Circunstâncias ecológicas, políticas, sociais, do país no qual a tarefa evangelizante do protestantismo originário provém de diferentes nações, são fatores ponderáveis na avaliação da verdade histórica da evangelização.

Retrata-se o protestantismo brasileiro nos registros e documentários das diversas denominações evangélicas com referências e anotações, quase sempre particulares.

Deus, nosso onisciente Senhor, no seu propósito de estabelecer o seu Reino Eterno envolvendo todas as nações da terra, propiciou ao Brasil a felicidade de assinalar a realização do primeiro culto protestante no dia 10 de março de 155; oficiado em francês, segundo o ritual calvinista.

Cristãos evangélicos holandeses, nos anos de 1624 e 1630, praticaram culto sob formas litúrgicas da Igreja Reformada.

No século XVI II o Brasil não recebeu influência religiosa por parte de missionários evangélicos. Evidenciaram-se nesse tempo os desvairados poderes religiosos alcunhados de Santo Ofício da Inquisição.

Destaca-se nos anos de 1810 e 1834 o estabelecimento de igrejas evangélicas em condições permanentes de funcionamento, destinadas a crentes ingleses e alemães.

A primeira tentativa para a organização de trabalho evangélico em língua Portuguesa verificou-se entre os anos de 1835 a 1841, por missionários metodistas. Mas a história informa que a iniciativa desses ministros estrangeiros não logrou fixar-se em termos estáveis.

É evidente o testemunho histórico que atribui aos missionários Robert Rei Kalley e Sarah Poulton Kalley o pioneirismo da implantação definitiva do evangelismo brasileiro, em língua portuguesa, sem nenhuma dependência estrangeira, na segunda metade do ano de 1855.

Exatamente, no dia 19 de agosto de 1855, após 33 anos da Proclamação da Independência Política do Brasil, a pregação do evangelho foi estabelecida em condições permanentes pelo casal Kalley, em Petrópolis, cidade sede do governo imperial, às vistas do Imperador D. Pedro II, quando ele ainda contava trinta anos de nascimento.

Esta santa semente da Palavra de Deus foi implantada por meio da Escol Bíblica Dominical que naquela data, começou a funcionar com 5 alunos.

Desta Escola originou-se a denominação evangélica congregacional cuja organização formal se verificou no ano de 1913.

Na contextura histórica do protestantismo tradicional atuante em nos: Pátria, os evangélicos congregacionais impõem-se, cronologicamente, como obra pioneira do evangelismo nacional, em língua portuguesa e em caráter definitivo.

A instituição eclesial, com características néo-testamentárias, resultante desse pioneirismo, é representada pela primeira igreja evangélica organizada no País, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de julho de 1858 — a Igreja Evangélica Fluminense, atualmente sediada na Rua Camerino, 102.

Todas as igrejas evangélicas das várias denominações desfrutam do privilégio de reconhecimento orgânico e jurídico, por parte dos poderes públicos, graças

[14]

ao direito adquirido nesse particular pela "igreja-mater" do evangelismo brasileiro, direito esse outorgado por decreto homologado pelo Imperador D. Pedro II, no dia 22 de novembro de 1880.

Pela veracidade dos fatos, os evangélicos congregacionais têm a ventura de representar, no contexto genealógico das denominações, a progénie histórica dos primórdios do evangelismo brasileiro, genuinamente nacional.

EVANGELISMO "INDENOMINACIONAL"

A gloriosa e tradicional obra evangelizadora que vingou no território brasileiro, desde 1855, não foi resultante de esforços de entidades missionárias estrangeiras ou nacionais.

O Dr. Robert Reid Kalley, cidadão escocês, Ministro do Evangelho, de origem presbiteriana, e sua esposa, D. Sarah Paulton Kalley, foram impelidos pelo Espírito Santo para cumprirem pessoal e livremente a vocação de obreiros do Senhor em terras brasileiras e o fizeram, consagradamente, sem peias denominacionalistas, desde 1855 até o ano de 1876 quando voltaram definitivamente para a Inglaterra.

Por muito tempo o Dr. Kalley sustentou com os seus recursos particulares a obra missionária que Deus lhe confiara e que progrediu abundantemente.

Até certo ponto podemos considerar que essa base de manutenção oferecida, generosa e piedosamente, pelo casal Kalley, foi uma das causas que influiu muito para a deficiência econômica da nossa denominação nos seus primórdios.

A inicial falta de educação do povo para contribuir com os seus recursos pecuniários a favor do sustento do trabalho evangélico resultou em constante dificuldade financeira para a expansão da obra missionária e denominacional.

Seis anos após a organização da Igreja Evangélica Fluminense, no bairro da saúde, no centro do Rio de Janeiro, com 14 crentes arrolados, o Dr. Kalley, pastor — efetivo, sentiu necessidade de um auxiliar no seu ministério. Sua complexa tarefa, quer como médico quer como pastor, era desenvolvida sob o despendia de ingentes esforços físicos e espirituais.

A partir do ano de 1864 começou a receber no seu pastorado, a cooperação direta do Rev. Richard Holden, ministro da Igreja Anglicana. Este obreiro foi reconhecido como co-pastor da Igreja Evangélica Fluminense, no dia 03 de março de 1865.

Durante a ausência do Dr. Kalley, em viagem pela Europa o Rev. Holden semeou entre os crentes opiniões doutrinárias opostas àquelas que eram aceitas e ensinadas pelo eminente missionário.

Nessa doutrinação desleal acentuou-se a propaganda dos princípios "Darlinstas", resultando dessa pregação traidora uma pequena dissidência na Igreja Evangélica Fluminense e conseqüente instalação do novo grupo denominacional designado de "Irmãos Unidos".

Diversos foram os obreiros de missões indenominacionais estrangeiras que operaram em nossa Pátria, e, naturalmente, com a sua personalidade e com as suas concepções doutrinárias influíram nos crentes por eles contactados. Dentre esses obreiros destacamos os seguintes: Rev. Alexander Telford, Rev. James Fanstone, Rev. J. Haldare, Rev. José Orton.

O Dr. Kalley recebeu colaboração de leigos e de ministros que não possuíam opiniões definidas quanto ao sistema de governo eclesiástico da Igreja e quanto às doutrinas fundamentais do Cristianismo. Esses obreiros eram ligados a igrejas de diferentes denominações e a maioria deles trabalhava no Brasil recebendo auxílios financeiros provindos de entidades estrangeiras.

[15]

Foi mais ou menos no ano de 1886, ano em que faleceu o eminente missionário, Robert Reid Kalley, que se fundou em Londres uma instituição indenominacional com o nome de "Evangelization Society for South América", cuja finalidade era a de ajudar a organização de igrejas nacionais ou estrangeiras, no continente americano do Sul.

Em 1892 foi nomeado superintendente no Brasil dessa nova entidade, o valoroso obreiro do Senhor, membro da Igreja Batista Livre, Sr. Henry Maxwell Wright. Este servo de Deus prestou inestimáveis serviços à causa evangélica ire Brasil e, especialmente em Portugal.

Cinco anos depois a "Sociedade de Evangelização para a América do Sul" foi dissolvida dando lugar a fundação de outra entidade missionária inglesa que recebeu o nome de "Help for Brazil", com o objetivo de estender a obra de Deus no Brasil de acordo com as igrejas organizadas pelo falecido Dr. Kalley — a Igreja Fluminense, no Rio de Janeiro; a Pernambucana, no Recife, Estado de Pernambuco e de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.

Sob os auspícios dessa Missão, em 1895, foi enviado para o Brasil, a fim de trabalhar na Igreja Pernambucana, o Rev. Thomaz Collins Joyce, que não era congregacionista. Batizara-se na Inglaterra, por imersão, e quando chegou ao Brasil filiou-se à Igreja Fluminense.

No dia 1º de maio de 1898, esse missionário tornou a batizar-se por imersão na 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro, após ter deixado, por motivos fúteis, o pastorado da Igreja de Passa Três, no Estado do Rio de Janeiro.

A Igreja Evangélica Fluminense não descansou na cooperação financeira e espiritual das organizações e dos crentes estrangeiros. Teve, também, a sua iniciativa própria no elevado empenho de desenvolver a evangelização pátria, e nesse sentido, no ano de 1890: fundou a "Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro", sob cujos auspícios, ministros, evangelistas e colportores" foram sustentados, dentre os quais citamos os irmaos: Rev.

Leonidas Filladelfo da Silva, Rev. António Primo Salustiano Marques; Rev. Salomão Luiz Ginsburg, Sr. Alfredo Pires de Oliveira, Sr. José Francisco Gomes, Sr. António J. Rodrigues.

O primeiro obreiro da Sociedade de Evangelização, da Igreja Fluminense, foi o irmão Salomão Ginsburg, que foi designado para dirigir por alguns meses, a Igreja Evangélica Pernambucana, na ausência do Pastor efetivo.

Nesse mesmo ano, esse ministro que também não tinha base denominacional, uniu-se à Igreja Batista.

No documentário histórico "Lembranças do Passado", da autoria do Dr. João Gomes da Rocha, filho adotivo do Dr. Kalley, verifica-se que foram muitas as deserções de crentes congregacionais para outras denominações.

O aspecto indenominacionista até então desenvolvido, justifica essas deserções.

Facilmente se conclue que o espírito congregacional com que foi organizada a Igreja Evangélica Fluminense e as que dela se originaram, foi muitíssimo prejudicado pela atuação de obreiros, em sua maioria de nacionalidade estrangeira, que não possuíam convicções congregacionalistas.

3. KALLEY E OS PRIMEIROS DIREITOS LEGAIS DOS ACATÓLICOS

CASAMENTO

No início do ministério do Dr. Kalley, em 1855, quando o Brasil era regido por governo imperial, a instituição da família só era reconhecida quando sacramentada pela Igreja Católica Romana que era a Religião oficial, segundo a Constituição de 1834.

[16]

Em face dessa circunstância as pessoas evangelizadas pelo missionário, quando pretendiam filiar-se à Igreja Evangélica, tinham dificuldade.

Para resolver esse problema, que se constituía um grande embaraço ao aumento regular de crentes, o Dr. Kalley elaborou, em 1860, uma declaração nos seguintes termos:

"Não havendo lei brasileira pela qual os cristãos possam casar-se sem seguir os ritos da Igreja Romana, que (conforme o juízo desta Igreja Evangélica) estão opostos ao Evangelho, deliberou-se e determinou-se que seriam considerados como honradamente casados aqueles que, não havendo embaraço algum que deve proibir o casamento, se unirem por um contrato escrito, e assinado perante testemunhas competentes, em que o homem e a mulher se ligarem para cumprir fielmente e mutuamente os deveres que, conforme os preceitos do SENHOR cabem ao marido e mulher, e se obrigarem a casar conforme as leis do país, logo que nestas se acharem regras pelas quais possam casar-se sem ofender a consciência."

"Não se julgou que tais contratos assegurassem efeitos civis ou fossem tidos por casamentos na vista dos tribunais do país, mas sim que na vista de Deus são casamentos verdadeiros e que devem ser reconhecidos por tais pela Igreja."

A fórmula de contrato adotado e usado até a promulgação da lei oficial reguladora do reconhecimento dos casamentos dos religiosos não católicos, era assim redigida:

"Nós, abaixo assinados, sabendo que o Casamento é uma instituição divina e não podendo casar-nos conforme o rito romano, único caie a lei do Brasil reconhece, pois nós cremos que o romanismo opõe-se às leis de Deus, temos prometido e por este documento declaramos e confirmamos a promessa de cumprir entre nós os deveres de marido e mulher, conforme a Palavra de Deus nas Escrituras Sagradas.

"Isto é,

"Eu, (nome do homem, profissão ou ofício e estado; idade, naturalidade, filiação e respectiva naturalidade), recebo por minha única legítima mulher a (nome da mulher, profissão ou estado idade, naturalidade, filiação e respectiva naturalidade, legitimidade) e me obrigo e prometo pela ajuda de Deus a amá-la, sustentá-la, e tê-la sempre comigo, cumprindo os deveres de um marido fiel enquanto Deus me der vida.

"Eu, (nome da mulher, profissão ou ofício e estado, idade, naturalidade, legitimidade, filiação e respectiva naturalidade), aceito a (nome do homem e respectiva identificação) como meu único e verdadeiro marido, obrigando-me pela ajuda de Deus a amá-lo, honrá-lo, e servi-lo, cumprindo os deveres de uma mulher fiel enquanto Deus me der vida.

"E nós ambos nos obrigamos a ter e reconhecer sempre por nossos filhos legítimos os que Deus nos der em resultado deste contrato, o qual abaixo assinamos com testemunhas, e nos obrigamos a casar-nos conforme as leis do País logo que estas reconheçam uma forma de casamento que não se oponha às leis divinas nas Escrituras Sagradas.

"Rio de Janeiro, de de 196....."

(Seguem-se as assinaturas de ambos os contraentes e das testemunhas. Quando necessário, as assinaturas "a rogo" de um ou de ambos os contraentes.)

Muitos contratos de casamentos de acatólicos foram celebrados mediante essa fórmula, até a aprovação da LEI n.º 1144, de 11 de setembro de 1961, pela qual o Governo Imperial autorizou o reconhecimento dos casamentos de pessoas que não professavam a religião do Estado.

[17]

Essa lei foi regulamentada em 17 de abril de 1863 pelo Decreto Imperial de n.º 3069. Por essa regulamentação os casamentos denominados acatólicos celebrados por pastores evangélicos passaram a ser registrados nas Câmaras Municipais.

Tal registro só poderia ser feito se as certidões do casamento religioso fossem assinadas por celebrante registrado na Secretaria do Império.

Foi divinamente inspirado o Dr. Kalley quando, em 1860, procedendo contra as absurdas imposições da Igreja Romana, celebrou sob a sua responsabilidade de Ministro do Evangelho, o consórcio de pessoas convertidas à Cristo, frutos da sua poderosa ação missionária.

Sem dúvida alguma, a conquista do reconhecimento da validade do matrimônio religioso de acatólicos é um notável fato histórico ligado aos primórdios do evangelismo brasileiro, advindo do amistoso relacionamento pessoal do Dr. Kalley com o eminente Imperador D. Pedro II.

A legalização do casamento religioso perante o Estado foi estabelecida pelo Decreto n.º 9896 de 7 de março de 1888, artigo 69 a 73.

Com o advento da Constituição brasileira, proclamada em 1889, a Igreja passou a ser separada do Estado, deixando portanto, de ter validade o casamento religioso.

Proclamada a República, instituiu-se o Casamento Civil como o único válido, nos termos do Decreto n.º 181 de 24 de janeiro de 1890.

O casamento religioso para efeitos civis voltou a ser preceito legal a partir da Constituição de 1934.

Indiscutivelmente, a prescrição constitucional que reconhece o casamento religioso como um ato legal é basicamente fundamentada na Palavra de Deus, visto que o matrimônio não foi instituído nem restaurado pelos homens, mas provém de Deus, o autor da Criação e de Jesus Cristo o autor das leis que o confirmaram e o elevaram conceitualmente.

A atitude do Dr. Kalley promovendo, em 1860, o ato público do casamento religioso, sem condicionamentos legais, foi rigorosamente bíblica. Kalley, com esta medida, antecipou-se aos legisladores brasileiros no reconhecimento do casamento religioso como um ato pessoal de plena consciência cristã.

REGISTRO CIVIL

Outra conquista de alta relevância foi a promulgação da LEI n.º 1829 de 9 de setembro de 1870 e respectivo regulamento n.º 5604 de 25 de abril de 1874 que estabeleceram o registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos, em todo o Brasil, de pessoas de qualquer religião.

DIREITOS POLITICOS E CIVIS

Pela LEI n.º 3029 de 29 de janeiro de 1881 regulamentada em 29 de janeiro do mesmo ano, sob o n.º 7981, todos os brasileiros passaram a gozar de todos os direitos políticos e civis, independentemente da religião professada.

LIBERDADE PARA A VENDA DE BÍBLIAS

A propósito de uma representação encaminhada ao Imperador, protestando contra a negação de licença para a venda de Bíblias, houve uma decisão da justiça estadual, em 22 de abril de 1868, declarando, com base na constituição brasileira de 1834, que era ilícito a qualquer autoridade do governo imperial oferecer impedimento arbitrário à liberdade individual de qualquer pessoa.

[18]

REGISTRO DE IGREJA COMO PESSOA JURIDICA

O direito de uma Igreja Evangélica registrar-se como pessoa jurídica, foi uma abençoadíssima conquista da Igreja-Mãe do evangelismo brasileiro, a Igreja Evangélica Fluminense.

As igrejas de todas as denominações evangélicas passaram a desfrutar desse direito que resultou de insistentes esforços do ministério da Igreja pioneira no Brasil, a primeira a completar 100 anos de fundação.

O documento que contém a resolução do Governo Imperial referente a esse magno fato, está transcrito em uma das páginas deste livro, conforme o original.

SEPULTAMENTO NOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS

Desde o dia 22 de setembro de 1855, quando ocorreu uma terrível doença epidêmica no Rio de Janeiro da qual resultou 4.000 casos fatais, por iniciativa desassombrada do Dr. Kalley, instalou-se no cemitério de São Francisco Xavier, o "Quadro dos Protestantes".

Somente pela LEI nº 1879 e a sua regulamentação em 1874, ficou estabelecido o direito do sepultamento nos cemitérios públicos dos acatólicos.

Para que os cristãos evangélicos pudessem ser enterrados, não havendo nos cemitérios públicos lugar separados para os acatólicos, o Marquês de Olinda, então ministro do Império, oficiou ao bispo do Rio de Janeiro, pedindo-lhe para fazer uma cerimônia católica romana a fim de ser retirada a sagração de uma parte do terreno para que pudessem ser sepultados os que não professassem a religião oficial.

4. O TERMO CONGREGACIONAL

A história do nosso nome dominacional inclui fatos que, de certo modo analisados, aparentam a existência por longo tempo de grande inconsistência doutrinária e, particularmente, administrativa.

O nome CONGREGACIONAL de 1913 a 1921 foi objeto de discussões incongruentes, tornando-se, até, motivo de reações impróprias no relacionamento fraternal entre obreiros e igrejas.

As nossas igrejas se formaram desde os seus primórdios tendo por base os princípios que inspiraram o funcionamento das igrejas primitivas do Novo Testamento, isto é, prevalecendo o conceito eclesiástico de que, em todos os assuntos de interesse da comunidade local, o pronuncionamento da assembléia dos fiéis era fundamental.

O princípio filosófico — doutrinário que fundamenta o governo de cada igreja é definido como o da democracia direta.

A preocupação de que as igrejas Congregacionais no Brasil não fossem consideradas similares nem procedentes das igrejas Congregacionais da América do Norte, gerou nos líderes do início da 1.^a fase institucional do Congregacionalismo em nossa Pátria, atitudes restritivas ao uso do termo Congregacional.

A Igreja Evangélica Fluminense, a primeira que se formou sob a forma Congregacional, orientada por sua direção espiritual, manifestou-se por mais de uma vez, contra a adoção da palavra Congregacional como parte do nome formal intitutivo das nossas igrejas e da estrutura denominacional.

Eis porque, a primeira igreja congregacional foi conhecida, desde 18 de setembro de 1863 — como Igreja Evangélica Fluminense, anteriormente intitulava-se, apenas, de Igreja Evangélica. A expressão FLUMINENSE foi acrescentada para evitar confusão com outras igrejas já estabelecidas no Rio de Janeiro, na época.

Por muitos anos a nossa denominação foi conhecida pela designação de Fluminense, por influência do nome da primeira igreja do regime Congregacional.

Em julho do ano de 1913 adotou-se convencionalmente no nome próprio intitutativa da entidade representativa das igrejas Congregacionais o vocábulo INDENOMINACIONAL, que, no caso, era um termo muito incongruente, pois, na realidade, já éramos uma denominação evangélica.

O primeiro nome denominacional, oficialmente aprovado foi o de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS INDENOMINACIONAIS por decisão tomada na sessão da primeira convenção, no horário vespertino, do dia 10 de julho de 1913.

Esse desconexo título vigorou até o ano de 1916, quando se efetuou a 2.a Convenção e foi sancionada a proposta para a modificação do nome denominacional e a inserção da palavra CONGREGACIONAIS.

A mudança do nome INDENOMINACIONAIS para CONGREGACIONAIS produziu longa e acalorada discussão, ficando registrados em ata dois votos contrários dos líderes da Igreja Evangélica Fluminense, Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos e o Presbítero José Luiz Fernandes Braga.

Nessa segunda assembléia convencional a denominação passou a ser uma ALIANÇA em vez de UNIÃO.

Considerando a desejada motivação pela oficialização do emprego da palavra CONGREGACIONAIS no título denominacional, a diretoria administrativa da denominação, em cerimônia realizada no dia 10 de abril de 1916, resolveu adiar até a Convenção imediata, do ano de 1919 a adoção do novo nome denominacional conforme constou no 1.º artigo estatutário, assim redigido: Artigo I — As igrejas evangélicas do Brasil e Portugal que aceitam a "Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo", estabelecem uma aliança que se denomina "Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Brasileiras e Portuguesas" e tem por fim desenvolver o trabalho e promover interesses espirituais e temporais das mesmas igrejas, estreitando, desta maneira, os laços de solidariedade e amor fraternal".

Ainda que houvesse por parte de alguns obreiros, ojeriza pelo nome *Congregacional* o princípio de governo eclesiástico que esse termo sintetiza está implícito no artigo 3.º do primeiro estatuto, em vigor desde 1913, assim redigido: artigo 3.º — As Igrejas de que se compõe esta UNIÃO, conquanto adotem o sistema congregacional das Igrejas do Novo Testamento, não representam a denominação Congregacionista, sendo apenas conhecidas pelo simples título de "Igrejas Evangélicas" com a indicação de uma localidade; os membros só terão o nome de "cristãos".

Tal ojeriza era decorrente do exigente zelo e fidelidade às doutrinas e princípios neo-testamentários, que os Congregacionais do Brasil sustentam, e, por esse testemunho não queriam ser confundidos com os Congregacionais da outra América, cujos usos e costumes, não correspondiam aos padrões doutrinários e bíblicos defendidos, intransigentemente, em nossas igrejas brasileiras.

Na terceira Convenção, realizada em 1919, foram atendidas as opiniões restritivas quanto ao nome CONGREGACIONAL, tendo sido aprovada a nova forma designativa da denominação que passou a ser UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS QUE ACEITAM a "BREVE EXPOSIÇÃO DAS DOCTRINAS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO" recebida pela Igreja Evangélica Fluminense.

Como se pode concluir, os pronunciamentos da Igreja Evangélica Fluminense eram considerados argumentos de influência decisória nas convenções.

As gestões administrativas da UNIÃO viam-se constantemente em sérios embargos para se dirigirem a pessoas e a outras corporações eclesísticas. Em

[20]

virtude de nosso nome denominacional não nos identificar de modo lógico.

Constitui-se assunto de preocupação prioritária a necessidade de haver uniformidade de organização tanto nas igrejas como nas sociedades internas e, bem assim um nome mas designativo das entidades locais e denominacionais.

Sob a eminente presidência do Rev. Francisco Antônio de Souza, em vários períodos, a diretoria do órgão administrativo da UNIÃO, sempre nomeada de Junta Geral, focalizou esse aspecto negativo do nosso nome eclesial.

Durante a primeira semana do mês de maio de 1921, efetuou-se a 4ª Convenção Geral, foi fixado o título de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL E PORTUGAL e aprovado, também, que as Igrejas filiadas a UNIÃO adotem o nome "congregacional" e sejam conhecidas coletivamente como Igrejas Evangélicas Congregacionais.

Permaneceu, no entanto, no seio da Igreja Evangélica Fluminense, muito desagradado quanto ao emprego da palavra congregacional como expressão distintiva do nosso sistema de governo.

Foram convocados por meio de uma circular todos os membros da Igreja para darem pronunciamentos em definitivo sobre o nome "congregacional". Os signatários da circular, dois pastores e cinco presbíteros persistiram na inconveniência da palavra congregacional, como ficou aprovado na 4ª Convenção, devido a existência no estrangeiro de outras uniões de igrejas do mesmo governo e que têm a mesma designação, mas que praticavam o batismo de crianças e outros ritos que as nossas igrejas não adotavam.

Tais igrejas, informava a circular, nenhuma relação tinham com o nosso trabalho evangélico no Brasil e Portugal.

Pretendeu a Igreja Evangélica Fluminense a aprovação do acréscimo da palavra INDEPENDENTE no nome denominacional vigente, mas não houve apêlo convencional para essa sugestão, embora o nosso órgão oficial "O Cristão" se apresentasse, irregularmente, de junho de 1923 a janeiro de 1924 como portavoz da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais Independentes.

Na assembléia convencional seguinte, em maio do ano de 1923, adotou-se o nome de UNIÃO EVANGÉLICA CONGREGACIONAL BRASILEIRA e o novo estatuto e Regimento Interno da União, foram publicados, no órgão oficial, sómente em novembro de 1924.

A partir da quinta convenção geral o termo Congregacional não mais desapareceu do nome da nossa organização denominacional.

5. NOMES INTITULATIVOS DA DENOMINAÇÃO

Revestiram-se de singular complexidade as nomenclaturas oficializadas em convenção geral para expressar formalmente a nossa organização denominacional.

Foram adotados, de 1913 a 1969, nomes próprios intitrativos diferentes.

De junho de 1942 a junho de 1959 interrompeu-se a seqüência histórica do Congregacionalismo no Brasil. Houve uma justaposição das igrejas evangélicas congregacionais com as igrejas cristãs evangélicas, surgindo a nova denominação conhecida pela sigla UIECCB.

Após dezesseis anos de asfixia do espírito verdadeiramente congregacional das igrejas evangélicas que adotavam os 28 artigos da Breve Expansão das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, redigidos pelo eminente missionário, pioneiro do evangelismo nacional, dr. Robert R. Kalley, instaurou-se um grande movimento de restauração denominacional na base da primeira assembléia convencional realizada em julho de 1913.

Resultou desse movimento a recomposição denominacional sob o nome de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL,

[21]

sendo adotada a sigla U.I.E.C.B. A antiga UIECCB continuou existindo, concomitantemente, com a UIECB, até janeiro de 1968, quando, verificou-se a dissolução da UIECCB resultando a separação das igrejas evangélicas congregacionais, ficando estas sob a designação provisória de IGREJA EVANGÉLICA CONGRE-GACIONAL DO BRASIL.

Ocorreu no dia 1.º de fevereiro de 1969 o reagrupamento das igrejas evangélicas congregacionais em um só todo denominacional, como resultado do abençoado movimento restaurador, iniciado há 9 anos passados.

Ficou prevalecendo o nome de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL, adotado desde janeiro do ano de 1960.

ASSEMBLÉIAS GERAIS

De julho de 1913 a junho de 1940 foram efetuadas 12 assembléias gerais constituídas de representantes das igrejas incorporadas na denominação. Essas assembléias designaram-se de convenções, em sua maioria, concílios e, simplesmente, assembléia geral.

Interrompeu-se a seqüência histórica do congregacionalismo durante 17 anos (1942 a 1959), em conseqüência da junção das igrejas evangélicas congregacionais com as igrejas cristãs evangélicas. Tal fato na época foi considerado com uma fusão de duas denominações. O acontecimento foi proclamado como sendo uma nova denominação.

Desde o ano de 1942, quando foi feita a apelidada fusão dos grupos eclesiásticos mencionados, seríssimas reservas, restrições e suspeições começaram a se tornar evidentes nas relações entre obreiros e igrejas. Como decorrência dessa manifesta insatisfação instalou-se nos dias 26 a 31 de janeiro de 1960, na Igreja Evangélica Congregacional de Vitória de Santo Antão, no Estado de Pernambuco, um magno concílio no qual foi oficializado um majestoso movimento de restauração, tendo por finalidade o retorno da denominação ao padrão doutrinário e regimental fundamentado na primeira Assembléia Convencional realizada no ano de 1913.

Rigorosamente considerando-se, a continuidade das assembléias gerais do grupo de igrejas congregacionais, foi assinalada no concílio realizado em 1960, devendo este representar, de fato, a 14.^a assembléia e não a 22.^a como é computado.

No decurso da existência da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil registraram-se 12 Convenções Gerais.

Com o nome de Assembléia Geral da IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL, a primeira e única sob esse título, reuniram-se no dia 26 de janeiro de 1969 os representantes evangélicos congregacionais, então desvinculados da Igreja Cristã Evangélica do Brasil.

Concomitantemente a essa assembléia, reuniram-se no mesmo local, na Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, os componentes do 6.^o Concílio Geral da UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL — UIECB.

O assunto principal desse concílio foi o reagrupamento dos evangélicos congregacionais num só todo denominacional o que se verificou com expressões de alegria fraternal e cristã.

A partir desse magnífico momento histórico os autênticos evangélicos congregacionais integrados na UIECB, deram continuidade a sua sagrada missão de testemunhar, através das suas igrejas a herança espiritual que receberam dos pioneiros do evangelismo no Brasil, evangelismo definitivo e em língua portuguesa.

[22]

6. ORGANIZAÇÃO DO CONGREGACIONALISMO: FASES HISTÓRICAS

O processo evolutivo do congregacionalismo no Brasil, graças a Deus, se evidencia através de fatos e feitos marcantes, embora, como soe e sempre acontece nos organismos sociais, muitas vezes condicionado às impropriedades da conduta humana.

Houve período de abalo estrutural por desvio de trajetória, mas o Senhor, com a sua sabedoria infinita, sempre corrigiu a nossa rota.

A característica básica da denominação assenta-se no fato de que, como cristãos evangélicos, nunca tivemos dependência orgânica de espécie alguma, de qualquer entidade denominacional sediada fora do nosso país. Igualmente não temos compromissos com organizações evangélicas internacionais.

Outro aspecto que nos define é o de que, como denominação, não temos um fundador, pois, nos consideramos inseridos na tradição neo-testamentária das igrejas primitivas.

Somos uma seqüência do povo de Deus, vinculados, circunstancialmente, ao contexto sociológico dos ramos do cristianismo.

A obra pioneira do Dr. Kalley firmou-se por sua intransigente fidelidade aos princípios e doutrinas bíblicas.

Nunca tivemos relacionamento direto ou indireto com o congregacionalismo inglês ou americano, aliás aquelas comunidades também tiveram a sua origem independente de estreitos denominacionalismos.

Os evangélicos congregacionais, conquanto sejam um povo cuja existência no Brasil já se aproxima do seu sesquicentenário, só se estabeleceram em termos de organização denominacional, cinquenta e oito anos após a sua origem.

Esse fato institucional e histórico assinalou-se com muita vibração de fé e inspirado testemunho de união Cristã, em 1913. Significou o início de uma "NOVA ERA EM NOSSA HISTÓRIA ECLESIASTICA, no dizer do eminente e santo varão de Deus, reverendo Alexander Telford, líder de primeira linha na composição orgânica da denominação.

A história do congregacionalismo brasileiro compreende destacadas fases de maravilhosa expressão evangélica, com lances relevantes de progresso.

Para uma geral avaliação registramos sucintos detalhes dessas fases históricas.

PRIMEIRA FASE (1855 - 1913)

Nossa primeira fase histórica iniciou-se no dia 19 de agosto de 1855 com a instalação da 1.^a Escola Bíblica Dominical no Brasil, com uma classe de cinco alunos, filhos de duas famílias inglesas, lecionadas pela missionária Sara Kalley. Dois domingos depois já funcionavam uma classe de crianças e outra de adultos dirigidas pelos fundadores missionários, Rev. Dr. Roberto Kalley e sua esposa.

Durante vinte e um anos esses obreiros, vocacionados por Deus para darem continuidade à implantação do Reino de Deus em nossa terra, operaram como verdadeiros reformadores da consciência política e religiosa dos nossos concidadãos.

Nesse primeiro período histórico assinala-se o magno e incontestável fato de que, dentre as tentativas anteriores de evangelização no Brasil, a que 1.^o fixou-se em definitivo, em língua nacional, cresceu, floresceu e frutificou, foi a do abençoado casal Kalley.

Singularizou-se por uma intensa batalha de evangelismo e missões, essa primeira fase de atividades pioneiras.

No dia 11 de julho de 1858 edificou-se espiritualmente o primeiro, monumento de fé em forma eclesiástica. Organizou-se a primeira igreja evangélica, a

[23]

Igreja Evangélica Fluminense, no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro, às vistas do Imperador Constitucional e defensor perpétuo do Brasil — D. Pedro II.

Constituíram a novel igreja 14 membros, entre eles o português, Sr. José Pereira de Souza Louro, primeiro crente batizado pelo Dr. Kalley no Brasil, em Petrópolis, e o brasileiro, Sr. Pedro Nolasco de Andrade, batizado no dia da organização da Igreja, no Rio de Janeiro.

Embora o Dr. Kalley fosse de origem presbiteriana, a Igreja Evangélica Fluminense e a Igreja Evangélica Pernambucana, também por ele fundada em 19 de outubro de 1873, adotaram o sistema congregacional de governo e não batizavam crianças.

Antes de se retirar em definitivo para a Inglaterra, no mês de julho de 1876, o Dr. Kalley, deu posse no Pastorado da igreja, ao Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, primeiro ministro evangélico congregacional, brasileiro, ordenado em 01/01/1876.

Incluem-se nessa primeira fase histórica a organização de 11 igrejas, sendo filhas da Igreja Evangélica Fluminense, as igrejas de Passa-Três (1897); Niterói (1899), Encantado (1903) e Paracambi (1912). Vários pontos de pregação e congregações fundadas pela Igreja Evangélica Fluminense, foram, posteriormente, transformados em igrejas autônomas

Além do Rev. João G. dos Santos, foram separados para o santo ministério os servos do Senhor: Leonidas Filadelfo da Silva (03/03/1893), Francisco Antonio de Souza (05/03/1911), Manoel Marques (29/11/1911), Júlio Leitão de Melo (01/08/1912), Antônio Primo Salustiano Marques (01/09/1899) Pedro de Sá Campelo (10/02/1907), Elias José Tavares (1911), Simão Salém (1909), todos brasileiros.

A Igreja Evangélica Fluminense assumiu a liderança da obra pioneira de evangelização que lhe deu origem, até o ano de 1913, quando se organizou, formalmente, a denominação.

Até então, serviu de apoio às atividades evangelísticas da Igreja a sua Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro fundada no dia 08 de novembro de 1890.

Na primeira fase denominacional coube à Igreja Evangélica Fluminense dar pronunciamentos homologatórios, no espírito evangélico congregacional, a respeito do estabelecimento de pontos de pregação, congregações, organização de igrejas e separação de evangelistas e pastores.

Essa primeira fase da nossa história, compreendeu 58 anos de intensíssimo trabalho evangélico sem nenhuma estrutura de organização denominacional.

Além dos fatos já mencionados ocorreram mais os seguintes, aliás, fatos pioneiros na história do evangelismo brasileiro:

— Produtivo relacionamento evangélico com o Imperador D, Pedro II e com outras autoridades públicas;

— Estabelecimento regular do serviço de cooperação com a venda de numerosos exemplares da Bíblia;

— Difusão de variada literatura religiosa por meio de livros e folhetos;

— Intensa propaganda da Palavra de Deus através da Imprensa regular;

— Publicação do primeiro livro de cânticos sacros, o tradicional "Salmos e Hinos", em 17/11/1861, com 50 hinos;

— Batismo do 1º crente em Petrópolis (1857) e do 1º no Rio de Janeiro (1858);

— Reconhecimento civil do casamento de profítes religiosos não católicos romanos (17/04/1863);

— Direito de sepultamento de protestantes nos cemitérios públicos (1863);

— Concessão do direito de registrar, publicamente, com validade legal, os nascimentos e óbitos dos protestantes (1863);

[24]

— Aprovação da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo em 2/7/1876, da lavra do Dr. Robert Reid Kalley.

Esse documento de memorável valor histórico, constando de 28 artigos, consagrou-se como síntese doutrinária das Igrejas Evangélicas Congregacionais no Brasil;

— Instalação de uma escola primária para crianças (15/10/1874);

— Primeiro registro de estatutos de uma igreja como pessoa jurídica (22/11/ 1880);

— Fundação da Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, em conexão com a Igreja Evangélica Fluminense, no dia 08 de novembro de 1890. Esta sociedade, em 22 de julho de 1919, passou a denominar-se de "Missão Evangelizadora do Brazil e Portugal".

— Ordenação ao Santo Ministério do Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, em 1.º de janeiro de 1876, como primeiro ministro evangélico congregacional brasileiro.

— Lançamento da edição de "Salmos e Hinos" com "Música Sacra", em 1867

SEGUNDA FASE (1913 - 1942)

A segunda fase histórica da denominação abrange um período de 29 anos.

Os ardorosos empenhos missionários e evangelísticos da Igreja Evangélica Fluminense produziram abençoadíssimos resultados. Novas igrejas se formaram, mas os crentes e seus guias espirituais se ressentiam da falta de um definido e construtivo relacionamento fraternal, coordenado de modo corporativo, objetivando uma cooperação orientada na promoção progressiva dos interesses espirituais e temporais comuns às igrejas locais.

As igrejas operavam em seus campos de ação, isoladas umas das outras, sem nenhuma motivação para se intercomunicarem.

Em face dessa ausência de vinculação fraternal, conflitante com o espírito humano associativo, a igreja-mãe, por sua liderança espiritual, tomou a iniciativa de formar uma entidade para concretizar o estreitamento dos laços de amor fraterno entre as igrejas da mesma fé e ordem, bem como de ajudá-las a se expressarem interligadamente.

Os primorosos e consagrados ministros da Igreja Evangélica Fluminense, Rev. Alexander Telford e Rev. Francisco Antônio de Souza, respectivamente, terceiro e quarto pastores, depois do Rev. Robert Kalley, registravam, com alegria e gratidão a Deus, os abençoados frutos da santa sementeira do Evangelho, através da sua Igreja.

Sensibilizados com os anseios dos crentes e suas igrejas pela formação de um órgão central, orientador e propulsor de progresso espiritual e temporal, aqueles inspirados guieiros do rebanho do Senhor, promoveram a elaboração de um projeto de estatuto destinado a regulamentar a instituição de um organismo integrador das igrejas da mesma base doutrinária.

Tal organismo ficou, desde logo, claramente definido como sendo uma UNIÃO DAS IGREJAS que adotavam os mesmos princípios aceitos pela Igreja Evangélica Fluminense. Os quatro primeiros artigos estatutários foram redigidos nos seguintes termos: ermos:

ARTIGO 1.º — As Igrejas Evangélicas do Brasil e Portugal que aceitam a "Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo", estabelecem uma UNIÃO cujos fins são: estreitar os laços de amor fraternal entre as mesmas Igrejas, promover o desenvolvimento do seu trabalho e os interesses espirituais e temporais das respectivas Igrejas.

[25]

ARTIGO 2.º — Esta UNIÃO nenhuma autoridade exercerá sobre as Igreja locais, as quais, continuarão gosando de sua completa autonomia.

ARTIGO 3.º — As Igrejas de que se compõem esta UNIÃO conquanto adotem o sistema congregacional das Igrejas do Novo Testamento, não representam a denominação Congregacionista, sendo apenas conhecidas pelo simples título de "Igrejas Evangélicas"

com a indicação das suas localidades; os membros só terão o nome de "cristãos". (Atos 11 v 26; 26 v 28; I Pedro 4 v 16.)

ARTIGO 4.º — As Igrejas desta UNIÃO, em conformidade com o mandamento do Senhor Jesus Cristo (Mateus 28 v 19) praticam o batismo com água somente nas pessoas que crêem em Nosso Senhor Jesus Cristo, dando as prova, de estarem convertidas, e assim se tornam discípulos d.Ele,

No dia 17 de outubro do ano de 1910, foi publicado na integra esse estatuto elaborado com 28 artigos, configurando a tão desejada entidade que se denominou de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS INDENOMINACIONAIS QUE ACEITAM OS VINTE E OITO ARTIGOS DA BREVE EXPOSIÇÃO DA DOUTRINAS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO RECEBIDAS PELA IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE.

Da elaboração desse projeto de estatuto participaram representantes da: igrejas evangélicas — Fluminense, de Niterói, do Encantado, de Passa-Três sediadas no Estado do Rio de Janeiro, e um representante da Igreja Evangélica Lisboense, de Portugal.

Esse estatuto foi vigente durante quase três anos.

Em cumprimento ao artigo 14º foi convocada a primeira assembléia convencional formalizadora da entidade, que, apesar de no seu nome intitutivo constar a palavra INDENOMINACIONAL, na realidade era uma corporação com característica DENOMINACIONAL.

As sessões convencionais dessa tradicional assembléia efetuaram-se na sede da Igreja Evangélica Fluminense, nos dias 6 a 13 de julho de 1913, na cidade do Rio de Janeiro, na Rua Larga de São Joaquim, 179, cujo nome mais tarde, foi mudado para Rua Marechal Floriano, 185.

De fato, o povo congregacional, naquela data memorável, assumiu, formal e publicamente, a sua definida posição denominacional.

Ainda existe o edifício construído pela Igreja Evangélica Fluminense, e que lhe serviu de quarta sede. Naquele tempo o santuário era designado de Casa de Oração e essa expressão constava na fachada do prédio.

A primeira sessão convencional foi instalada no domingo 6, às 19 horas e trinta minutos, com a presença de delegados representativos de 13 igrejas evangélicas; a Fluminense, do Encantado, localizadas no antigo Distrito Federal; de Niterói, de Passa Três, de Caçador e de Paracambi, no Estado do Rio de Janeiro; Pernambucana, de Vitória de Santo Antão, de Jaboatão, de Monte Alegre, no Estado de Pernambuco; Paranaguense, no Paraná; Paulistana e Santista, no Estado de São Paulo.

Não se fizeram representar, mas integraram a denominação, 5 igrejas de Portugal, a saber: duas em Lisboa, uma em Setubal, uma em Figueira da Foz e uma em Abrantes.

Atualmente, a obra congregacional ainda existente, na terra Lusitana, está sendo assistida pela Igreja Evangélica Fluminense, através da sua Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal.

Sob intensa expectativa e muita vibração de fé o plenário convencional na abertura devocional dos trabalhos, ofereceu a Deus um solene culto de adoração e louvor.

O ponto alto da magna assembléia foi a mensagem efficientíssima pronunciada pelo Presidente do conclave, Rev. Alexander Telford, que desenvolveu importante tema: A PROEMINÊNCIA DE CRISTO.

[26]

Após 4 sessões, em 2 turnos, o mesmo orador, na qualidade de moderador alhos convencionais, produziu a alocação de encerramento, discursando sobre CONSAGRAÇÃO PESSOAL.

O orador, visando recordar os assuntos predominantes na convenção, enfocou a sua última mensagem em três pontos: "Consagração à oração; consagração na propaganda dos assuntos convencionais e consagração na prática das resoluções tomadas".

Dentre as importantes resoluções votadas e aprovadas nessa primeira assembléia convencional, destacam-se as seguintes: A fundação de um Seminário; a criação de um fundo de sustento pastoral e a publicação de um órgão oficial.

Nesta segunda fase denominacional ocorreram notáveis feitos no campo eclesiástico local, no terreno da educação religiosa, na imprensa oficial, no plano de assistência social e na conscientização denominacional.

Em resumo, na 2.^a fase da nossa história, assinalaram-se, os seguintes fatos:

— Instalação do Seminário Evangélico Congregacional, no dia 03 de março de 1914, no subúrbio de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, na Rua Ceará, 31, local cedido pelo irmão presbítero José Luiz Fernandes Braga.

— Inauguração do atual templo da Igreja Evangélica Fluminense, na Rua Camerino, 102, no dia 03 de maio de 1914.

— Circulação do "O Cristão" como órgão oficial, a partir do mês de janeiro de 1914, após 21 anos da sua fundação como órgão independente de propriedade particular.

— Inicia-se a publicação de lições para a Escola Dominical, no "O Cristão", a começar de 30/11/1914.

— Fundação de um orfanato, em 1919, hoje designado de Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba, tendo por data celebrativa de fundação, o dia 21 de abril.

— Início do movimento organizado da mocidade, em maio de 1933, quando se realizou o 1.^o Congresso, no templo da Igreja Evangélica C. da Piedade. Esse congresso do foi nacional.

— Adoção de oito nomes próprios intitlativos para a entidade representativa da denominação.

— Registro de 60 igrejas organizadas.

— Realização de 13 assembléias gerais.

TERCEIRA FASE (23 de junho de 1942 a 25 de janeiro de 1960)

O sentimento de UNIÃO sempre foi característica tradicional dos evangélicos congregacionais, desde a sua origem, quer na expressão eclesiástica local, quer através do órgão representativo da denominação.

O relacionamento fraternal e cooperativo com o povo de Deus vinculado a outros grupos denominacionais, genuinamente evangélicos, foi sempre cultivado concretamente, sem preconceitos.

Da larguesa desse espírito de união originaram-se entendimentos associativos com a Igreja Cristã do Brasil e, em consequência desses entendimentos, resultou a fusão das igrejas evangélicas congregacionais com as igrejas Cristãs do Brasil.

Esse grande acontecimento ocorreu na XIII Assembléia geral da União das Igrejas Evangélicas do Brasil (governo congregacional), efetuada nos dias 20 a 22 de junho de 1942, no nóvel templo da Igreja Evangélica Santista, no Estado de São Paulo, na cidade de Santos.

Assim, teve início a terceira fase da nossa história denominacional, com a fusão de igrejas cristãs evangélicas com o grupo de igrejas evangélicas congregacionais. Formou-se, então, a UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS E CRISTÃS DO BRASIL, REPRESENTADA PELA SIGLA – UIECBB.

[27]

Esta terceira fase compreende 18 anos de atividades, destacando-se importantes fatos, a saber:

- Realização de alguns congressos regionais de mocidade e de uniões femininas;
- Promoção do 1.º Congresso Nacional da Mocidade Congregacional, de 2; a 25 de janeiro de 1947;
- Fundação do Instituto Bíblico da Pedra de Guaratiba, em 1945, para o preparo de obreiros para obra missionária e docente das igrejas;
- Lançamento do órgão oficial da mocidade, em 12 de abril de 1945;
- Realiza-se o 1.º Congresso Nacional das Uniões Auxiliadoras Femininas em janeiro de 1952;
- Sai à lume, sob o título — VIDA CRISTA — o primeiro órgão oficial das uniões femininas, no 49 trimestre de 1953;
- Editam-se revistas para as Escolas Dominicais;
- Celebração do 1.º Centenário da Igreja Evangélica Fluminense;
- Nove assembléias gerais da denominação são efetuadas;
- Registro estatístico de mais cem igrejas;
- Funcionamento do Seminário Teológico do Rio de Janeiro, em regime de internato, nas dependências do Instituto Bíblico da Pedra de Guaratiba.

QUARTA FASE (De 26 de janeiro de 1960 a 10 de janeiro de 1969)

Ao lado das experiências, realmente, positivas da justaposição dos evangélicos congregacionais aos irmãos em Cristo filiados às igrejas cristãs do Brasil surgiram, no decurso da terceira fase, algumas circunstâncias incidentais que determinaram um movimento de restauração das formas tradicionais do congregacionalismo original.

Um significativo grupo de pastores e igrejas em janeiro de 1960 insurgiu-se publicamente, proclamando uma dissidência.

Começou, portanto, a quarta fase do congregacionalismo brasileiro, com existência de duas alas bem distintas, A primeira ala correspondeu ao grupo de igrejas que se mantiveram ligadas à União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil (UIECCB); a segunda ala compreendeu as igrejas dissidentes da UIECCB e que, em assembléia geral, realizada na Igreja Evangélica Congregacional da cidade de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, nos dias 26 a 31 de janeiro de 1960, proclamou, oficialmente, o movimento de restauração denominacional com base nos princípios estruturais da primeira convenção geral realizada no ano de 1913.

Este movimento de restauração manteve-se durante 9 anos, atingindo o seu objetivo total, em fevereiro de 1969.

Nesta quarta fase destacam-se os fatos que se seguem:

— O movimento de restauração denominacional instituiu a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, a UIECB, em janeiro de 1960;

— Funda-se e publica-se, regularmente, o jornal — BRASIL CONGREGACIONAL - como órgão oficial da UIECB, divulgador do movimento de restauração denominacional;

— Realizam-se seis assembléias gerais das igrejas da UIECB e três das igrejas da UIECCB;

— Aprova-se, em 26/01/1960, o estatuto da ala do movimento de restauração denominacional que adotou a designação de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL (UIECB);

— Realiza-se o 1.º Congresso Nacional de Missões, em 1965, sob a égide da UIECCB;

— Dissolve-se a UIECCB em assembléia geral efetuada em janeiro de 1961 ficando as igrejas evangélicas congregacionais que pertenciam àquela UNIÃO

[28]

representadas, em caráter provisório, pela entidade designada, impropriamente, de IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL;

— A então existente, UIECB, promotora da restauração denominacional, estabelece entendimentos com a recém-formada IECB, para a efetivação do agrupamento dos evangélicos congregacionais, em um só todo denominacional;

— Inaugura-se o ACAMPAMENTO EBENÉZER, na Pedra de Guaratiba, RJ, denominacional; em de 1967;

— Realiza-se uma assembléia geral, nos dias 26 de janeiro a 1.º de fevereiro de 1969, com representantes das igrejas da UIECB e da IECB para aprovação do reagrupamento das igrejas evangélicas congregacionais;

— Reafirmam-se os princípios característicos do congregacionalismo no Brasil e aprova-se uma nova Constituição;

— Proclama-se, solenemente, no templo da Igreja Evangélica da Pedra de Guaratiba, em fevereiro de 1969, o reagrupamento dos dois ramos Congregacionais do Brasil, formando-se deste modo, uma nova e única, UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL, conversando-se a sigla UIECB.

QUINTA FASE (A partir do ano de 1969)

A nossa quinta fase histórica tem o seu começo marcado pela experiência da vitória do lema convencional a que nos submetemos em assembléia geral — "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor", (Zacarias 4:6).

Definiu o irmão presidente da Junta Geral da administração denominacional, no início desta nova fase, que, "a nova estrutura aprovada, além de outros fatores positivos que contém, apresenta os seguintes: centraliza a sua filosofia de vida; restaura e revigora o seu sistema democrático de governo; apela ao bom senso de todos, em termos de cooperação, quanto aos compromissos assumidos; destaca e fortalece a sua posição doutrinária; fortifica o seu poder central, dando-lhe condição de sobrevivência e de manutenção condigna, bem como novas, justas, seguras e práticas diretrizes, mediante uma salutar planificação geral de suas atividades, para melhor funcionamento de sua máquina administrativa."

Em decorrência da aplicação da nova estrutura administrativa resultante da constituição aprovada na assembléia geral realizada nos dias 26 de janeiro a 1.º de fevereiro de 1969, sublinham-se os seguintes fatos, nesta quinta fase:

— Estabelecimento inicial de 17 regiões administrativas compreendendo 177 igrejas localizadas em 12 Estados;

— Aprovação de um logotipo para simbolizar a Denominação;

— Aquisição da sede própria da UI ECB;

— Legalização dos bens pertencentes à UNIAO;

— Fixação de programa administrativo por meio de Plano — Diretor; previamente aprovado, bienalmente, em assembléia geral;

— Inscrição inicial de mais de cem ministros por meio de assinatura de Termo de Compromisso;

— Fortificação de planos, métodos e processos de desenvolvimento, em termos dinâmicos de integração do congregacionalismo brasileiro;

— Estabelecimento e funcionamento de uma gráfica, com grande investimento financeiro em máquinas;

— Incrementação da Campanha Nacional de Evangelização, através do Departamento de Missões;

— Publicação regular de Boletim Informativo com divulgação detalhada da ação administrativa da Junta Geral da *União*;

[29]

— Funcionamento do Seminário Teológico, em regime de externato, na sede da UNIAO, e, em face do desenvolvimento, no Edifício Kalley, da Igreja Evangélica Fluminense; bem como, em regime de internato, na Pedra de Guaratiba;

— Confecção e publicação do Manual do Ministro para uso em cerimônias religiosas;

— Realização de encontros periódicos de pastores e obreiros em geral, para apreciação conferencial, de temas educacionais, de missões e de estudo de assuntos relevantes referentes ao progresso denominacional;

— Funcionamento regular do ACAMPAMENTO EBENÉZER para jovens, adolescentes e juvenis, na Pedra de Guaratiba, RJ, em temporadas de férias escolares, anuais;

— Realização regular de assembléias regionais em todas as regiões administrativas;

— Celebração de fatos históricos como:

a) Nonagésimo aniversário da fundação de "O Cristão";

b) 120 anos de "Salmos e Hinos";

c) 100 anos da "Breve Exposição";

d) Centenário de nascimento do Rev. Francisco Antônio de Souza;

e) Centenário do nascimento do Rev. Júlio Leitão de Melo;

f), Centenário da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.

— Registro estatístico, até 1982, de mais 5 regiões administrativas, perfazendo um total de 22 em todo o campo denominacional, compreendendo 211 I igrejas;

— Realização bienal de 08 assembléias Gerais, até janeiro do ano de 1983, perfazendo um total de 37, a partir do ano de 1913.

7. NOMENCLATURA DENOMINACIONAL E RESPECTIVAS ALTERAÇÕES CONVENCIONAIS

1 - União das Igrejas Evangélicas Indenominacionais — 1.^a Convenção realizada nos dias 06 a 10 de julho de 1913, na Igreja Evangélica Fluminense -Rio de Janeiro.

2 - Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Brasileiras e Portuguesa; — 2.^a Convenção realizada nos dias 22 a 26 de março de 1916, na Igreja E. C. de Niterói — E. do Rio.

3 União das Igrejas Evangélicas que aceitam a "Breve Exposição da; Doutrinas Fundamentais do Cristianismo", recebida pela Igreja Evangélica Fluminense — 3.^a Convenção realizou-se nos dias 07 a 11 de maio de 1919, na Igreja E. Fluminense.

4 - União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e Portugal 4.^a Convenção realizada nos dias 01 a 08 de maio de 1921, na Igreja Fluminense.

5 - União Evangélica Congregacional Brasileira — 5.^a Convenção realizou- se nos dias 06 a 13 de maio de 1923, na Igreja Evangélica do Encantado.

De junho de 1923 a janeiro de 1924, por influência de uma reação da Igreja E. Fluminense contra o nome adotado na 5.^a Convenção, aparece no "O Cristão" o nome de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais Independentes, sugerido pela Assembléia daquela Igreja.

A denominação nunca adotou oficialmente esse nome.

Somente no ano de 1924, "O Cristão" publicou nos nºs. 249 a 252, o Estatuto e o Regimento Interno aprovado na 5.^a Convenção. Nessa Convenção foi aprovado o nome de União Evangélica Congregacional Brasileira.

6 - União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal — 6.^a Convenção realizou-se nos dias 24 a 31 de maio de 1925, na Igreja Evangélica Santista — Santos — SP.

[30]

7— *Uniao Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal* — 7.^a Convenção realizada nos dias 20 a 27 de maio de 1928, na Igreja Fluminense — Gb.

8 — UNIAO EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL E PORTUGAL — 8.^a Convenção realizada nos dias 18 a 25 de maio de 1930, na Igreja do Encantado — Gb.

9 — *União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal* — 9.^a Convenção realizada nos dias 17 a 24 de julho de 1932, na Igreja Fluminense — Gb.

10 — *União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal*, realizou a 10.^a Convenção nos dias 20 a 27 de maio de 1934, na Igreja de Passa Três — E. do Rio.

Nesta Convenção criou-se a *Federação Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal dividida em União Evangélica Congregacional do Sul do Brasil, do Norte e de Portugal*.

Em 1936 houve o 1.^o Concílio da UNIÃO EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO SUL DO BRASIL, na Igreja de Niterói — 15 a 21/06/1936.

Em 1937 quando deveria realizar-se o 1^o Congresso da Federação E. C. do Brasil e Portugal, voltou a existir a UNIAO EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL E PORTUGAL, em 20 a 27/06/1937.

11 — *Uniao Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal* — Realizou a 11.^a Convenção em 20 a 27 de junho de 1937, na Igreja E. Fluminense.

12 — União das Igrejas Evangélicas do Brasil! (Governo Congregacional) — 12.^a Convenção em 23 a 30 de junho de 1940, na Igreja Fluminense — Gb.

No período de julho de 1937 a junho de 1940, sob a presidência do Rev. Ismael da Silva Jr., a Junta Geral aprovou entrar em demarches com a Igreja Cristã para ver se era possível uma fusão entre as nossas igrejas e as cristãs.

Na XII Convenção em 1940 foi adotado como sugestão o nome: *União das Igrejas Evangélicas do Brasil* (ou das Igrejas Cristãs do Brasil) — Governo Congregacional. Foi aprovada a Constituição.

Conforme está publicado no "O Cristão" (1940) o nome da denominação, ora escolhido visou tornar possível a união com outras igrejas que *adotam o nosso governo e os 28 Artigos da Breve Exposição*.

As demarches perduraram até junho de 1942 quando se realizou a 13.^a Convenção.

13 — Nos dias 21 a 23 de junho de 1942, na Igreja E. C. Santista, reuniu-se a 13.^a Convenção convocada pela UNIAO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS DO BRASIL (Governo Congregacional) e só funcionou em 03 sessões. Na 3.^a sessão ficou resolvida a fusão das Igrejas Congregacionais com as Igrejas Cristãs e encerradas as atividades de ambas organizações denominacionais.

Surgiu, então, como nova denominação, a UNIAO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS E CRISTÃS DO BRASIL.

Com o novo nome de UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS E CRISTÃS DO BRASIL, sintetizado na sigla UIECCB, as assembleias gerais das antigas igrejas evangélicas congregacionais, perderam a sua seqüência numérica.

Sob a nova nomenclatura denominacional, e até o ano de 1969, as convenções receberam nova numeração, a saber:

1.^a Convenção da UIECCB — 23 a 28 de junho de 1942, realizado no templo da Igreja Evangélica Santista, no Estado de São Paulo.

2.^a Convenção — De 18 a 25/06/1944 — Igreja Evangélica Fluminense;

3.^a Convenção — De 26/01 a 02/02/1947 — Igreja Cristã Evangélica de São José dos Campos — São Paulo.

4.^a Convenção — De 13 a 20/02/1949 — Igreja Evangélica Congregacional de Vitória de Santo Antão — Pernambuco.

5.^a Convenção — 20 a 27/01/1952 — Abrigo Evangélico da Pedra de Guara-

[31]

tiba e Seminário Teológico do Rio de Janeiro, no Estado da Guanabara.

6.^a Convenção — 20 a 23/10/1953 — Instituto Bíblico da Pedra de Guaratiba.

7.^a Convenção — 17 a 24/07/1955 — Instituto Bíblico da Pedra de Guaratiba.

8.^a Convenção — 15 a 27/07/1958 — Colégio Couto Magalhães — Anápolis — Goiás.

9.^a Convenção — (Extraordinária) — 12 a 14/02/1959, nas dependências do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba — Gb.

10.^a Convenção — 23 a 29/07/1961 — Igreja Cristã Evangélica de São José do Campos — S. Paulo.

11.^a Convenção — 19 a 26/07/1964 — Nas dependências denominacionais localizadas na Pedra de Guaratiba — Gb.

12.^a Convenção — (Extraordinária) — 24 a 29/01/1968 — Igreja Evangélica Congregacional de Niterói — RJ.

8. SEQUÊNCIA NUMÉRICA CONVENCIONAL

Em janeiro do ano de 1960, oficializou-se um movimento de restauração denominacional, resultando o restabelecimento da seqüência numérica e histórica do congregacionalismo no Brasil.

As igrejas evangélicas congregacionais, fiéis aos princípios originais da denominação, restabeleceram-se, tradicionalmente, sob a designação de UNIÃO DA; IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL (UIECB).

As assembléias gerais das igrejas evangélicas Congregacionais, retomaram sua seqüência numérica, interrompida em 1942 e passaram a se designar de concílios.

O primeiro concílio da UIECB, realizado de 26 a 31/01/ 1960, passou a ser 14.^a Assembléia denominacional, em relação à 1.^a Convenção geral realizada em julho de 1913.

15.^o Concílio — (Extraordinário) de 21 a 23/01/1961 — Igreja Evangélica Congregacional de Catolé do Rocha — Paraíba.

16.^o Concílio — de 08 a 13/07/1963 — Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande — Paraíba.

17.^o Concílio — de 10 a 16/07/1966 — Igreja Evangélica Congregacional de Encantado — RJ.

18.^o Concílio — (Extraordinário) — de 20 a 21/07/1967 — Igreja Evangélica Congregacional de Feira de Santana — Bahia.

19.^o Concílio — (Extraordinário) — de 26 a 31/1 de 1969 — na área do Seminário Teológico do Rio de Janeiro, na Pedra de Guaratiba.

IECB — IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL — Esse foi o título provisório adotado para designar a entidade representativa das igrejas evangélicas congregacionais. Tal título impróprio prevaleceu, apenas, de janeiro de 1968 a 1.^o de maio de 1969, quando se instalou a primeira Assembléia Geral do grupo de igrejas representado pela IECB.

UIECB. — UNIAO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAL DO BRASIL — Este título, adotado desde janeiro de 1960, continuou vigorando a partir da data do reagrupamento de todas as igrejas evangélicas congregacionais, mediante aprovação da magna assembléia denominacional de fevereiro de 1969 na Pedra de Guaratiba — RJ.

Logicamente, essa memorável assembléia foi a 21.^a, constituída, exclusivamente, de representantes de igrejas evangélicas congregacionais.

Por erro de computação, a assembléia geral da denominação que se realizou de 27/01 a 02/02 de 1971 foi numerada de 31.^a, quando deveria ser 33.^a, considerando-se as 12 convenções efetuadas na vigência da UI ECCB.

[32]

Tendo prevalecido o erro de contagem, a assembléia geral convocada para janeiro de 1983, foi designada de 37.^a, quando deveria ser a 38.^a.

9. ATUAL NOME DENOMINACIONAL: UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL (UIECB)

O integral conceito de DENOMINAÇÃO decorre dos fundamentos básicos estruturais que o próprio nome denominacional expressa.

A Denominação Evangélica Congregacional do Brasil é representada pela entidade denominada de UNIAO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL — UIECB, cujo nome foi adotado em janeiro de 1960.

Esse nome complexo é formado de palavras relacionadas coerentemente, por isso que traduz um nome denominacional, dentro do conceito que esse termo traduz.

A análise semântica dos elementos que compõem o nosso nome denominacional conduz-nos a seguinte compreensão lógica:

UNIÃO — Vocábulo representativo da idéia associativa que as nossas igrejas possuem como um todo denominacional. Esse conceito de UNIÃO é aceito desde o ano de 1913.

IGREJAS — Organizações eclesíásticas locais constituídas sob os mesmos princípios e bases, dentro do espírito das igrejas do Novo Testamento. Administram o batismo por um só modo, o da aspersão.

EVANGÉLICAS — Palavra muito tradicional para nós, congregacionais, pois foi utilizada desde os primórdios do evangelismo nacional pioneiro, em caráter permanente, como significativa da denominação. Como adjetivo esse vocábulo particularisa, essencialmente, o que é originário ou relativo ao Evangelho.

CONGREGACIONAIS — Esta expressão completa, nuclearmente, o termo nominativo da UNIÃO de Igrejas da mesma fé e ordem. É uma palavra básica à compreensão do nome denominacional. Por ela conclui-se que a nossa "União" não abrange a todos ou a vários grupos de igrejas existentes no país, mas limita-se a um determinado conjunto de organizações locais, puramente democráticas, isto é, que adotam o mesmo sistema de governo, exposam a mesma filosofia doutrinária, e praticam a mesma política administrativa.

10. ORIGEM DA UIECB

A sigla UIECB, abreviação do nome denominacional — UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL — designa o Congregacionalismo no Brasil como entidade reestruturada para um novo período de existência, iniciado na década 60 do nosso século.

No dia 26 de janeiro de 1960, numa assembléia constituída de representantes somente de igrejas congregacionais, efetivou-se um MOVIMENTO de recomposição denominacional, com a participação de 51 igrejas localizadas no norte, nordeste e sul do país.

Nessa "monumental, maravilhosa, histórica e emocionante" assembléia convencional foi organizada a UIECB.

Esse evento marcou o começo da quarta fase da nossa história denominacional, caracterizada pelos fatos e feitos a seguir.

[33]

1) PRECEDENTES

Os evangélicos congregacionais, como denominação organizada, são descendentes da singular e heróica batalha de evangelismo e missões implantada no Brasil sob a liderança pioneira do casal de missionários Kalley, no início da década do século 19.

Na apreciação do contexto da nossa história empolgam-nos vários aspectos profundamente significativos. Destacá-los é edificante.

Após 29 anos de vigência denominacional estável, interrompeu-se a seqüência histórica. Fundou-se uma nova entidade, em junho de 1942, em convenção geral realizada na Igreja Evangélica Santista. Esta nova entidade resultou da agregação de dois grupos de igrejas, o das igrejas cristãs evangélicas e o das igrejas evangélicas congregacionais. Foi,

então, proclamada como nova denominação, a UIECCB — União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil.

No decurso de 17 anos de funcionamento da UIECCB, tornaram-se manifestas seríssimas reservas e restrições doutrinárias e pessoais entre obreiros e igrejas que anteriormente pertenciam às alas denominacionais que se justapuseram convencionalmente.

Tal expressão denominacional foi, constrangedoramente, para nós, autênticos congregacionais, denunciada de "SANTA CONFUSÃO", pelo conhecido teólogo batista, W. C. Taylor, em seu livro — "Religião e Seitas", editado no ano de 1955.

A coexistência na UIECCB dos dois grupos que teoricamente se fundiram mas na realidade permaneciam incompatíveis, determinou a eclosão da abençoada campanha que se denominou de MOVIMENTO DE RESTAURAÇÃO DENOMINACIONAL.

Essa campanha teve o seu primórdio em junho de 1943 quando três igrejas do então Distrito Federal, com seus dois pastores, divulgaram um libelo severo contra o estabelecimento da "nova Denominação". Este libelo, subordinado ao título: "Pela Democracia Cristã, consubstanciou enérgicos depoimentos reacionários.

2) REAÇÃO EM PROCESSO

Aos líderes da campanha de restauração denominacional importava sustentar as tradições e o património histórico do congregacionalismo no Brasil. Pretendiam a continuidade da defesa honrosa dos nomes dos valorosos servos de Deus do passado que lutaram consagradamente pelo estabelecimento orgânico de uma entidade representativa das igrejas evangélicas que professavam as mesmas doutrinas, uma só forma de batismo e um governo eclesiástico definido.

Repetiram-se, publicamente, pronunciamentos conscientizadores da conveniência do retorno dos evangélicos congregacionais à forma denominacional condizente com o sentido de união delineado na primeira convenção geral, em julho de 1913.

As igrejas nordestinas também se mostravam insatisfeitas com o "status quo" denominacional da UIECCB.

Em visita muito fraternal às igrejas da região do sul, o Rev. Artur Pereira Barros, em nome das igrejas do nordeste, compartilhou, notoriamente, do movimento de restauração denominacional já deflagrado.

Não foi possível aos dirigentes gerais e regionais da UIECCB conter a efervescência da reação restauradora.

Ocorreria nos dias 26 a 31 de janeiro de 1960 a XVII Convenção Regional das Igrejas Congregacionais do Nordeste, ainda sob a sigla UIECCB e a presença

[34]

de obreiros do sul era aguardada para entendimentos sobre a situação geral da denominação em face da fluente aspiração de um novo posicionamento.

Plenos de satisfação e convictos de suas responsabilidades, os reverendos Salustiano Pereira Cesar, Ivan Espíndola de Ávila e Raul de Souza Costa compareceram à

expressiva assembléia convencional de Vitória de Santo Antão, cidade harmoniosa e poética do interior pernambucano.

Iniciados, com sucesso, os primeiros contatos dos obreiros do sul com os seus colegas nordestinos, sob consenso unânime, foi transformada a Convenção Regional do Nordeste, da UIECCB, em Concílio Geral das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil segundo o plano do Movimento de Restauração Denominacional, em plena execução.

Foram arrolados como membros do Concílio os ministros: Salustiano Pereira César, Ivan Espindola de Ávila, Raul de Souza Costa, Ibany Cardoso Soares, Augusto Paes d'Ávila e Elmir Lemos. Foram também inscritas as igrejas representadas por esses pastores, a saber, as igrejas evangélicas congregacionais de Piedade, Ramos e Encantado, do Rio de Janeiro e as igrejas de São Vicente e Camilópolis, de São Paulo.

3) CONCÍLIO RESTAURADOR

A primeira etapa vitoriosa do movimento restaurador sublimou-se com o estabelecimento formal da UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL no Concílio do nordeste, em janeiro de 1959.

Essa UNIÃO foi constituída como autêntica organização denominacional, e, desta forma ficou restabelecida a seqüência histórica do congregacionalismo interrompido de 1942 a 1959.

Compuseram a denominação restaurada: 46 igrejas do Nordeste, 2 do Estado de São Paulo e 3 do Estado do Rio, mediante a representação conciliar de 58 delegados, 26 ministros e uma missionária.

Coube ao Rev. Salustiano Pereira Cesar a iniciativa da elaboração do diploma constitucional da UIECB, aprovado pelos representantes conciliares.

Do mesmo redator foi a autoria da "SÚMULA DE PRINCÍPIOS" que fixou em 17 itens um resumo dos conceitos doutrinários inalienáveis do congregacionalismo no Brasil.

Com o restabelecimento da forma denominacional em termos tradicionais, foi vencida a primeira jornada da grande campanha pró reagrupamento dos evangélicos congregacionais em um todo único e uniforme.

4) CONSCIENTIZAÇÃO PROGRESSIVA

Indubitavelmente Deus abençoou os líderes congregacionais que se empenharam na grande campanha de recomposição denominacional.

O concílio geral que instituiu a UIECB foi um marco indelével da nossa história evangélica congregacional. Os testemunhos registrados atestam a relevância do acontecimento.

Restaurada a nossa Denominação sob a sigla UIECB prosseguiu a campanha no sentido do reagrupamento de todas as igrejas ainda subordinadas à contestada UIECCB.

Através de pronunciamentos constantes em reuniões públicas e em artigos publicados no órgão oficial — BRASIL CONGREGACIONAL, fundado em janeiro de 1960, teve eficiente continuidade a segunda etapa da campanha de restauração denominacional,

objetivando a conscientização dos evangélicos congregacionais que continuavam fora da novel UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL = UIECB — entidade preserva-

[35]

dora do patrimonio histórico e espiritual da nossa amada Denominação.

Graças à permanência da direção divina, a fervorosa campanha restauradora registrou, em janeiro de 1968, notável fato: A UIECCB em assembléia geral extraordinária optou por sua dissolução, voltando a existir a antiga IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA, na sua forma anterior, ao ano de 1942.

As igrejas evangélicas congregacionais que participavam da organização dissolvida, ficaram agrupadas denominacionalmente sob a designação, ilógica, de IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL. Este nome foi adotado em caráter provisório e perdurou, apenas, doze meses.

5) REAGRUPAMENTO TOTAL

Em agosto de 1968 a direção da vigente entidade representativa da Denominação Evangélica Congregacional, a UIECB, oficiou ao grupo isolado de igrejas componentes da IECB, resultante da dissolução da UIECCB, propondo um encontro para entendimentos, tendo em vista o reagrupamento total das Igrejas autenticamente congregacionais.

Aceita a proposta, duas comissões funcionaram para os necessários entendimentos, A primeira comissão representando a UIECB teve como relator o Rev. Salustiano Pereira César e a segunda, designada pela IECB, tendo como relator o Rev. Manoel da Silveira Porto Filho.

Acordaram essas comissões que os entendimentos eram de procedência divina e consideraram oportuna a reunificação das igrejas evangélicas congregacionais do Brasil.

Para a efetivação do reagrupamento total as entidades em ajuste foram convocadas para se reunirem separadamente em assembléia geral, nos dias 26 a 31 de janeiro de 1969, na área da sede do Seminário Teológico do Rio de Janeiro, na Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro.

Após intensa discussão e aprovação dos pontos básicos para a oficialização do reagrupamento, os componentes dos conclaves dos dois grupos de igrejas congregacionais se integraram em uma única assembléia para a apreciação da nova Constituição e Regimento Interno da entidade representativa das igrejas I que passaram a constituir o todo Denominacional.

VITÓRIA ALCANÇADA

Longo foi o período de contestação da UIECCB pela UIECB. A luta durou nove anos, mas sempre compensada pela inspiradora presença divina.

Mais de 70 igrejas e ministros compartilharam dos ideais do histórico movimento de restauração denominacional.

Todas as apreensões, indagações e suspenses que antecederam o alcance da meta final, foram diluídos em ambiente de salutar persistência, compreensão e boa vontade.

Houve acordo unânime na sustentação dos nossos tradicionais princípios e na permanência do nome denominacional representado pela sigla UIECB, conforme o adotado desde janeiro de 1960, no concílio que oficializou a grande campanha restauradora.

Enfim, a vitória dos congregacionais genuínos, novamente reagrupados constituídos num só corpo denominacional, foi solene e publicamente anunciada no templo da Igreja Evangélica Congregacional da Pedra de Guaratiba, no dia 1.º de fevereiro de 1969, às 20 horas.

Nessa magna solenidade foi lida, de modo audível, uma mensagem subscrita pelos reverendos Salustiano Pereira César e Manoel da Silveira Porto Filho proclamando o reagrupamento dos dois ramos congregacionais representados

[36]

pela UNIAO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL e pela IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL.

Em decorrência desse majestoso feito, em humilde submissão à vocação de fraternidade em Cristo, continuou a existir a Denominação Evangélica Congregacional sob a sigla UIECB.

Encerrou-se, assim; a segunda e última etapa do Movimento de Restauração Denominacional e iniciou-se a V fase histórica dos evangélicos congregacionais do Brasil.

11. SÍMBOLO GRÁFICO DA DENOMINAÇÃO

Pela primeira vez foi aprovado, em 1970, um *Logotipo*, para representar gráfica e simbolicamente a Denominação. Dentre os seis participantes do concurso para a apresentação de sugestões foi aprovado o seguinte:

CARACTERÍSTICAS DO LOGOTIPO



I - Apresentação:

O Logotipo tem por base dois elementos:

- a) Uma cruz formada pelas letras UIECB, que formam a sigla do título: União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.
- b) Um livro aberto, representativo de uma bíblia.

II — Descrição dos elementos:

a) Cruz:

- 1 — Na cruz, colocada acima do livro aberto, notam-se as letras UIECB;
- 2 — Na parte superior estão as letras UIE, sendo que a letra U, inicial da palavra UNIAO, envolve as letras IE. A idéia simbolizada é a de que a nossa denominação é uma união de igrejas evangélicas.
- 3 — Abaixo das letras UIE destaca-se o braço horizontal da cruz, formado pela letra C, inicial da palavra Congregacional que significa o sistema de governo que vincula as igrejas.
- 4 — A parte central é formada pela letra B inicial da palavra Brasil, o nosso amado País.

b) O livro aberto:

A cruz assenta-se no livro aberto, representativo de uma Bíblia, única regra de fé e prática.

III — Conjunto:

O logotipo, no conjunto dos seus elementos oferece o destaque de:

- *Uma cruz*, símbolo do cristianismo, formada pelas letras iniciais do nome da entidade representativa da denominação, cuja sigla é UIECB.
- *Uma bíblia* — Fonte doutrinária dos cristãos evangélicos.

[37]

12. PRESIDÊNCIA DA DENOMINAÇÃO DE 1913 a 1984

Rev. Alexander Telford.....	1913 a 1916
Rev. Dr. Francisco Antônio de Souza.....	1916 a 1923
Rev. Dr. Antônio Primo Salustiano Marques.....	1923 a 1928
Rev. Jônatas Tomaz de Aquino.....	1928 a 1932
Rev. João Correia d'Ávila.....	1932 a 1934
Rev. Pedro de Sá Rodrigues Campelo.....	1934 a 1936
Rev. Jônatas Tomaz de Aquino.....	1936 a 1938
Rev. Fortunato Gomes da Luz.....	1938
Rev. João Mazzoti Júnior.....	1939
Rev. Ismael da Silva Júnior.....	1939 a 1940
Rev. Waldemar Gomes de Figueiredo.....	1940
Rev. Sinésio Pereira Lira.....	1941 a 1942

UIECB — CONGREGACIONAIS E CRISTÃOS REUNIDOS

Rev. Antônio Augusto Varizo Júnior.....	1942 a 1944
Rev. Fortunato Gomes da Luz.....	1944 a 1946
Rev. Augusto Paes d'Ávila.....	1947 a 1949
Rev. Prof. Manoel da Silveira Porto Filho.....	1949 a 1958
Rev. Antônio Augusto Varizo Júnior.....	1958 a 1961
Rev. Jessé Pereira Alcântara.....	1961 a 1964

Rev. Nilson Pinto Correia..... 1964 a 1968

UIECB — CONGREGACIONAIS DISSIDENTES DA UIECCB

Rev. Arthur Pereira Barros..... 1960 a 1963

Rev. Prof. Salustiano Pereira César..... 1963 a 1969

IECB — CONGREGACIONAIS REMANESCENTES DESVINCULADOS DA UIECCB

Rev. Prof. Theodoro José dos Santos..... 1968 a 1969

UIECB — CONGREGACIONAIS REAGRUPADOS (DISSIDENTES E REMANESCENTES)

Rev. Prof. Theodoro José dos Santos..... 1969 a 1973

Rev. Prof. Daniel Gonçalves Lima..... 1973 a 1976

Rev. Prof. Deneci Gonçalves da Rocha..... 1977 a 1978

Rev. Prof. Daniel Gonçalves Lima..... 1979 a 1980

Rev. Prof. Deneci Gonçalves da Rocha..... 1981 a 1982

Rev. Jair Alvares Pintor..... 1983 a 1984

13. ESTRUTURA DENOMINACIONAL

O congregacionalismo no Brasil, conquanto não se equipare as demais denominações no que se refere à expansão evangelística e missionária, mantém-se firmemente implantado quanto ao sistema de governo eclesiástico, à filosofia doutrinária e às normas e práticas culturais e administrativas.

As igrejas locais que se fazem representar denominacionalmente como congregacionais, na forma corporativa estabelecida na convenção geral realizada em 1913, intitulam-se, apenas, como Igrejas Evangélicas Congregacionais e são filiadas à União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, cuja sigla é — UIECB.

[38]

Alcançamos no ano de 1983, sete decênios de organização formal e somamos 206 igrejas organizadas, distribuídas em 22 regiões administrativas.

Nessas regiões estão incluídas igrejas situadas em 14 Estados e no Distrito Federal, sendo: 112 no Rio de Janeiro, 29 em São Paulo, 25 em Pernambuco, 13 na Paraíba, 8 em Minas Gerais, 6 na Bahia, 3 no Paraná, 2 no Ceará, 1 no Mato Grosso, 1 no Distrito Federal, 1 no Pará, 1 no Sergipe, 2 no Espírito Santo, 1 em Alagoas e 1 em Santa Catarina.

As igrejas evangélicas congregacionais — IEC — tradicionalmente adicionam ao seu nome próprio o termo que indica o bairro, município ou cidade onde têm sede.

ADMINISTRAÇÃO

A administração denominacional se processa através dos seguintes órgãos:

— Assembléia geral,

- Junta Geral,
- Assembléias regionais,
- Juntas regionais,
- Departamentos e comissões gerais e regionais de serviços especializados.

Os departamentos gerais em funcionamento são: De Educação, Imprensa e Publicações, Ação Social, Missões, Serviços Gerais, Atividades Ministeriais e Evangelização.

A cada departamento geral corresponde uma secretaria regional.

A assembléia geral é constituída de: Todos os Ministros vinculados à Denominação; representantes de cada igreja e membros consultivos.

A Junta Geral é formada de 8 diretores, membros vogais e membros consultivos.

O mandato da Junta Geral e regional tem vigência no interregno das Assembléias.

São membros consultivos da Junta Geral as Confederações de atividades leigas. Os membros vogais são representantes das Juntas Regionais.

Cabe à Assembléia Geral deliberar sobre assuntos de interesse denominacional e à Assembléia Regional coordenar os assuntos de interesse regional e deliberar sobre os mesmos.

A composição da assembléia regional é formada de ministros em atividade pastoral, representantes de cada igreja da região e os diretores da Junta Geral.

As juntas regionais são constituídas de: 5 diretores, membros vogais e membros consultivos. São membros vogais os ministros ou pastores em atividade na Região e consultivos os representantes das igrejas da respectiva região.

As igrejas evangélicas congregacionais integrantes da UIECB são autônomas e independentes em matéria administrativa e disciplinar.

A eficiência administrativa da Denominação é prevista em um Plano Diretor, minuciosamente elaborado e aprovado em assembléia.

PLANO DE EXPANSÃO

Desde o ano de 1980 as igrejas e a administração denominacional estão dando cumprimento a um projeto arrojado de expansão evangelística visando a multiplicação de igrejas e de evangélicos congregacionais.

Alvos otimistas estão sendo abençoadamente alcançados por grande número de igrejas, sendo que 70% delas já mantêm pelo menos um ponto de pregação

[39]

e dessa porcentagem 50% é responsável por expressivo número de congregações organizadas.

O Departamento de Evangelização da UIECB estabeleceu um grandioso e bem formulado plano de novas frentes de trabalho, em localidades estratégicas nos vários estados brasileiros.

Esse plano, que compreende a década de 80 a 89, envolve todas as igrejas agrupadas para ativar trabalhos de expansão em múltiplas direções estaduais.

A liderança atual da denominação visiona o alvorecer da década de 90 apresentando a comunidade evangélica congregacional constituída de expressiva multiplicação de igrejas.

[40]

Segunda Parte EVOLUÇÃO DENOMINACIONAL

1. SALMOS E HINOS TRADICIONAL LEGADO HISTÓRICO

Graças ao talento poético e musical de SARAH KALLEY, as comunidades evangélicas da primeira geração de Protestantismo brasileiro, pôde cultivar e louvar a Deus através do cântico sacro em sua própria língua.

O primeiro hinário evangélico, só formado de letras, editado em Português, em 1861, constou de cinquenta e cinco hinos, metade dos quais foram escritos pelo Dr. Kalley e sua esposa.

À coleção desses hinos foi dado o nome de SALMOS E HINOS, designação essa que permanece até hoje, quando circula uma edição revista e aumentada, impressa em 1976, constando de 28 salmos, 496 hinos e 27 coros.

Não há quem possa negar que esse hinário representa um patrimônio histórico e espiritual do povo de Deus, originado na Igreja Evangélica Fluminense e que, durante 50 anos, foi o único instrumento musical de adoração, usado por todos os evangélicos de língua portuguesa, em todo mundo.

Além de ter sido a primeira coletânea de cânticos sacros em nosso idioma, organizado no Brasil, foi adotado por todas as principais Denominações evangélicas, sem exceção, inclusive a Batista, até quando confeccionaram os seus próprios cantores.

A primeira edição de "Salmos e Hinos" com música, foi publicada no ano de 1868 e a 5.ª edição, em 1975, pela Igreja Evangélica Fluminense, proprietária desse hinário.

Os evangélicos congregacionais não podem deixar de serem reconhecidos como autênticos pioneiros de gloriosos e tradicionais empreendimentos de interesse geral do evangelismo brasileiro, destacando-se a publicação de um hinário como instrumento de inspiração para os cultos nas igrejas; de louvor e adoração em família e de manifestações individuais de experiência de comunhão com Deus.

2. PRIMEIRO REGISTRO DE IGREJA EVANGÉLICA COMO PESSOA JURÍDICA

DECRETO N.º 7.907
de 22 de Novembro de 1880.

Aprova os Artigos Orgânicos ou Estatutos da Igreja Evangélica Fluminense Atendendo ao que requereram os membros da Igreja Evangélica Fluminense, e Conformando-Me, por Minha Imediata Resolução de 16 de Outubro próximo findo, com o parecer da Secção dos Negócios do Império do Conselho de

Estado, exarado em consulta de 27 de Agosto antecedente, Hei por bem Aprovar, para os efeitos civis, os Artigos Orgânicos ou Estatutos da mesma Igreja datados de Agosto de 1879, com a cláusula, porém, de que a Igreja fica obrigada, nos casos e para os fins designados no Decreto n.º 1.225 de 20 de agosto de 1864, a impetrar licença especial, quanto aos bens que dora em diante adquirir.

O Barão Homem de Melo, do Meu Conselho, Ministro e Secretário do Estado de Negócios do Império, assim o tenha entendido e faça executar.

Palácio do Rio de Janeiro, em 22 de Novembro de 1880, 59.º da Independência e do Império.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador

Barão Homem de Melo

Dom Pedro, por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, Faço saber aos que esta Minha, Carta virem, que atendendo ao que requereram os membros da Igreja Evangélica Fluminense, e conformando-Me, por Minha imediata Resolução de 16 de Outubro próximo findo, com o parecer da Secção dos Negócios do Império e Conselho de Estado, exarado em Consulta de 17 de Agosto antecedente, Hou, por bem, por Decreto n.º 7.907, de 22 de Novembro último, Aprovar, para os efeitos civis, os Artigos Orgânicos ou Estatutos da mesma Igreja, datados de 22 de Agosto de 1877, com a cláusula, porém, de que a Igreja fica obrigada, nos casos e para os fins designados no Decreto n.º 1,225 de 20 de Agosto de 1864 a impetrar licença especial quanto aos bens que dora em diante adquirir. Pelo que lhe Mande passar a presente por Mim assinada, e que será selada com as Armas Imperiais.

Dada no palácio do Rio de Janeiro, em quatro de Dezembro de mil oitocentos e oitenta, quinquagésimo nono ano da Independência e do Império

IMPERADOR D. PEDRO II.

Barão Homem de Melo

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial Faz saber que, por Decreto 7,907 de 22 de Novembro de 1880, Houve por bem Aprovar, para os efeitos civis, os Artigos Orgânicos ou Estatutos da Igreja Evangélica Fluminense, como acima se declara.

Para Vossa Magestade Vêr.

Registrada a fl. 28 v. do Livro competente. — 2.º Diretoria da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, em 13 de Dezembro de 1880. — Mariano Batista Pereira.

N. 15 — Rs. 90\$000. — Pagou noventa mil reis de selo. — Recebedoria em 15 de Dezembro de 1880. — Lima Nogueira Lemos.

NOTA: Adotamos a ortografia simplificada, sem alterar a redação original. — O Editor.

3. IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE

1.ª SEDE DA DENOMINAÇÃO CONGREGACIONAL

Mensagem gratulatória da Junta Geral da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, proferida no dia 14/05/1971, pelo Rev. Prof. Salustiano Pereira César e dirigida à Igreja Evangélica Fluminense pela cessão de suas dependências anexas ao templo, durante decênios, para uso oficial como sede da denominação.

Igreja Evangélica Fluminense, igreja-mater do evangelismo congregacional brasileiro;

Caríssimos irmãos em Cristo; Pastor, presbíteros, diáconos e diretores da Administração do Patrimônio:

Fatos marcantes e inarredáveis na história do evangelismo pátrio, a Igreja Evangélica Fluminense, consolidam o pujante acervo da vossa existência eclesial de mais de onze décadas.

Sob a graça fecundante do Espírito Santo fostes o berço da organização de uma União de igrejas do sistema de governo congregacional e por vossa iniciativa santa, já em 1910, formulava-se um estatuto provisório para a nascente entidade. Seis das igrejas, naquela época atuantes, e que seguiam a orientação da primeira igreja fundada no Brasil, aceitaram de bom grado as proposições instituidoras da União das Igrejas Evangélicas que adotavam a "BREVE ESPOSIÇÃO DAS DOCTRINAS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO", recebidas pela Igreja Evangélica Fluminense.

Sois, portanto, a Igreja líder da obra evangélica congregacional constituída em uma União de Igrejas, com o sagrado propósito de estreitar os laços de amor fraternal entre as igrejas; promover o desenvolvimento do seu trabalho e os interesses espirituais e temporais das mesmas.

Tendes comprovado a vossa vocação eclesial neo-testamentária tanto na área local da vossa presença como no vosso equilibrado relacionamento com as demais comunidades congêneres.

Desde quando se estabeleceu em definitivo, no ano de 1913, a organização denominacional que ora representamos, a vossa participação efetiva e auxiliadora tem sido de indiscutível valor.

O vosso santuário e suas boas dependências anexas, sempre estiveram à disposição para o funcionamento regular dos vários órgãos denominacionais.

Multiplicadas foram as vezes em que, no transcurso dos anos, não possuindo a nossa entidade denominacional condições de custeio operacional, a Igreja Evangélica Fluminense ofereceu voluntária e abnegadamente os seus recursos móveis, imóveis e pecuniários para prover a União de Igrejas de Meios indispensáveis ao seu normal procedimento.

Neste momento, quando a nossa denominação, representada pela atual União de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, vos presta uma justíssima homenagem, seria inadmissível deixarmos de proclamar com gratidão e louvores sinceros a vossa sempre generosa atuação para o fortalecimento do lastro histórico dos 58 anos do estabelecimento da respeitável e singularmente venerada União de Igrejas.

Embora submetida ao longo da sua existência a alguns reparos profundos de ordem administrativa, graças à bênção divina, o seu escopo inicial não foi anulado. Ela continua sendo uma União de Igrejas do regime congregacional com a finalidade de "estimular o estreitamento dos laços de fraternidade entre as igrejas filiadas e promover a cooperação nas suas atividades espirituais e temporais, visando, em tudo, ao progresso do Reino de Deus".

[43]

Alegra-nos enfatizar que o espírito de unidade e ajuda mútua sintetizado na palavra UNIÃO prevalece ainda, pois, há mais de 50 anos ela é usada como base nacional do nome da entidade representativa da denominação evangélica congregacional. Tal palavra traduz uma destinação lidimamente, tradicional implantação pela Igreja Evangélica Fluminense, a destinação de sermos uma União de Igrejas sem quaisquer implicações com as normas próprias das igrejas componentes ou entidade geral.

No dia 16 de julho de 1921 quando foi celebrado o Jubileu de Ouro da Escola Dominical desta Igreja, referindo-se ao grande ideal de construção de um novo edifício, o Rev. Francisco Antônio de Souza, Pastor da Igreja e Presidente da então União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e Portugal proclamou o seguinte:

"Temos em vista localizar no edifício a construir-se, todos os departamentos de trabalho denominacional: Seminário, Sede da União, redação do "O Cristão", Centro de Escolas Dominicais, Centro Social e quaisquer outros de interesse local e denominacional".

Onze anos após ter sido feita esta declaração, já no pastorado do Rev. Jônatas Tomás de Aquino, no dia 16 de julho de 1932 era inaugurado solenemente o edifício almejado — o Edifício Kalley".

A Igreja Evangélica Fluminense satisfaz o seu magno propósito. Abriga graciosamente, até hoje, neste edifício, os diversos organismos denominacionais.

Assim tem acontecido porque esta Igreja nunca se escusou de dar apoio cooperação à entidade denominacional da qual fez parte em todo o tempo e que se tem mantido subordinada à sua finalidade principal justificada na primeira convenção geral realizada no seu templo.

A UNIAO tem lutado para afirmar-se no consenso geral do evangelismo brasileiro; tem sofrido reveses; tem recuado e tem avançado; e nesse constante esforço por sua preservação Deus lhe tem permitido situar-se em vários períodos progressivos de expressão. É o que constatamos presentemente.

A União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, sucessora histórica da primitiva UNIÃO, divisando novas possibilidades orgânicas, sentiu exigências do seu porte, e ainda que não possa avaliar-se sem levar em conta a grandeza dos efeitos da proteção hospitaleira que tem recebido da Igreja Evangélica Fluminense; sem menosprezo a quem muito lhe beneficiou, mas consciente da sua missão, decidiu sediar doravante em local de domínio próprio mais conveniente à sua estrutura atual.

Eis-nos aqui neste solene momento para destacarmos por meio de uma placa de bronze o empenho gratulatório da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil reconhecida pelo inigualável préstimo e comprovado trato fraterno da 1.^a Igreja Evangélica no Brasil.

Este é o último ato público e oficial da Junta Geral da UIECB no uso do amplo Edifício Kalley, como sua sede temporária.

A mensagem esculpida que ora vos dedicamos servirá, de modo permanente para certificar aos servos de Deus do presente e do futuro, que por aqui transitarem, um depoimento a mais de justiça e de honra à incomparável Igreja Benfeitora — a Igreja Evangélica Fluminense.

Perorando, pedimos que nos acompanhem numa santa comunicação com Deus que nos ouve e tem poder para julgar as nossas palavras e os nossos atos. Assim, oremos:

Ó Pai doador de toda a graça e virtude, suplicamos-te humildemente em prol da tua Igreja Evangélica Fluminense e de todas as tuas Igrejas aqui representadas enche-as de toda a verdade e de toda a paz. Digna-te purificá-las onde estiverem comprometidas; corrige-as onde estiverem erradas; reforma-as onde forem achadas superadas.

[44]

Permite, ó Senhor que, como há um só Espírito, um só Senhor, uma só Fé e uma só Esperança de nossa vocação, as tuas igrejas constituídas em um só corpo, manter todos os seus membros unidos em sadia irmandade, sob a tua autoridade, sob a tua autoridade suprema, ó pai misericordioso.

Dá-nos arrependimento de nossas discórdias; coragem para fazermos a tua vontade, amor que derrube as barreiras do orgulho e preconceitos e estabeleça uma perfeita lealdade no teu Santo nome. Concede-nos o espírito que não se satisfaz com o que foi atingido, mas, antes, arroja-se em busca de mais luz e de mais vida.

Abençoa extraordinariamente aqueles que estão investidos de responsabilidade de liderança no meio do teu povo, para que exerçam as suas funções com equilibrado comportamento; por amor do teu nome, te suplicamos. AMÉM.

4. "O CRISTAO" – O JORNAL EVANGÉLICO MAIS ANTIGO COM O MESMO NOME

Os evangélicos congregacionais, são detentores de fatos e feitos histórico-denominacionais que nenhuma outra entidade denominacional registra em seus anais.

Dentre os fatos marcantes da vida organizada do congregacionalismo no Brasil, sublinhamos a edição do jornal evangélico mais antigo com o mesmo nome — o O CRISTÃO.

É órgão oficial da denominação, fundado no dia 20 de janeiro de 1892.

O "O CRISTÃO" NASCEU BÍBLIA

Na tradição protestante no Brasil, os evangélicos sempre foram cognominados de os Bíblias. Assim, no cenário do evangelismo em nossa terra surgiu no mes de setembro de 1890 o periódico de imprensa intitulado de "O BÍBLIA", sob a responsabilidade do Rev. Salomão Luiz Ginsburg, ministro que por pouco tempo serviu às igrejas congregacionais.

Teve duração efêmera, pois foi suspensa a sua circulação no mês de dezembro de 1891.

Nesse mesmo mês e ano, às vésperas das comemorações natalinas, quando se encontrava a família Fernandes Braga em festa para comemorar o nascimento do, Salvador do Mundo, dois jovens, o José Luiz Fernandes Braga Júnior., filho da casa e Nicolau Soares do Couto, Acadêmico de medicina, noivo de uma das filhas do casal José Luiz Fernandes Braga — Cristina Fernandes Braga, sentados em torno da árvore do Natal comentavam a grande lacuna que se abriu entre os jovens evangélicos com o desaparecimento do — "O BÍBLIA".

Era O Bíblia um periódico que se destinava à divulgação do Evangelho de Cristo em nossa Pátria e era orientado por um grupo de jovens evangélicos.

Em meio a conversa sobre o desaparecimento do O BÍBLIA surgiu a idéia da fundação de um jornal substituto. Depois das considerações a respeito do assunto, com o apoio incondicional do Sr. José Luiz Fernandes Braga foi criado o novo jornal com o nome de "O CRISTÃO".

No dia 20 de janeiro de 1892 apareceu o primeiro número do "O CRISTÃO". O artigo de apresentação, da autoria do Dr. Nicolau Ricardo Soares do Couto Escher, destacou o seguinte: "O CRISTÃO é o resultado do esforço de um grupo de jovens cristãos que, tendo em vista a propagação das Verdades Evangélicas no Brasil, tomou a si o encargo da sustentação e redação de um periódico reli-

[45]

gioso, que viesse substituir a lacuna deixada pelo jornal "O Bíblia", que Ora, extingue."

O O CRISTAO nasceu "bíblia" de verdade, porque foi fundado para combater o erro, a imoralidade, a indiferença, o vício, a incredulidade e a espalhar a Palavra de Deus; a lutar enfim, pela Santa Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo ...".

Como se pode entender o O CRISTÃO nasceu para desenvolver um bom programa, bem definido, por isso venceu 90 anos.

Durante 21 anos o O CRISTÃO se manteve independente. Publicou durante esse período excelentes artigos doutrinários e estudos bíblicos que, se fossem reproduzidos, hoje, beneficiaria imensamente ao nosso povo tão carente cultura espiritual.

Os evangélicos devem abalisar a sua fé cristã pelo conhecimento orientador dos princípios bíblicos e teológicos aceitos pela denominação e, a imprensa jornalística é ótimo veículo para esse fim.

"O CRISTÃO" COMO ÓRGÃO OFICIAL DA NOSSA UNIÃO DE IGREJAS

Na primeira Convenção das nossas igrejas realizada nos dias 6 a 10 de julho de 1913, foi defendida a tese intitulada de: A necessidade de uma Revista como órgão oficial das nossas igrejas. O seu autor, o Rev. Alexander Telford, de saudosíssima memória, focalizou com muita precisão seis razões justificadora da necessidade de um órgão oficial. Dentre essas razões disse o Rev. Telford: "Precisamos de um jornal oficial para uniformizar a vida interna das nossas igrejas tanto naquilo que diz respeito às doutrinas que adotamos, como no que diz respeito ao nosso governo."

Na quarta sessão convencional, no dia 10 de julho de 1913, foi aceita a oferta do ilustre irmão Sr. José Luiz Fernandes Braga de transformar o O CRISTÃO em órgão oficial da UNIÃO.

É muito justo ressaltar que a família Fernandes Braga manteve a sua venal cooperação a favor do jornal que fundaram, por muitos anos. Quando as condições financeiras se tornavam difíceis para garantir a tiragem do nosso jornal os seus fundadores sempre deram preciosa parcela de ajuda monetária. Habitualmente, por ocasião do aniversário do órgão, a direção recebia generosas ofertas em dinheiro. Assim procederam enquanto viveram.

PERIODICIDADE E EDIÇÕES

Variável tem sido a periodicidade do nosso jornal. Inicialmente foi editado de trinta a trinta dias, em tamanho de 20 por 14. Seu formato e sua periodicidade tem sofrido alterações. Já foi editado quinzenalmente a té bimestralmente. Há alguns anos vem sendo editado com regularidade e, no ano de 1980 voltou a ser publicado mensalmente.

É pequena a tiragem mas satisfaz ao número atual de nossas igrejas. Já por alguns anos seguidos vem sendo mantido o formato de 23 por 31 centímetros.

Mantém como seções permanentes as seguintes: Devocional, Editorial, Presidência da UNIAO, Notícias do Campo Congregacional e Com Jesus em Morada Feliz.

ADMINISTRAÇÃO

A administração do nosso órgão oficial tem sido exercida por um Diretor-Redator-Responsável, e um Redator. Às vezes figura na administração um tesoureiro e um fotógrafo. Como homenagem e reconhecimento pelo trabalho realizado pelos diretores

[46]

1

responsáveis durante 90 anos, relacionamos os nomes desses dedicados irmãos, saber:

Pela ordem cronológica dos períodos exercidos:

- 1 – Rev. Francisco Antônio de Souza,
- 2 – Rev. Leônidas Filadelfo daSilva,
- 3 — Rev. Fortunato Gomes da Luz,
- 4 — Rev. Bernardino Cardoso Pereira,
- 5 — Rev. Alfredo Pereira de Azevedo,
- 6 — Rev. Isamael da Silva Júnior.
- 7 — Rev. Manoel da Silveira Porto Filho,
- 8 — Rev. Jônatas Tomaz de Aquino,
- 9 — Rev. Nilson Pinto Correia,

- 10 — Rev. Lawrence Anthony Brown
- 11 — Sr. Ayrton Correia Leitão,
- 12 — Rev. Salustiano Pereira César,
- 13 — Rev. Vanderli Lima Carreiro,
- 14 — Rev. Daniel Gonçalves de Lima
- 15 — Rev. Moisés das Neves Farias.

Rendemos nossa homenagem memorial ao Rev. Isamael da Silva Júnior, falecido em 21/11/1980, em testemunho do seu magnífico labor na direção do O CRISTÃO. Foi ele o diretor que mais tempo dedicou à nossa imprensa oficial, tendo permanecido nesse cargo por mais de 30 anos.

Compulsando-se as edições desse tempo constata-se que o O CRISTÃO manteve uma diretriz rigorosamente apurada, tanto na seleção e elaboração da matéria, como na orientação editorial. Durante a longa gestão do Rev. Isamael o nosso órgão oficial foi publicado com notória regularidade e cuidadosa manutenção financeira.

NO LIMIAR DO ANO 90

No dia 20 do mês de janeiro de 1982, o O CRISTO iniciou o ano 90 da sua existência.

O Departamento de Imprensa e Publicações da UIECB é merecedor de aplausos por sua magnífica participação na estrutura denominacional, não só pelo fato de ter satisfeito, com vantagem, o seu relacionamento a favor do órgão denominacional, como também pela iniciativa, de indiscutível valor, da montagem de uma gráfica — a Gráfica Congregacional.

Tal iniciativa possibilitará, em breve, a publicação do nosso jornal sob favoráveis condições econômico-financeiras.

Parabenizamos os atuais líderes da Junta Geral por seu comprovado esforço para alcançar o ideal acalentado em nossa denominação desde o ano de 1921, portanto há mais de 50 anos, ideal de estabelecer uma imprensa própria.

Registro o meu mais ardoroso voto para que o nosso órgão oficial, seja aprimorado cada vez mais, procurando alinhar-se aos melhores periódicos editados em nossa Pátria e que valorizam a imprensa evangélica.

Pela abençoada ocorrência do começo da nona década de vida do nosso jornal, aqui fica consignada a minha saudação em verso:

[47]

Ao "O CRISTÃO"

A propósito do dia 20 de janeiro

Salve mensageiro da verdade

Que pelo Brasil esparges luz.

Difundindo com vivacidade

Os ensinamentos de Jesus,

Sondando do lar a intimidade

Anuncia-lhe o poder da cruz,

E a sua voz de amor e lealdade

Leva a boa nova que seduz.

Vais de norte a sul pelo país

Inteiro, clamar a mui feliz,

A mui doce nova de perdão.

Entre os festins de feliz vitória

Bendita, seja, a data de glória

Que hoje comemora o "O Cristão".

S. P. C.

5. ORIGEM DA IGREJA EVANGÉLICA PERNAMBUCANA

A Igreja Evangélica Pernambucana, atualmente localizada na Rua do Príncipe, 328, na cidade do Recife, Estado de Pernambuco, com templo próprio a segunda igreja fundada no Brasil pelo eminente casal de missionários — Rev. Dr. Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley.

É a primeira Igreja Evangélica organizada em Pernambuco, histórica província do Império, quase no final do século XIX.

A origem dessa igreja merece ser exaltada, por significar, eloqüentemente a atuação poderosa do Espírito Santo em favor de um pequeno grupo de crentes que, sem ter quem o guiasse pastoralmente, dedicava-se com muito amor, divulgação das Escrituras Sagradas e se congregava informal e habitualmente para o culto a Deus.

A Igreja Evangélica Pernambucana foi considerada formalmente estabelecida no domingo 19 de outubro de 1873, quando doze crentes em Nosso Senhor Jesus Cristo foram batizados pelo Rev. Dr. Kalley.

DA VENDA DE BÍBLIAS À FORMAÇÃO DA IGREJA

O trabalho evangélico que deu origem à Igreja Evangélica Pernambucana iniciado no ano de 1864 por um vendedor de bíblias a serviço da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, o irmão Manoel José da Silva Viana.

O irmão Viana era "um português, calvo, moreno, usava suíças brancas extremamente simpático, moderado, mas de uma força de vontade e de obstinação a toda prova, pois, nada o desanimava da trilha a que se propunha seguir". Pelo empenho de divulgar a Bíblia, e falar sobre a mesma conseguia aprender a ler com a idade de quarenta anos, mais ou menos.

Foi recebido como membro da Igreja Evangélica Fluminense no dia 7 de outubro de 1866, sendo eleito diácono poucos anos após o seu ingresso como membro da referida igreja.

[48]

O trabalho do irmão Viana como colportor era muito abençoado. Por influência do serviço daquele servo de Deus o rico comerciante, maçom, Sr. Antônio Gonçalves da Cruz, cognominado de o Cabugá, promoveu uma larga distribuição gratuita de exemplares da Bíblia.

No ano de 1865, para fazer uma reação contra o clero romano, o general José Inácio ABREU E LIMA, filho de padre, homem livre pensador e de idéias pré-socialistas, político opositor, promoveu uma distribuição de volumes da Palavra de Deus entre diversas famílias recifenses, e por esse motivo, caiu no desagrado do cônego Joaquim Pinto de Campos que também era político brasileiro de muita projeção no Partido Conservador. O cônego saiu a público declarando que as bíblias editadas em Londres e Nova Iorque eram falsas.

O sacerdote católico romano ficou tão irado com o general Abreu e Lima que chegou a travar com ele uma tremenda polêmica pelos jornais.

O general, no empenho de derrotar o seu inimigo, escreveu algumas obras literárias, tais como: "O deus dos judeus e o deus dos cristãos", as bíblias falsificadas ou duas respostas ao Sr. cônego Joaquim Pinto Campos", e outras.

Providencialmente, a Igreja Evangélica Pernambucana tem a sua origem ligada à santa semente da Palavra de Deus, através da gloriosa obra de colocação da Bíblia nas mãos do povo.

Desse incansável labor resultou o agrupamento de algumas pessoas, em 1867, a principio em casa de um empalhador de cadeiras por nome de Braziliano Valdevino e que mais tarde foi um dos fundadores da Igreja.

Em 1868 o Dr. Kalley mandou o Sr. Viana para Pernambuco a fim de fixar residência no Estado e incrementar a distribuição e venda de bíblias. O diligente colportor não se contentava em apenas vender exemplares do livro sagrado, mas, procurava, também, dar explicações sobre o mesmo.

Era visto pelas ruas de Recife e outras cidades com uma bolsa na mão esquerda e um ou dois livros na direita, sempre risonho, oferecendo os seus livros e, sempre que se lhe oferecia oportunidade, tentando dar explicações sobre os mesmos. Poucas pessoas lhe davam atenção. A maioria era indiferente mas quando se enfadava com a tal história da Bíblia, maltratava-o, de modo atroz.

"Às vezes o molecório, insuflado, puxava violentamente a bolsa e lá se iam os livros, espalhados pelo chão... e eram depois rasgados, com grande gáudio para os assistentes,"

No ano de 1871, o irmão Viana, retornando de uma viagem ao Rio de Janeiro, passou a reunir em sua casa, no Largo do Pilar, 3, os interessados no Evangelho.

Em 1872 voltou ao Rio para expor à sua Igreja as possibilidades de progresso do ponto de pregação em sua residência.

Incentivado pelos irmãos da Igreja Evangélica Fluminense o diácono Viana reencetou as suas atividades em Recife e deu continuidade às reuniões evangelísticas, com muito proveito espiritual.

No dia 14 de março de 1873 as reuniões foram interrompidas pelo sub-delegado de Polícia, que, entrando na sala de cultos com alguns soldados, dispersou os assistentes ofendendo-os com palavras injuriosas e por fim determinando a suspensão dos trabalhos naquele local.

Apesar dos enérgicos apelos dirigidos às autoridades contra a atitude ilegal da polícia, nenhuma providência foi tomada e o ponto de pregação ficou suspenso até o dia 03 de agosto do mesmo ano, quando, então, passou a funcionar na Rua dos Caldeireiros, numa sala muito pequena da residência nova do irmão Viana.

Aqueles crentes que sob a inspiração divina estiveram dispostos a sofrer injúrias, apedrejamentos, foram usados por Deus para prepara-

[49]

rem o terreno pernambucano para a fixação da obra do Senhor que seria representada historicamente, pela Igreja Evangélica Pernambucana.

O REV. DR. KALLEY E A INSTALAÇÃO DA IGREJA

A pedido de diversos crentes residentes no Recife, os missionários Kalley chegaram a Pernambuco no dia 28 de setembro de 1873.

O ponto de pregação agora estava funcionando na casa do congregado Alexandrino José Soares, na Rua Nogueira, 10, outro futuro membro da Igreja.

O Dr. Kalley a princípio procurou inteirar-se da situação dos crentes em face das duras hostilidades que vinham sofrendo. Mas longe de desanimar, muito ao contrário, cheio de confiança no Todo-Poderoso, ao lado do diácono Viana e dos crentes interessados em dar testemunho público de sua fé em Cristo, pelo batismo, o eminente missionário auxiliado por sua digníssima senhora, D. Sarah iniciou e manteve por algum tempo uma programação de estudos, instruções, orações e ensaios de hinos.

Na noite do dia 30 de setembro, o Dr. Kalley e sua esposa foram à residência do diácono Viana para examinar os candidatos ao batismo que desejava ser os membros fundadores da igreja local. Esse exame durou alguns dias, pois na oportunidade, os candidatos recebiam profundas instruções e exortações sobre a conduta cristã. Os homens eram examinados pelo ministro e as mulheres por sua senhora.

Após esses exames o Dr. Kalley e sua esposa, o diácono Viana e sua esposa reuniram-se para tomar conhecimento da lista de candidatos e anotarem a identificação dos mesmos. Foi uma reunião eclesíastica informal.

Antecedendo a data dos batismos, o Dr. Kalley legalizou o estado civil de três casais, celebrando o casamento dos mesmos no dia 17 de outubro de 1873.

Até que chegou o dia 19 de outubro, Dia do Senhor, data de grande alegria para os primeiros crentes reunidos na sala de cultos da Rua Nogueira, 10, Perante grande assistência que não pôde ser acomodada no recinto da reunião, foram batizados pelo Pastor

da Igreja Evangélica Fluminense, no Rio de Janeiro, doze irmãos em Cristo, os primeiros membros da Igreja Evangélica Pernambucana.

Como homenagem memorial e no sentido de dar glória a Deus, citamos os nomes dos servos de Deus que formaram a novel igreja. Ei-los: Alexandrino José Soares, Rufina Donatila Sena Soares, Jerônimo Lucas Acácio de Oliveira, Ursisina Bessa Lequier de Oliveira, Joaquim Dias Falcão, José Cavaleiro, Rosa Maria de Souza Lima, Francisca Tereza de Jeus, Braziliano Valdevino, João da Fonseca, Aderito José Gomes da Silva, Plácido Atilano Coelho Drumond e Albuquerque.

Após os batismos foi celebrada a Ceia do Senhor com a presença também dos irmãos: Sara Kalley, Manoel José da Silva Viana, diácono e evangelista da Igreja Evangélica Fluminense, sua esposa e duas filhas.

No dia seguinte ao da instalação da Igreja Evangélica Pernambucana o Dr. Kalley pronunciou, à noite, uma importante conferência sobre a cidade de Jerusalém, no Teatro Antônio. Foi muito grande a afluência de pessoas, pois a conferência foi divulgada por todos os jornais da Capital pernambucana. Mais de 300 pessoas compareceram ao teatro.

Em vista do grande interesse demonstrado pelo povo em ouvir a mensagem do Evangelho, o irmão Viana sentiu necessidade de conseguir um local mais apropriado para as reuniões da Igreja, e, com a graça de Deus, encontrou uma nova casa na Rua Augusta, 190. Com o apoio financeiro do Dr. Kalley, foi instalada nesse endereço a Igreja, no dia 22 de outubro de 1873. Nessa mesma data Dr. Kalley celebrou o casamento do irmão João da Fonseca com a senhora

[50]

Francisca Tereza de Jesus. "Este ato chamou a atenção do público e deu origem - uma desordem na rua com a participação das autoridades policiais que alegavam risco reconhecer a validade do casamento e consideravam a cerimônia um ato de prostituição.

Quando o Dr. Kalley e sua esposa saíram à rua, foram acompanhados por mais de 500 pessoas proferindo palavras inconvenientes, zombarias, assobios, pedras, terra, etc.... O casal de missionários conseguiu livrar-se de agravos físicos, graças ao acolhimento bondoso e fidalgo de duas famílias nos prédios contíguos à Casa de Oração, na rua dos Caldeireiros, 40 e 42. Aí permaneceram até depois da meia noite."

O jornal evangélico — "O Verdadeiro Católico", no número de 25 de outubro de 1873, publicou um editorial protestando contra o barbarismo verificado no dia 22, na sala de cultos da Rua Augusta. Em um dos parágrafos assim se expressou o redator: "Parece incrível que esta lamentável ocorrência se tenha dado em uma terra em que, não há muito, feridos de indignação, seus habitantes anatematizaram a pena imposta por um Bispo católico ao distinto cidadão, Abreu e Lima, vítima do fanatismo!

"Parece incrível que os homens que louvavam naquela época os protestantes, por terem aberto seu cemitério para dar sepultura decente ao cadáver daquele ilustre pernambucano, condenado a ser pasto de cães e corvos — apedreje hoje um venerando pastor da Igreja Evangélica!"

O Rev. Dr. Kalley e D. Sara tinham consciência da vocação divina que os trouxera para o Brasil no ano de 1855, por isso suportaram com bom ânimo as aflições do santo ministério por meio do qual constituíram uma vitoriosa obra de fé cristã e já desfrutam das bem aventuranças eternas.

No dia 10 de novembro de 1873 o casal Kalley regressou ao Rio de Janeiro, deixando plantada, no Recife, a Igreja Evangélica Pernambucana de tão gloriosas tradições.

"... A QUEM HONRA, HONRA.

Romanos 13: 7

A Deus, toda honra, todo louvor e toda glória!

Salve a Igreja Evangélica Pernambucana!

Queira Deus receber a nossa sincera gratidão pelas vidas heróicas do passado que, sob a violência de tormentosas provocações dos inimigos da causa evangélica, souberam dar testemunho de coragem, perseverança e de fé, a fim de que a grande cidade nordestina, capital de Pernambuco, se tornasse a sede da primeira Igreja Evangélica organizada nesse Estado, vinte e sete anos antes do início do século XX, a segunda Igreja do sistema congregacional, fundada pelos pioneiros do evangelismo brasileiro — REV. Dr. ROBERT REID KALLEY e SARAH POULTON KELLEY.

6. NORDESTE CONGREGACIONAL (1868 a 1939)

A Pioneira obra evangélica implantada no Brasil, em caráter definitivo, em 1855, projetou-se maravilhosamente, no nordeste do nosso País, como pioneira, também, da evangelização nordestina, a partir do ano de 1868.

Coube ao diácono da Igreja Evangélica Fluminense, Manoel José da Silva Viana, colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira a instalação de um Ponto de pregação, em sua casa, em Recife, Pernambuco, no ano de 1871.

Desse ponto de pregação resultou a organização da 2.^a Igreja Evangélica Congregacional, em 19/10/1873, pelo Rev. Dr. Robert Reid Kalley.

[51]

Essa Igreja, denominou-se, a princípio, como Igreja Evangélica Pernambucana e foi instalada com o batismo de 12 crentes os quais se constituíram seu, fundadores.

No ano de 1939, o "O CRISTÃO", publicou um resumo histórico da frutificação do evangelho nas plagas nordestinas.

Essa publicação histórica foi redigida pelo Rev. Ismael da Silva Júnior, sob o título: MINHA VIAGEM AO NORDESTE. A leitura dessa narrativa oferece uma visão panorâmica do trabalho evangélico congregacional, nos seus primórdios no nordeste.

Tal narrativa, pelo seu mérito documentário, complementa esta obra e o seu autor passa a transcrevê-la.

O Rev. Ismael da Silva Júnior, sob as iniciais do seu nome — I. S. J., em 12 tópicos, assim escreveu:

"Em missão especial da Junta Geral da União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal, e como secretário executivo da Missão Evangelizadora, partimos no dia 5 de março último (1939), no *Almanzorra*, com destino à capital de Pernambuco."

"Em companhia do Rev. Ximenes visitamos parte da cidade do Recife, cortada em vários pontos, pelo rio Capibaribe".

"No dia seguinte, tomamos o trem que nos levou à Campina Grande.

Nessa viagem tivemos uma surpresa dolorosa — os imensos campos percorridos, que ladeavam as linhas do trem da GREAT WESTERN, estavam completamente secos, desprovidos de quaisquer vegetações. As secas são o pavor dos habitantes das regiões nordestinas"

IGREJA DE CAMPINA GRANDE

Campina Grande é a mais célebre cidade do Norte. Possui mais de 40 mil almas e é considerada como o segundo empório mundial de algodão — o ouro branco do Nordeste, sendo o primeiro a cidade de Liverpool, na Grã-Bretanha.

O povo campinagrandense estava ainda em delírio, pois, na véspera da nossa chegada, com a presença do Interventor Federal, o Sr. Argemiro Figueiredo foi celebrada a maior de todas as festas ocorridas nessa Cidade, em homenagem a dois grandes melhoramentos que foram introduzidos nesse dia — a instalação, de água e esgoto nas casas particulares e públicas.

Aí temos a maior Igreja Congregacional Luso-Brasileira, de que é pastor o Rev. João Clímaco Ximenes.

A seguir, vamos dizer algo sobre essa Comunidade congregacional.

O casal Olinto Cordeiro de Souza e Rita Maria Cordeiro, o primeiro falecido e a segunda ainda viva, transferiu sua residência para Campina Grande, em 1901. O Sr. Olinto, negociante, costumava fazer algumas viagens, no exercício de sua profissão. Certo dia, hospedou-se na fazenda do Sr. Aprígio de Faria que exercia as funções de sub-delegado de polícia e morava alguns quilômetros retirados de Campina Grande.

O Sr. Faria, a fim de fazer uma deligência, foi obrigado a sair, deixando o Sr. Olinto numa sala onde havia vários jornais. Estava esse senhor examinando as notícias mais importantes, quando suas vistas se voltaram para um pequeno livro que se achava sobre um móvel. Apanhou-o e começou a lê-lo, achando sua leitura muito agradável. Nessa ocasião, chega o Sr. Faria e, mostrando-se surpreendido com a atitude do visitante, lhe diz:

— O Sr. com tantos jornais para ler, está lendo esse livro? Fque sabendo eu esse livro nao presta: Foi-me entregue por uma nova seita.

— Mas eu gostei muito de sua leitura...

— Se quiser, pode levá-lo, pois eu não preciso dele.

[52]

O Sr. Olinto Cordeiro colocou o referido livro, que não era mais nem menos que um exemplar do Novo Testamento, no bolso e foi para casa.

Aí í leu os evangelhos de Mateus, Marcos e começou a leitura do de. Lucas. Quando chegou no capítulo 23, ficou impressionado com a atitude de Cristo para com o ladrão arrependido e mais ainda com a sua declaração: "Hoje estarás comigo no paraíso."

Nessa altura chamou sua esposa, D. Ritú, como era conhecida na intimidade, e disse-lhe: "Este livro é muito bom. Para se entrar no céu não precisamos de rosários, de missas... Eu queria bater boca com esses da nova seita".

— Chama o Sinfrônio que pertence a essa nova religião.

Dias depois, o evangelista Sinfrônio estava em Campina Grande, doutrinando o casal Olinto-Rita. Esta, porém, um pouco rebelde, a princípio, declarou que jamais deixaria de ir à missa. Só não irei, disse ela, se Deus me fizer sentir que ela não é a verdade. E, para isso, desejava receber um sinal.

Certo dia, preparou-se e dirigiu-se para a matriz local, onde devia assistir à missa de costume. Ao chegar no templo católico romano, quiz ajoelhar-se, mas não pôde. Fortes caimbras nas pernas impediram-na de realizar o seu desejo. Um grande temor se apoderou dela. Impressionada com o sucedido, declarou que nunca mais entraria num templo romano para assistir missa. Retirou as duas cadeiras que tinha na matriz romana e começou a freqüentar os cultos da nova seita, que foram dirigidos pelo irmão Antônio Duarte, de S. José de Serigi.

D. Rita tinha uma escola que era freqüentada por 50 alunos. Com a sua atitude, o povo exasperou-se. O vigário pregou que ela aceitara uma seita satânica. Daí a ausência dos alunos.

Certo dia, os Srs. Antônio Duarte e Olinto Cordeiro saíram à rua, A garotada, instigada pelo Vigário de Campina Grande, começou a gritar: "cão coxo", referindo-se ao Sr. Olinto, que claudicava de uma perna.

O Sr. Olinto procura o chefe político do local e dele recebeu o seguinte conselho: — "Livra-te do padre e eu te livrarei da Justiça".

O Vigário declarou que lhe iria dar uma boa surra. O Sr. Olinto não teve nenhum receio. Pelo contrário, não estando ainda convertido, disse ele: "O Vigário poderá dar no Cordeiro, mas poderá estar certo que também há de apanhar".

O ódio do padre sobre o Sr. Olinto correu mundo. De Souza, recebeu o esopo anônima, a qual dizia: "Soube que o padre quer te dar uma surra. Se isso acontecer, escreve para Souza, que nós providenciaremos".

Surgiram as perseguições. Quando se reuniam algumas pessoas para o culto divino, caíam pedras sobre o telhado e o povo zombava quando cantavam hinos. Era preciso colocar guardas na porta para evitar qualquer surpresa.

O Sr. Olinto não podendo suportar mais tantas perseguições, procurou o delegado local, Tenente Paulo Afonso, e lhe disse: "Sigo o Evangelho e estão procurando me interromper".

O Sr. Afonso tomou as providências que o caso exigia e ameaçou por na cadeia os que procurassem interromper os cultos divinos da nova seita.

As perseguições cessaram. A Escola Dominical começou a prosperar e logo apareceram os primeiros frutos desse abençoado trabalho.

Rita Cordeiro, Veriana Cordeiro, Josefa Candeia, Vicente Catão, Duda Catão e sua Esposa, Belarmina Catão, Maria Catão, Efigênia Catão, Hermenegildo Silva e outros foram batizados, em 1912, pelo Rev. Hermenegildo Sena. O Sr. Olinto só recebeu o batismo em 1933.

O trabalho continuou a prosperar, sendo visitado pelo evangelista Sinfrônio e pelos Revs. Júlio Leitão, James Haldanes, Hermenegildo Sena, e outros irmãos.

As sedes da Igreja foram: Primeiro, em casa do Sr. Olinto Cordeiro, depois, em casa do Sr. Júlio Galdino e finalmente, no local atual, num templo pequeno.

[53]

A Igreja de Campina Grande foi organizada em 15 de novembro de 1920 pelo Rev. James Haldene, seu pastor. O evangelista era o Sr. Sinfrônio Costa. Os oficiais eram os seguintes: João Canuto, presbítero e Eulálio Eliazer, diácono. Nesse tempo, a Igreja tinha apenas 30 membros e 60 alunos na Escola Dominical.

Em 1922, assumiu o pastorado o Rev. Harry G. Briault. Esse missionário trabalhou durante cinco anos como seu pastor, deixando-a em 30 de junho de 1927 com 90 membros e 150 alunos na Escola Dominical.

Nessa última data, o Rev. João Climaco Ximenes, passou a ser o seu novo guia espiritual.

Por necessidade, o templo foi aumentado duas vezes. Ultimamente, foi demolido e reconstruído um novo, que mede 14 metros por 40, com capacidade para mil pessoas.

Em Abril do ano corrente, possuía a Igreja de Campina Grande 503 membros e 660 alunos na Escola Dominical. A matrícula baixou um pouco pelo fato de haverem 13 famílias, com mais de 100 membros, transferido residência para outras partes do Estado.

A casa pastoral, que possui 10 cômodos, foi inaugurada em 30 de Janeiro de 1930. Fica ao lado do templo, com o terreno do qual tem comunicação.

O Colégio Evangélico, que fica em frente à Casa de Oração, foi organizado em 1.º de Fevereiro de 1933. É um desdobramento da antiga Escola Paroquial, que funcionava no terreno dos fundos da Igreja, num salão aí existente. Hoje, está entregue à D. Julieta Ximenes de Carvalho. Possui sede própria e mais de 100 alunos matriculados. Foi, por alguns anos, subvencionado pelo governo estadual.

O Asilo está localizado no terreno dos fundos da casa pastoral. Além dele, há mais 3 casas pequenas de propriedade da Igreja e 1 alugada, onde residem 10 anciões e anciãs.

Com beneficência, gasta a Igreja mais de 300\$000 mensais. Esse serviço é superintendido pela Caixa de Diáconos, de que é tesoureiro o irmão Sebastião de Aquino.

A Missão Evangelizadora do Nordeste é uma entidade missionária que mantém vários trabalhos evangélicos e sustenta alguns evangelistas: Sinfrônio Costa, Rev. Otacilio Gomes, Raimundo Lucena, Eliseu Vitoriano e José Paula. (A Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal sustenta o evangelista Macário Costa e auxilia o Rev. Otacilio Gomes, que trabalham, respectivamente, em Borborema e Ingá, e Serra Verde e suas congregações).

Essa Sociedade foi fundada em 7 de Setembro de 1935 e tem sua sede no próprio templo da Igreja de Campina Grande, à Rua 13 de Maio, 254.

Sua diretoria atual é: José Barbosa de Menezes, presidente; José de Oliveira vice-presidente; Sebastião Lima, 1.º secretário; José Dorotéia, 2.º secretário, José Evaristo, tesoureiro. Essa missão é sucessora do "Grupo Evangelizador" fundado pelo Rev. Henry Briault, talvez em 1923.

A Administração do Patrimônio é a seguinte: Presidente: José Dorotéia.; Vice: Tito de Carvalho; 1.º secretário: José Evaristo; 2.º secretário: José de Cunha Neto e tesoureiro: João Canuto.

Sua receita mensal é superior a 1.200\$000.

Mais três departamentos possui a Igreja de Campina Grande: Sociedade á Senhoras, fundada em 15 de Novembro de 1920. Sua diretoria atual é: Julieta Ximenes de Carvalho, presidente; Amélia de Farias, vice-presidente; Cezarina Barbosa, 1.ª secretária; Maria Lima, 2.ª secretária; Luiza Ximenes, tesoureira; Maria Cristina, oradora.

Escola Dominical, organizada em 1915. São seus diretores: Superintende José Barbosa Lucena; Vice-Superintendente: Francisco Paulino de Barros; 1.º

[54]

José Evaristo, 2.º Secretário: José Barbosa Menezes e tesoureiro, João Canuto.

União de Moços Cristãos. É dirigida pela seguinte diretoria: Presidente: Bento Filho; Vice-Presidente: José Vitoriano; 1.º Secretário: Wilson Costa; 2.ª Secretária: Amélia Barbosa, Tesoureira: Josefa Diniz e Orador: Manoel Barbosa Lucena.

Os guias espirituais da Igreja de Campina Grande são: Pastor: Rev. João Clímaco Ximenes; Presbíteros: João Canuto, Sebastiao Lima, Sinfrônio Costa; Diáconos; Sebastião Aquino, José Severino, Severino Japú, Pedro Policarpo, Honório Martins, José Valdevino e Severino Ferreira.

Sustenta a Igreja um candidato ao ministério, o jovem Lucena, que cursa o Seminário Evangélico do Norte. Possui 11 congregações, a saber:

1— *Jacú*, no sertão, com 20 membros e 55 alunos na Escola Dominical. Tem templo próprio, avaliado em seis contos de réis. O trabalho está entregue ao Sr. José Barbosa de Menezes. Os pregadores vão da Igreja de Campina Grande.

2 — *Hortas*, no sertão, com 12 membros e 37 alunos na Escola Dominical. Funciona em casa do irmão José Edigio, que também é o seu superintendente. Os pregadores vão da Igreja Central.

3 — *Jardim*, no sertão. Possui 6 membros e uma Escola Dominical com 20 alunos e funciona na casa do Sr. Romão de Oliveira, É seu superintendente o evangelista Elizeu Vitoriana.

4 — *Areia*, em vésperas de se organizar em Igreja, possui 20 membros e 50 alunos na Escola Dominical. Não tem templo próprio. Funciona em uma casa que foi comprada pelo irmão Olegário de Brito, para a alugar à Congregação, a fim de evitar que Frei Damião obrigasse o seu proprietário a impedir o prosseguimento do trabalho. Esse célebre frade, quando quiz agir, era tarde demais, O prédio já era de um crente. O evangelista Elizeu é o seu encarregado.

5 — *Mangabinha*, no sertão. Tem 10 membros e 25 alunos na Escola Dominical, Funciona em um salão oferecido por um irmão. Está sob os cuidados do evangelista Elizeu Vitoriano.

6 — *S. João*, no sertão. Tem apenas 4 membros e 20 alunos na Escola Dominical. Funciona em casa do irmão Manoel Faustino. Os pregadores são escalados pelo pastor da Igreja de Campina Grande.

7 — *Serra do Fagundes*, no sítio. Possui 10 membros e 30 alunos na Escola Dominical. Tem salão próprio. Os pregadores vão de Campina Grande.

8 — *Serra do Uruçú*, funciona numa fazenda. Tem 25 alunos na Escola Dominical e 8 membros. É seu encarregado o irmão Aprigio Moura, em cuja casa se realizam os trabalhos divinos. É a terra de D. Morena, esposa do Rev. Ximenes. A sogra desse ilustre colega, D. Maria Pereira da Silva, de saudosa memória, terreno e algum gado para ser vendido e com o produto construiu-se a Casa de Oração.

9 — *Canoas*, no sertão, tem 15 membros e 30 alunos na Escola Dominical. É dirigida pelo evangelista José Paulo e os trabalhos divinos são realizados em casa do irmão Severino Ramos.

10 — *Sossego*, no sítio, possui 6 membros e 20 alunos na Escola Dominical. A sede provisória é em casa do irmão Francisco Queiros. Trabalha em seu seio o evangelista José Paulo.

11 — *S. Gonçalo*, no sítio, com 6 membros e 25 alunos na Escola Dominical. Funciona em casa do Sr. José Venâncio e é superintendida pelo evangelista José Paulo.

Essas congregações são visitadas periodicamente, pelo Rev. Ximenes, e distam muitos quilômetros de Campina Grande. A primeira, 6; a segunda, 36; a terceira, 42; a quarta, 30; a quinta, 75; a sexta, 6; a sétima 112. Por aqui pode-se avaliar o trabalho insano que tem o atual pastor da Igreja de Campina

[55]

Grande que, além dos serviços pastorais dessa Igreja, tem ainda sobre os seus ombros a responsabilidade do pastorado de mais 5 Igrejas e suas respectivas congregações.

A Igreja de Campina Grande é essencialmente missionária. As suas despesas mensais com os trabalhos externos de evangelização são muito maiores do que as que depende com os locais. Seus membros, nesse terreno, constituem um exemplo digno de ser imitado.

Pregamos várias vezes nessa Igreja. Os auditorios foram ótimos. Na semana, de conferências que realizamos, o templo esteve sempre cheio. No último dia, porém ficou superlotado. Talvez mais de 800 pessoas estiveram presentes. As reuniões comuns, inclusive de oração, são assistidas por auditórios que variam, de 300 a 700 pessoas, senão mais.

Devido a tremenda crise por que está passando toda a região nordestina a vida em Campina Grande é uma coisa bastante difícil, quase impossível. Os gêneros de primeira necessidade, nessa cidade, são muito mais caros do que em Recife e João Pessoa. Por isso, várias famílias crentes estão emigrando. Se as coisas não melhorarem, se continuarem as grandes estiagens, grande parte dos crentes será obrigada a homisiar-se em localidades de vida mais propícia como aconteceu com a Igreja de Serra Verde, de que falaremos mais tarde.

É possível, porém, que tal não aconteça. Oremos a Deus por aqueles irmãos e o seu pastor, no sentido de que os abençoe, dando-lhes a sua graça e fazendo-os vencer os grandes problemas que têm de resolver, para o bem da Causa evangélica e a glória do seu adorável nome.

IGREJA DO MARINHO

De Campina Grande fomos visitar a Igreja do Marinho. Percorremos 7 quilômetros, de automóvel. Essa Igreja foi organizada em 20 de Novembro de 1933. Atualmente, possui 50 membros e 65 alunos matriculados na Escola Dominical. São seus guias espirituais: Rev. João Climaco Ximenes, pastor; Sr. Miguel Savino, presbítero e Srs. Francisco André e Sotero Rodrigues, diáconos. É encarregado do trabalho o Sr. Miguel Sabino.

Dominicalmente, vão pregadores de Campina Grande para anunciarem o Evangelho da Salvação em Marinho.

Um câro animado, composto de elementos consagrados, tem auxiliado o trabalho de evangelização.

O templo, embora modesto, é próprio. Nele um sem número de almas tem ouvido a mensagem evangélica.

A Igreja do Marinho tem uma congregação — a de Gravatá — que dista de sua sede 7 quilômetros, com 10 membros e 25 alunos na Escola Dominical e funciona na residência do irmão Joao Valentino.

IGREJA DE SERRA VERDE

Em Serra Verde está localizada uma outra Igreja Congregacional, cujo trabalho foi iniciado em Setembro de 1916 pelo Rev. Júlio Leitão de Melo.

A Igreja de Serra Verde já foi uma grande e próspera igreja, chegando a contar em seu ról mais de 200 membros e perto de 300 alunos na Escola Dominical.

Infelizmente, as prolongadas estiagens fizeram com que quase duas terças partes dos membros emigrassem para outras localidades. Segundo informações colhidas em fontes seguras a Igreja de João Pessoa recebeu em seu seio perto de 100 membros de Serra Verde. Outros foram para diversas partes como Campina Grande, Recife, etc.

Presentemente, a Igreja, sob o pastorado do Rev. Ximenes, está se reanimando, já possuindo 60 membros e 91 alunos matriculados na Escola Dominical

[56]

Em 1921, essa Igreja iniciou, em terreno pertencente ao seu patrimônio, a construção de um cemitério, na qual tomaram parte crianças, senhoras e até anciãos, que em determinados dias da semana, se prontificaram a carregar pedras e demais materiais necessários para a referida construção. Atualmente, esse cemitério ainda existe e nele são sepultados os corpos tanto dos crentes como dos descrentes.

Ao lado do templo, funciona uma escola diária, pública, de que é professor o irmão Manoel Filipe que, por ser insuficiente o subsídio que recebe dos cofres públicos, recebe um auxílio mensal de um irmão do Rio conseguido pelo Rev. Pedro Campelo, O irmão Filipe tem prestado um serviço importante ao povo de Serra Verde, pois uma grande parte das crianças tem sido alfabetizadas por ele.

É evangelista dessa Igreja o Rev. Otacílio Gomes, recém ordenado ao santo ministério.

Mantém a Igreja de Serra Verde 2 congregações — *Juá*, a 21 quilômetros da sede, funciona em casa do presbítero José Muniz e possui 12 membros e uma Escola Dominical com 30 alunos. Os cultos têm boa freqüência; *Serra da Mandioca*, a 9 quilômetros de Serra Verde, que conta com 20 alunos na Escola Dominical e 6 membros.

IGREJA DE INGÁ

A Igreja de Ingá é a Benjamim do Nordeste, pois foi organizada em 26 de março do corrente ano, (1939). Possui 20 membros e 47 alunos matriculados na Escola Dominical. Tem um bom templo no lugar denominado Camaleões, a 2 quilômetros da cidade. Nessa localidade a freqüência é diminuta. Na rua, isto é, no centro da cidade, os auditórios são muito grandes.

Os irmãos ingaenses estão aguardando uni tempo propício para mudarem o templo de Camaleões para Ingá. Se conseguirem realizar esse desejo, o trabalho prosperará imediatamente.

Os guias espirituais dessa Igreja são: Rev. João Clímaco Ximenes, pastor; Rev. Otacílio Gomes, evangelista; José Rodrigues da Silveira, presbítero e Manoel Pedrosa e Joaquim Alves Barbosa, diáconos.

A Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal auxilia o campo de Serra Verde, Ingá e Juá com 100\$ 000 mensais.

IGREJA DE TIMBAÚBA

O trabalho em Timbaúba foi iniciado em 1912. Nesse ano o Major Manoel Pelicia do Amaral recebeu uma Bíblia de um crente. Logo depois foi avisado que o livro recebido era falso. Para se certificar da verdade comprou uma Bíblia, edição autorizada pela Igreja de Roma, e começou a comparar os textos de ambas, concluindo que eram iguais. Diante disso, aceitou o Evangelho e foi batizado. Iniciou a sua vida cristã, propagando a mensagem de Jesus. Um dos a quem pregou as boas novas foi o Sr. Santino Caldas. Este irmão esteve em Recife, entrando em relações com a Igreja Pernambucana. Em 1914, o Rev. James Haldane enviou à Timbaúba o Rev. Hermenegildo Sena, a pedido do Major Amaral. Foi estabelecida uma congregação em casa do Sr. Santino, tendo como encarregado o Sr. Sinfrônio Costa, que ocupava o cargo de evangelista na Igreja Pernambucana. Os primeiros frutos foram colhidos, com as conversões Srs. Santino e Salvina Caldas, João e Josefa, Manoel Marinho, Elisa Freire, Etelvina de Souza e outros.

Em 25 de Dezembro de 1925, os irmãos de Timbaúba viveram um dia de grande alegria, com a transferência dos cultos para o novo templo, que foi iniciado com 1:500\$000.

[57]

O trabalho prosperou e no dia 13 de Fevereiro de 1934 foi a congregação organizada em Igreja pelo Rev. Sinésio Lira, então pastor da Igreja Pernambucana.

Foram guias espirituais dessa Comunidade religiosa os Revs. Haldane, Sinésio, Forsyth, Briault, Artur de Barros, Eric Wilcorkson que, no ano passado (1938), passou o pastorado para o Rev. Ximenes, conforme o resolvido por uma sessão eclesiástica.

Possui uma congregação — *Jundiá* — a 12 quilômetros de Timbaúba, com 6 membros e uma Escola Dominical com 37 alunos.

São guias espirituais dessa Igreja: Rev. João C. Ximenes, pastor; Raimundo Barbosa Lucena, evangelista, Moisés Barbosa, diácono.

A Igreja de Timbaúba, cujo templo fica em frente à estação da estrada de ferro, tem 30 membros e 53 alunos matriculados na Escola Dominical. Os seus membros estão empenhados na construção de um muro na frente do templo.

IGREJA DE BORBOREMA

Borborema é uma pequena vila que dista de João Pessoa 120 quilômetros. Visitamos essa vila em companhia dos Revs. Ximenes, Briault e Lidônio.

Aí tivemos o privilégio de organizar uma Igreja Congregacional, com elementos que vinham de abjurar a heresia pentecostal. Recebemos 30 membros. Muitos outros deixaram de ser recebidos pelo fato de não estarem casados civilmente.

A organização verificou-se no dia 15 de Março último (1939), perante um auditório de mais de 150 pessoas.

A Igreja de Borborema tem templo próprio e o, seu corpo espiritual é o si 9uinte: Rev. João C. Ximenes, pastor; Macário Costa, evangelista e pesbítero Clodomiro de Lima e Manoel de Farias, diáconos.

O Sr. Macário Costa, que é sustentado pela "Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal", tem um vasto campo para trabalhar, pois, nas circunvizinhanças de Borborema, existem várias vilas e cidades onde não há trabalho evangélico. O que dificulta a evangelização nesse setor paraibano é a falta de condução. Com uma boa motocicleta, que se pode comprar com um conto de réis apenas, esse evangelista podia ser, nas mãos de Deus, um instrumento mais poderoso para levar muitas almas a aceitarem a Cristo como seu suficiente salvador. Quem desejará fazer esta oferta?

Embora muito nova, a Igreja de Borborema tem uma boa congregação no lugar denominado Grutão, que é muito bem freqüentada. A sua Escola Dominical é animadíssima.

Os irmãos estão empenhados na mudança do templo, pois, com o aumento do açude existente na vila, o local foi grandemente prejudicado.

IGREJA DE GUARABIRA

Em companhia do Rev. João Climaco Ximenes deixamos a cidade de Campina Grande, a fim de visitarmos, dentre outras, as seguintes Igrejas Congregacionais: Guarabira e João Pessoa.

Nesta última cidade estivemos hospedados em casa do Rev. Harry G. Briault e de sua esposa, missionários da Missão Sul Americana.

Depois de algumas horas de descanso, partimos para Guarabira, no automóvel do Rev. Briault. Acompanhava-nos o Rev. Lidônio de Almeida, auxiliar do Rev. Harry no trabalho da evangelização nordestina.

Viajamos 108 quilômetros. Antes de chegarmos a essa cidade paraibana passamos por diversas vilas e cidades, algumas das quais não possuem trabalho

[58]

De evangelização permanente: Santa Rita, Espírito Santo, Sapé, Araçá, Mulengú, Pau Ferro e Cuieté. Guarabira fica aquém de Borborema 12 quilômetros.

A miséria campeia entre os habitantes dessas plagas nordestinas. Faz dó vermos crianças nuas e semi-nuas. Em qualquer lugar que chegávamos, vários mendigos se acercavam de nós, pedindo-nos esmolas, quase mortos de fome! Tudo isso, por certo, devido às secas prolongadas.

Em Abril de 1937, os crentes de Guarabira sofreram uma terrível perseguição, provocada pelo célebre padre Damião, o maior inimigo dos evangélicos do nordeste, principalmente da Paraíba e de Pernambuco.

Os Revs. Sinésio Lira e Artur de Barros, com o intuito de inaugurarem o templo de Guarabira, construído pelo Sr. Higino Aguiar, um crente de recursos que tem sabido ser um fiel mordomo de Deus, dirigiram-se para essa cidade. O templo ficou superlotado. Dura surpresa, porém, estava reservada para os crentes guarabirenses. Depois de iniciada a cerimônia, uma multidão de fanáticos católicos romanos surge em frente ao templo, dando vivas a frei Damião e morras aos evangélicos e atirando pedras nos que estavam assistindo o piedoso ato de religião, somente porque tinham o desejo de pregar a Cristo como o único que pode libertar o homem da condenação eterna.

Felizmente, a atitude enérgica do Rev. Sinésio e de um outro senhor fez com que os ânimos serenassem, evitando-se assim, que fossem assassinados dezenas de crentes.

Na fachada do templo, embora já se tivessem passados 2 anos, ainda vimos os vestígios ou sinais das pedradas. Uma das pedras encontradas no recinto sagrado e que fora atirada da rua pesava um quilo e meio!

Presentemente, o trabalho em Guarabira está se animando, ressentindo-se apenas de um obreiro consagrado, que pudesse dedicar a sua vida à evangelização dessa e de outras cidades e vilas circunvizinhas.

É pensamento do Rev. Briault, pastor desse campo, entregar o pastorado ao Rev. Lidônio de Almeida, moço consagrado, que muito poderá fazer por ele, aliás muito promissor.

Em Guarabira reside a missionária Dorothy Eva Palmer, ótima enfermeira, que está prestando os seus serviços profissionais aos habitantes de Guarabira, gratuitamente. Essa irmã, segundo pudemos constatar in loco, é muito estimada tanto pelos crentes como pelas pessoas estranhas ao Evangelho, a quem está levando o conhecimento da salvação pela fé no Senhor Jesus Cristo.

IGREJA EM JOÃO PESSOA

Em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, temos a Igreja mais animada, do Nordeste, depois da de Campina Grande. O templo, porém, é muitíssimo pequeno para comportar os grandes auditórios.

O ról de membros acusa um número que anda perto de 200 e a Escola Dominical conta com mais de 250 alunos matriculados.

É seu pastor o Rev. Artur de Barros, que está para regressar de uma viagem de férias que fez, em companhia de sua esposa, missionária da Missão Sul Americana, secção do Canadá, dos Estados Unidos da América do Norte.

Os irmãos são, na sua quase totalidade, paupérrimos. Não obstante, estão entusiasmados e desejosos de aumentar o templo. Já têm alguns recursos em caixa, mas insuficientes para realizarem as obras de que precisam.

O Rev. Briault, substituto do Rev. Artur de Barros, está fazendo um importante trabalho entre os irmãos de João Pessoa, que o estimam, bem como a sua digna esposa.

IGREJA DE PATOS

Convidado pelo Rev. Josué Alves, pastor da Igreja local, fomos a Patos, que dista de Campina Grande 180 quilômetros.

A Igreja de Patos possui um ótimo templo, com terreno suficiente para construir uma casa pastoral. É pequena, conta com poucos membros, mas todos animados.

Ao lado da Casa de Oração, existe uma moradia, residência da diretoria do Instituto Bíblico de Patos, cuja sede foi construída e inaugurada em princípio de 1937 e nos fundos do terreno onde residem seus diretores. Possui, atualmente, 6 alunos e 3 professores: Rev. Paulo M. Davison, que leciona inglês, história de Israel, teologia sistemática, aritmética, introdução bíblica, história da civilização, história da Igreja e Bíblia; D. Dorotéia Davison, que ensina geografia e Bíblia (Pentateuco) e Rev. Josué Alves, que ministra as seguintes matérias: português, homilética e estudos bíblicos.

Os estudantes, além dos ensaios recebidos no Instituto, têm oportunidade para o trabalho prático, pois ensinam as classes da Escola Dominical e anunciam o Evangelho em várias localidades circunvizinhas de Patos, principalmente nas em que nunca foram anunciadas as boas novas de salvação.

O Instituto Bíblico de Patos foi fundado pelo Rev. Harry G. Briault. Esse colega, referindo-se a esse educandário evangélico, escreveu-nos: "Durante muitos anos era meu desejo ter uma Escola Bíblica no interior, em que se pudesse treinar moças da região sertaneja para o trabalho evangélico no mesmo território; moços convertidos, com desejo de trabalhar, mas que não possuíam a instrução primária e, por isso, não estavam em condições de entrar num seminário; moços que durante o período dos estudos pudessem ajudar na evangelização daquele campo tão vasto e sem trabalhadores e para onde era tão difícil atrair pregadores das capitais. Em resposta à oração, de fonte inesperada, Deus mandou-nos uma oferta para ser dedicada exclusivamente na construção da Escola Bíblica de Patos", que é mantida pelas igrejas nacionais e estrangeiras bem como pela Missão Sul Americana.

A diretoria, que é eleita pela Junta ordinária dos missionários da Paraíba e do Ceará, está, presentemente, assim constituída: Revs. Harry G. Briault, Paulo M. Davison e D. Kathleen Mc Garrie.

O Instituto visa "ministrar instruções aos candidatos que se destinam ao ministério evangélico, ou outras formas de serviço cristão, especialmente preparar evangelistas."

O diretor dessa Escola é o Rev. Paulo M. Davison — Patos — Paraíba — que está pronto a fornecer quaisquer esclarecimentos sobre o Instituto a quem o solicitar.

Em Macapá, temos uma Congregação animada, com templo próprio, quase concluído, que é filiada à Igreja de Monte Alegre. No dia em que pregamos nessa cidade, o templo esteve repleto, notando-se muito interesse dos presentes pela mensagem evangélica. Uma senhora de linhagem distinta, depois de ouvir a pregação, declarou-se crente em Cristo, o que foi motivo de grande escândalo entre os membros de sua família. Segundo carta ultimamente recebida pelo Rev. Hermenegildo Sena, essa senhora está firme e assiste, com assiduidade, os trabalhos divinos. A Escola Dominical é animada e conta com 73 alunos matriculados.

IGREJA DE MONTE ALEGRE

De Macapá, partimos para Monte Alegre, onde, no local denominado Fundango, nos hospedamos em casa do irmão Manoel Gomes de Andrade.

Como conseqüência duma queima de bíblias promovida pelo célebre frei Celestino, em Recife, o Evangelho entrou em Monte Alegre. O Rev. Júlio Leitão de Melo, em 1904,

ainda não crente, resolveu, com os Srs. Guedes, Tiburtino José Vieira de Melo e José Carlos da Silva Pereira, adqui-

[60]

rir alguns exemplares das sagradas Escrituras. Vendeu-as o Rev. Pedro Campelo, então pastor da Igreja Pernambucana. O Sr. Guedes, que foi encarregado dessa compra, ficou encantado pelo modo lhanoso com que foi tratado pela atual Presidente da Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal.

No ano imediato, em agosto, o Rev. Campelo, a convite, visitava Balanço, ode, numa cerimônia fúnebre, pregou uma edificante mensagem evangélica, que levou várias almas a aceitarem a Cristo como salvador. Em Outubro de 1905 ainda, o Rev. Campelo voltou ao mesmo local, tendo, o privilégio de receber, por pública profissão de fé e batismo, 19 irmãos, inclusive o Rev. Júlio Leitão.

Em Março do ano seguinte, visitou o Rev. Campelo a localidade de Monte Alegre, recebendo aí mais 5 irmãos à comunhão da Igreja.

Os crentes, com algum sacrifício, adaptaram uma casa que lhes foi ofertada pelo irmão José Gomes de Andrade que ficava em terras do Engenho de Monte Alegre Velho. Os inimigos, porém, não se conformaram com o progresso evangélico e resolveram agir. Primeiramente causaram alguns estragos e destruíram toda a mobília do templo. Os irmãos, pacientes, fizeram os reparos precisos e adquiriram novos bancos e um púlpito novo. Depois, em 30 de Dezembro de 1906, atearam fogo no referido templo, nada escapando.

Uma nova sede para os cultos ofereceu o mesmo irmão José Gomes de Andrade, que foi inaugurada em 1907. Esse irmão ainda ofertou um terreno à Igreja Pernambucana, que era pessoa jurídica, no qual foi edificado um novo templo, consagrado em Novembro de 1909.

Nova luta tiveram de enfrentar os irmãos de Monte Alegre. Com a morte do dono do engenho, a propriedade passou às mãos de um senhor que exigiu que o terreno e o templo lhe fossem vendidos pela metade do preço, ameaçando mandar assassinar os crentes, caso não visse o seu desejo satisfeito. Venceu o mais forte e a sede do trabalho que progredia admiravelmente, foi transferida para Pirauá, divisa dos Estados de Pernambuco e Paraíba, onde existe um amplo e espaçoso templo.

Com a vinda do Rev. Campelo para o Rio, assumiu o pastorado desse campo o Rev. Júlio Leitão de Melo, que foi ordenado ao sagrado ministério, em 4 de Agosto de 1912, dia em que também foi organizada a Igreja pelos Revs. Pedro Campelo e Haldane.

Atualmente, é pastor o Rev. Hermenegildo Sena, um dos mais antigos pastores nordestinos. A missão Evangelizadora está auxiliando monetariamente esse campo, que tem sofrido bastante, devido às secas prolongadas, que têm feito muitos crentes emigrarem.

IGREJA DE VITÓRIA

Ao chegarmos em Recife, resolvemos combinar os dias em que pudéssemos ter uma reunião com os missionários e pastores nacionais, a fim de em conjunto, ser estudada a situação do nosso trabalho nordestino, tomando-se, depois, medidas que visassem uma aproximação mais positiva e real com o Sul.

Depois de diversos entendimentos, foram escolhidos os dias 10 e 11 de Abril, na sede da Igreja de Vitória, para realizarmos essa grande reunião.

No dia 10, de madrugada, deixamos Campina Grande, rumando para Floresta dos Leões, onde fomos recebidos pelo Rev. Eric Wilcorkson, Depois de ligeira refeição em casa deste colega, seguimos de auto para Vitória, que dista 60 quilômetros de Vitória.

Aquela cidade, pequena, mas alegre, recebeu esse nome por nela se haver travado uma encarniçada batalha, entre holandeses e pernambucanos, cuja vitória sorriu para os brasileiros. Quase em frente à estação da Great Western existe um monumento comemorativo desse grande acontecimento.

[61]

O histórico da entrada e do desenvolvimento do Evangelho em Vitória é muito interessante. Vamos, a seguir, apresentar um pequena resumo.

O Sr. Manoel Santana foi, em princípio de 1901, à Jabotão, onde teve o privilégio de ouvir a mensagem do Evangelho apresentada pelo Rev. Mc Call pastor auxiliar da Igreja Pernambucana, então sob a direção pastoral do Rev. Kingston. Voltando para Vitória, o Sr. Santana começou a contar aos amigos o que havia ouvido, surgindo, então, algumas pessoas interessadas em melhor conhecer as boas novas de salvação.

Indo a Recife, o Sr. Santana convidou o Rev. Kingston para visitar Vitória, convite que foi aceito e executado em Setembro do mesmo ano. Esse missionário iniciou uma série de conferências evangelísticas em Maués, onde residiam duas famílias crentes, cujas chefes eram as irmãs Genoveva dos Santos e Antônia Maria da Conceição. Surgiram as primeiras perseguições, que impediram a continuação dos trabalhos nessa localidade.

Logo depois, o Rev. Mac Call esteve também em Vitória realizando trabalhos de evangelização, sendo a sede transferida para essa cidade.

O Rev. Kingston desejando incentivar o trabalho de propaganda religiosa em Vitória, enviou para ela o Rev. Pedro Campelo, que começou a pregar na Rua Borges, residência do irmão Hermenegildo Florência de Moura. A sede porém foi transferida, mais tarde, para a Rua do Livramento, hoje Marquês do Herval.

O trabalho progrediu admiravelmente, tornando-se o salão de cultos pequeno para comportar o povo que ansiava ouvir a mensagem da salvação.

O Rev. Kingston transfere residência para Vitória, alugando um sobrado em frente à sede atual, onde também foi residir o Sr. Santana.

Em Setembro de 1905, foi a Igreja organizada pelo Rev. Charles Kingston com um diácono apenas, o irmão Santana.

Esse incansável missionário comprou o terreno em frente ao sobrado e imediatamente iniciou a construção da casa de oração, que foi inaugurada no dia 25 de Março de 1907. Nesse dia foram consagrados novos oficiais: presbítero: o Sr. Santana; diácono, o Sr. José Maximino do Espírito Santo. O Rev. Campelo foi eleito pastor dessa Igreja, cargo que renunciou em 1908.

Dessa época até 1937, pastorearam essa Igreja os Revs. Jabez Wright, William, James Haldane e W. B. Forsyth.

Em 1937 assumiu o pastorado o Rev. Odilon de Oliveira, que muito fez por essa Igreja, que ainda hoje o estima bastante. Presentemente, é seu pastor o jovem Rev.

Napoleão Lins, que foi consagrado no dia 9 de Abril do corrente ano, dia em que foi empossado nesse espinhoso cargo.

Atualmente, tem 48 membros e 72 alunos matriculados na Escola Dominical.

A reunião dos pastores realizada em Vitória foi uma das mais animadas temos assistido. A ela compareceram todos os pastores nordestinos, sendo 6 missionários e 11 nacionais.

IGREJA DE CARUARÚ

De Vitória seguimos para Caruarú, viajando 3 horas e meia de ônibus. Nessa cidade pernambucana encontramos o Rev. Júlio Leitão de Melo, que nos conduziu para o seu lar, onde tratamos de vários assuntos referentes ao nosso trabalho denominacional.

A Igreja de Caruarú é muito animada e conta em seu seio elementos de grande consagração. O templo no dia em que pregamos para os irmãos caruaruenes apanhou um auditório de 180 pessoas. A feira, infelizmente, impediu o comparecimento de um maior número de irmãos e congregados.

Pregamos, também, no lugar denominado S. Mateus a uma assistência de mais de 300 ouvintes, que se comprimiam dentro e fora do pequeno templo terá aí existente.

[62]

Visitamos algumas autoridades de Caruarú, bem como as redações dos hebdomadários A Razão e a Vanguarda, com cujos redatores palestramos por mura tempo. Não são crentes, mas franqueiam as suas colunas ao Rev. Júlio, que delas se tem aproveitado para defender os princípios e a pureza do Evangelho.

Duas são as congregações pertencentes à Igreja de Caruarú: S. Mateus e Sta. Rosa, ambas em progresso.

A senhorinha Lídia Leitão realiza, dominicalmente, serviços especiais de evangelização entre as crianças de certos bairros de Caruarú, o que tem servido para chamar seus progenitores ao Evangelho.

No local denominado Riachão iniciou essa irmã um trabalho que, em pouco tempo, já contava com a presença de mais de 50 crianças, sendo que nenhuma delas é matriculada em Escolas Dominicais. O Rev. Júlio está pensando em construir um templo em Riachão onde já há algumas pessoas interessadas pela palavra de Deus.

A irmã Lídia Leitão, também é diretora de uma escola primária, onde alfabetiza um número bem regular de crianças.

A juventude da Igreja de Caruarú é forte, inteligente e consagrada. Mantém um jornalzinho — Clarim da Mocidade — que é publicado ocasionalmente e é redatoriado pela mesma irma Lídia Leitão.

A Igreja edita um Boletim semanal, visando combater os erros do romanismo ultramontano e dar aos crentes informes valiosos.

O histórico do trabalho evangélico em Caruarú é muito interessante. Vamos apresentar um pequeno resumo.

Em 1898, em companhia de sua esposa D. Ida, chegou a Caruarú o Rev. Charles Kingstone. Iniciou imediatamente um serviço ativo de evangelização, sendo atrozmente

perseguido pelos inimigos da Verdade, que lhe saquearam a casa, roubando-lhe grande parte dos seus haveres. Não temendo os que podem matar o corpo mas nenhum dano podem fazer às almas crentes, o Rev. Kingstone adquiriu um terreno no qual existia um prédio que foi adaptado para o serviço divino.

Tempos depois, esse saudoso missionário foi residir em Vitória, passando o trabalho em Caruarú a ser dirigido pelo Rev. Alexander Telford, que, então, era o guia espiritual da Igreja Pernambucana, com sede em Recife. Esse irmão também foi vítima de inomináveis perseguições, havendo, até, quem o desejasse matar.

Em companhia do Rev. Pedro Campelo, o Rev. Telford fez uma das suas costumeiras visitas à Caruarú, em princípio de Novembro de 1901, havendo estado em casa do irmão José Antônio dos Santos, que residia em Cedro, a 2 quilômetros da cidade.

No dia 3 do mes acima, para assistir ao culto, que seria dirigido pelos Revs. Telford e Campelo, o irmão José dos Santos, em companhia de várias pessoas, saiu de casa, rumando para a Casa de Oração de Caruarú. No caminho, porém, foi barbaramente assassinado por um fiel súdito do pseudo Vigário de Cristo na terra. Ouçamos o que escreveu sobre esse ato selvagem um irmão, talvez, testemunha dessa cena tão revoltante:

"O Sr. José Antônio dos Santos, com sua mulher e um menor de 11 anos, seguiram pela estrada de rodagem e, ao chegarem no meio da viagem, no lugar denominado Alto da Balança, saíram-lhes de emboscada 4 indivíduos, armados de pistolas, cacetes e facas. Um deles, correu atrás do Sr. Pedro Demétrio (o pai do menino de 11 anos) e os outros 3 correm atrás de José Antônio e disseram-lhe: "Não corra, cabra, que você vai morrer". O Sr. Santos... correu para o mato do lado do Rio, em direção à cidade. Os miseráveis, porém correram atrás dele e dispararam um tiro, que não o atingiu; e quando exausto e

[63]

sem força para correr, agarraram-no e deram-lhe nas costas uma terrível punhalada, que o fez dizer: "Morro, mas por amor de Jesus" e caindo de joelhos com a face em terra, deu o último suspiro... Um dos assassinos chegou a dizer ao corpo inanimado e ensangüentado desse irmão: "Agora eu quero vê tu pregar mais o Evangelho"... (Vide "O Cristão" de Dezembro de 1901).

Quando seminarista, o Rev. Campelo prestou relevantes serviços aos irmãos de Caruarú. Como pastor da Pernambucana, visitou ainda por alguns anos, trabalho nessa cidade.

As primícias do trabalho evangélico foram as irmãs Aninha e Aquilina, falecidas, e Maria dos Santos, que ainda vive, contando perto de 102 anos de idade, firme nos princípios do reino de Deus.

Depois do. Rev. Campelo, assumiu o pastorado da Igreja de Caruarú o Re, Hermenegildo Sena, que teve a felicidade de trabalhar, livre das perseguições, levando muitas almas a aceitarem a Cristo como seu Salvador.

Com a retirada do Rev. Sena, o Sr. João Canuto, atual presbítero da Igreja de Campina Grande, assumiu a direção da Igreja, que depois passou para o então evangelista João Climaco Ximenes, que contou com a cooperação de D. Ida, esposa do saudoso Rev. Charles Kingstone.

Com sua colega, a missionária D. May Frost, D. Ida, fundou um Colégio para ensinar os filhos dos crentes, gratuitamente".

O evangelista Ximenes ingressou no Seminário, a fim de se preparar para: sagrado ministério. O Rev. James Haldane, por isso, passou a pastorear a Igreja de Caruarú, que contou, nessa ocasião, com o concurso valioso do presbítero, Sr. Manoel de Souza Andrade, falecido.

Em 1925, passou a residir em Caruarú o Rev. Tomas Duncan que, com sua esposa D. Sara, fundou o "Colégio May Frost", em homenagem a essa saudosa missionária, vitimada por uma febre maligna, e construiu o templo, que não foi totalmente terminado. Esses irmãos tiveram como auxiliar a missionária D. Rosa Stephen.

Mais tarde, o Rev. Duncan deixou o campo, que passou a ser visitado pelo seminaristas. As irmãs D. Edite e D. Rosa continuaram à frente do Colégio. D. Edite casou-se com o Rev. W. B. Forsyth, que passou a residir em Caruarú. Esse ilustre pastor terminou as obras do templo.

Foi substituto do Rev. Forsyth o Rev. Tomson, que permaneceu apenas alguns meses em Caruarú.

D. Rosa foi chamada para auxiliar o Seminário em Recife. Com a sua rel rada, fechou-se, para sempre, o "Colégio May Frost".

Nessa ocasião, assumiu o pastorado o Rev. Luiz Regis, que teve de enfrentar muitas lutas, as quais prejudicaram bastante o progresso evangélico em Caruarú. Foi nessa fase difícil que o trabalho passou para as mãos do Rev. Carlos Glass, que teve no então seminarista João Laurentino um ótimo auxiliar. Visitando, dominicalmente, Caruarú, o irmão Laurentino conseguiu melhorar as finanças da Igreja e estabelecer a paz entre os irmãos.

Em Setembro de 1934, o Rev. Júlio Leitão de Melo assumiu o pastorado da Igreja de Caruaru. Foi esse colega, não resta dúvida alguma, o homem escolhido por Deus para o levantamento do seu trabalho nessa cidade. O templo passou por uma radical transformação, sendo forrado, mosaicado e mobiliado. As janelas e portas foram substituídas. As despesas elevaram-se a 10:500\$000. Ultimamente, foi edificado um templo — o de S. Mateus — que ficou em 5:000\$000.

Caruarú é uma cidade que progride de dia para dia. A Igreja também tende a se desenvolver muito mais, pois conta com um pastor consagrado, cujo supremo ideal é conseguir a santificação dos crentes e a conversão dos pecadores. Com o grupo de auxiliares que possui, não temos receio de afirmar que, dentro

[64]

de alguns anos, o Rev. Júlio terá de fazer o mesmo que o Rev. Ximenes fez em Campina Grande — aumentar a atual capacidade do templo, para abrigar as pessoas que anseiam ouvir a mensagem evangélica.

IGREJA DE JABOATÃO

Depois de Caruarú, visitamos Jaboatão, onde tivemos o grande privilégio de conhecer uma das mais caras relíquias de nossa Denominação. Referimo-nos à prezada irmã, D. Albertina Filomena da Silva Carvalho, enteada do saudoso diácono Sr. Manoel José da Silva Viana, colportor consagrado da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, pioneiro do trabalho evangélico que deu origem à Igreja Pernambucana.

D. Albertina, que ainda está bem conservada, e é um elemento de destaque na Igreja de Jaboatão; foi aluna da Escola Dominical fundada pelo Dr. Roberto Reid Kalley, na Ladeira do Barroso (RJ) e estava matriculada na classe dirigida pela Senhora Kalley, que

usava máquinas naqueles tempos conhecidas por fantasmagóricas, por meio das quais eram explanadas as mais profundas verdades evangélicas, além de salutares conselhos que eram ministrados tanto às crianças, como aos seus pais, em reuniões especiais, quando lhes eram oferecidos chás e biscoitos pelo casal Kalley, em seu domicílio.

Essa irmã hospedou-nos fidalgamente e com ela gozamos momentos felizes, recordando alguns passos importantes dos primórdios da história do nosso trabalho denominacional, tanto no Rio de Janeiro como no nordeste de nossa pátria.

Foi em 1900, talvez em Outubro, que teve início o nosso trabalho em Jaboatão. O Sr. Antônio José da Costa Araújo, convertido em Recife, e membro da Igreja Evangélica Pernambucana, primeiro esposo de D. Albertina de Carvalho, comprou nesse local dois dos muitos lotes de terrenos que o governo havia posto à venda, com o intuito único de povoar os subúrbios recifenses. Meses depois, esse irmão mandou construir uma casa de madeira, com o fim exclusivo de evangelizar os moradores de Jaboatão. Embora residindo em Recife, o irmão Antônio Araújo, dominicalmente, visitava esse bairro e, no local da referida construção, fazia, em voz alta, a leitura de alguns trechos bíblicos. O trabalho foi gradativamente prosperando e grandemente abençoado por Deus. Surgiram as primeiras conversões, dentre as quais a do irmão Amaro Duarte, pintor da Great Wertern, que, tempos depois, foi eleito e consagrado presbítero, cargo que desempenhou com muita fidelidade e consagração. Esse irmão, que esteve entrevado mais de 10 anos, faleceu no dia 3 de Junho último, tendo dado um bom testemunho da fé que tinha no seu Salvador.

No seu número de Maio de 1901, "O Cristão" publicou uma notícia, declarando que o trabalho em Jaboatão estava filiado à Igreja Pernambucana e que os cultos eram regularmente concorridos. Os Revs. Fanstone, Call, Kingston e Telford, auxiliavam esse trabalho, visitando-o periodicamente.

Vários anos se passaram e os irmãos jaboatonenes foram fazendo grandes economias, até que conseguiram comprar uma casa, que logo depois foi demolida e em cujo terreno foi edificado o atual templo, no qual gastaram 17 contos de réis e que tem capacidade para abrigar, sentadas, umas 250 pessoas.

A Igreja de Jaboatão tem tido o privilégio de ter sido pastoreada por vários Pastores, os quais se esforçaram para fazê-la prosperar. Há anos que escolheu para seu guia espiritual o Rev. Odilon de Oliveira, moço ativo, consagrado, e que tem sido uma grande bênção para os irmãos de Jaboatão, que o estimam e respeitam.

O corpo de oficiais está assim constituído, presentemente: Jesuino dos Santos, presbítero; Antônio Demétrio, Elias da Silva e Avelino França, diáco-

[65]

nos, Possui o seu rol 107 membros em plena comunhão e tem uma Escola Dominical bastante animada.

Pregamos várias vezes para os irmãos de Jaboatão, tendo tido auditórios muitíssimos grandes. No último dia de pregão, o templo estava superlotado na rua uma grande multidão ouvia com atenção a mensagem divina.

Distante 30 quilômetros da sede, a Igreja de Jaboatão mantém uma animada Congregação, num local conhecido por Engenho Novo, de propriedade de um senhor de engenho que é um terrível inimigo dos evangélicos. Já por diversas vezes tem ele ameaçado de morte os que vão pregar as boas novas em terras do seu domínio. O trabalho dessa Congregação começou em 1935 e tem apresentado alguns frutos. Felizmente, nos

tempos presentes, os irmãos estão gozando de liberdade para propagarem a doutrina do Evangelho nas terras do Engenho Novo.

A sede é em casa de um dos colonos do referido senhor de engenho, Sr. João Ferreira Pinto. Ao visitarmos essa Congregação, em 16 de abril do cor. rente ano, tivemos o privilégio de apresentar uma criança ao Senhor, por nome Noemia, de batizar 3 candidatos: João e Maria Ferreira Pinto e Cosma de Souza; de presidir a Ceia do Senhor e de pregar para mais de 200 pessoas, a maioria das quais não conhecia ainda o Evangelho.

A Congregação de Engenho Novo possui 8 membros e uma Escola Dominical com 60 alunos. É encarregado do trabalho o irmão diácono Avelino de França.

IGREJA DE AFOGADOS

Afogados é um distrito da cidade de Recife. Aí temos uma Igreja animada, cujos guias espirituais são: Rev. João Leitão de Melo, pastor; Joel Ferreira de Moura, presbítero; Pedro Vicente do Nascimento, João Lima e José Ribeiro da Silva, diáconos.

Conta o seu ról com 99 membros em plena comunhão e tem uma Escola Dominical animadíssima, com 158 alunos matriculados.

Pelo Rev. Joel, foram-nos fornecidos os seguintes dados históricos: "Um crente chamado Manoel Paulo de Oliveira, morando numa casa humilde, no mesmo local onde está o templo da Igreja de Afogados, começou a fazer cultos de propaganda em sua casa, nas terças-feiras. Este irmão ainda vive e é membro de nossa Igreja.

O primeiro culto foi na terça-feira, 6 de Março de 1909. Então o referido irmão era membro da Igreja Evangélica Pernambucana.

O trabalho continuou somente nas terças-feiras, por quatro anos. Prestou grande auxílio naquele tempo o diácono da Igreja Pernambucana, José Faustino.

Com a pregação, alguns foram atraídos para o exame do Evangelho.

Em 1913, no mês de Janeiro, o irmão Lindolfo Sena, então presbítero da Igreja de Vitória, neste Estado, veio residir em Afogados e prestou grande concurso ao trabalho iniciado. Por sugestão do irmão Lindolfo Sena, a Igreja Pernambucana comprou a casinha onde se fazia o culto. Pouco depois, foi organizada a Escola Dominical. E começaram as reuniões de oração às quintas-feiras.

Uns dois anos depois da chegada do irmão Lindolfo, o salão tornou-se insuficiente para comportar os interessados. Por isto, foi aumentado, ficando à frente o referido irmão, que trabalhou tanto na edificação como fazendo bancos. Os outros irmãos demonstravam o mesmo gosto e esforço no trabalho de reconstrução.

O número de crentes foi crescendo. Em 1917, talvez (esta data não sabemos ao certo) estava novamente o salão pequeno para o pessoal. Foi preciso construir de novo. Os crentes compraram uma casinha ao lado, e, no espaço

[66]

das duas, foi construído o templo atual. Este já está quase precisando de reconstrução ou substituição.

Em 1919, o irmão L. Sena se mudou para outro distrito e depois para o interior, deixando de cooperar em Afogados. (Atualmente este irmão reside nesta capital e faz parte da Igreja Pernambucana).

Nesse tempo, o jovem Luiz de França, (hoje ministro), que já vinha cooperando com o irmão L. Sena, ficou à frente. Grande impulso tomou a congregação com a atividade do então jovem Luiz de França, que trabalhou vários anos.

A congregação era como se vê, filha da Igreja Pernambucana. Estava assim sob sua direção havendo, porém, sempre um irmão à frente como responsável pelo trabalho. O pastor da Pernambucana era o Rev. James Haldane, que se acha na Inglaterra, no ministério ativo.

Sob a direção do Rev. Haldane, outros irmãos trabalharam em Afogados, entre eles lembramos os jovens Ageu Vieira da Silva (hoje ministro presbiteriano) e João Ximenes (atual ministro congregacional em Campina Grande, Paraíba).

Continuou a congregação dirigida pelo Rev. Haldane, com trabalhos regulares de pregação. Os pregadores eram especialmente seminaristas congregacionais e presbiterianos.

Em 2 de outubro de 1928, a Congregação foi organizada em Igreja, ficando como pastor o mesmo da Pernambucana, o Rev. Haldane.

No dia 1 de Outubro de 1929, assumiu o pastorado o Rev. Sinesio Lira, (hoje pastor da Igreja Fluminense) que foi pastor em Afogados por 5 anos e alguns dias. Pediu demissão em 1934, pelo motivo de estar dirigindo a Igreja Pernambucana".

O Rev. Joel Leitão assumiu o pastorado da Igreja em 28 de Outubro de 1934 e tem realizado trabalho importante entre os irmãos e os moradores de Afogados.

Possui essa Igreja uma próspera Congregação, num local denominado Alto do Totó, distrito de Tejipió, Recife.

As notas que se seguem, foram-nos fornecidas pelo Rev. Joel:

"Em 1935, a Igreja Pernambucana, resolveu entregar à de Afogados uma sua antiga congregação que existia em Tejipió. A referida congregação estava desanimada. Haviam morrido alguns crentes e outros se mudaram do lugar. Encontramos somente seis membros que recebemos por demissões vindas de Pernambuco, Começamos a dirigir cultos, achando o local inconveniente, porque era próximo de duas igrejas de outras denominações. Desejamos mudar o local, mas não queríamos fazer precipitadamente. O irmão Francisco Pedro da Silva, um dos seis vindos da Pernambucana, morava no Alto do Totó, que fica a mais de um quilômetro da antiga congregação.

Este irmão pediu para mudarmos para sua casa o ponto de pregação. Achamos melhor fazer uma experiência primeira. Por isto, sugerimos àquele irmão fazer alguns cultos de propaganda em sua casa, para sabermos se era conveniente a mudança.

Assim o irmão Francisco Pedro da Silva auxiliado por irmãos convidados por ele, fez o primeiro culto no Alto do Totó, no dia 24 de Abril de 1936. Continuou funcionando o trabalho no ponto antigo, ao mesmo tempo que havia cultos em o novo.

Passados poucos meses, achamos conveniente mudar definitivamente a Congregação para aquele local.

Diversos vizinhos se interessaram pelo Evangelho, e alguns se converteram. Depressa a salinha do irmão F. Pedro se encheu. Vimos a necessidade de um

salão maior. Resolvemos construir um prédio apropriado. Foi assim construído um salãozinho que inauguramos no dia 6 de Setembro de 1937. O irmão Francisco Pedro muita influência teve naquela congregação até 1938, quando se retirou para o sul do País.

Os seis membros recebidos da Pernambucana estão todos fora da atual congregação do Alto do Totó. Quatro estão no interior do Estado de S. Paulo um faleceu e o outro, que é uma senhora, está em preparativos para ir residir no Rio de Janeiro.

Apesar disto, a congregação tem uma Escola Dominical com 43 alunos. Destes mais de trinta são frutos do trabalho ali. Há ainda diversos interessados que ainda não são alunos da Escola Dominical.

Além dessa congregação, a Igreja de Afogados mantém um ponto de pregação, onde trabalham alguns irmãos que, por demissão, deixaram a Igreja Congregacional de Recife. Esse ponto é assitido por muitas pessoas. Possui, embora modesto, um pequeno templo.

IGREJA PERNAMBUCANA

Depois de Afogados tivemos o privilégio de visitar o campo vasto da veterana Igreja Pernambucana, que é no Nordeste o que no Sul é a Igreja Fluminense — fundadora de um número elevado de igrejas e congregações. Daremos, a seguir, um resumo histórico do trabalho congregacional em Pernambuco.

A serviço da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, partiu, em 1968, para Recife o colportor Manoel José da Silva Viana, que também era diácono da Igreja Fluminense.

Na Capital pernambucana, o Sr. Viana começou a anunciar as Boas Novas de salvação aos recifenses. Vários deles se manifestaram bem interessados.

Em 1871, fez uma nova viagem a Recife, onde montou uma casa, na qual reunia algumas pessoas para quem lia vários trechos das sagradas Escrituras.

No ano imediato, voltou ao Rio, narrando à Igreja Fluminense os sucessos alcançados pelo Evangelho em Pernambuco. Nesse mesmo ano, em novembro, o Sr. Viana voltou a Recife e continuou com o trabalho de propaganda evangélica.

Surgiu, em 14 de Março de 1873, a primeira dificuldade. Quando estavam os crentes reunidos para louvar a Deus, entra na sala o sub-delegado, com vários praças, e impediu continuasse a reunião. Apelaram os crentes para as autoridades superiores, mas nada conseguiram. O inimigo alcançava, assim, a sua primeira vitória. Durante mais de 4 meses não foram realizados trabalhos públicos.

O Sr. Viana e vários crentes de Recife apelaram para o Dr. Kalley, que resolveu fazer uma viagem à Pernambuco em companhia de sua esposa.

Depois de algum tempo, organizou ele a Igreja Evangélica Pernambucana, no dia 19 de Outubro de 1873, batizando 12 membros — Alexandrino José Soares, Rufina, Donatilda Sena Soares, Jerônimo Lucas, Acácio de Oliveira, Veríssima B. L. de Oliveira, Rosa Maria de Souza Lima, Francisca Tereza de Jesus, Brasiliano Valdivino, João da Fonseca, Aderito José Gomes da Silva e Plácido A. Coelho Drumond e Albuquerque.

O trabalho começou na Rua dos Caldeireiros, passando, depois, para a Rua Augusta n.º 190.

As primeiras conferências do Dr. Kalley foram feitas no Teatro Santo Antônio. Aí fez a descrição da cidade de Jerusalém e outros pontos do oriente.

O Dr. Kalley de acordo com o decreto imperial de 17 de Abril de 1863, tinha autorização para celebrar casamentos. Realizando o primeiro no Nordeste, no salão da Rua Augusta, teve o desprazer de ver que parte do povo se sublevou contra ele e que as autoridades com palavras inconvenientes, proibiram a continuação do ato religioso, com poder civil.

[68]

Ao sair com sua esposa à Rua, o Dr. Kalley foi alvo da zombaria de mais de 600 pessoas, que assobiavam, jogaram pedras, etc., obrigando esse saudoso irmão a refugiar-se em uma casa da Rua dos Caldeireiros.

Por fim os crentes de Recife conseguem uma grande vitória: o culto do dia 26 de Outubro de 1873 contou com a presença do Chefe de Polícia, do Delegado e de outras autoridades, que colocaram guardas à entrada da casa, a fim de garantirem o livre exercício de culto, garantido pelas leis imperiais.

Dentre os seus filhos antigos e ilustres, a Pernambucana conta o Dr. Antônio Marques, ministro mais antigo da nossa denominação e o Rev. Pedro Campelo, não se falando no saudoso Rev. Leônidas Filadelfo da Silva, que foi estudar para o santo ministério por influência do não menos saudoso diácono Manoel José da Silva Viana.

Até 1 de Maio de 1932, contou a Pernambucana com vários guias espirituais, dentre os quais os Revs. Kalley, Santos, Telford, Campelo, Fanstone e Haldane. Na data acima, assumiu o pastorado o Rev. Synésio Lyra, que, depois de grandes lutas e esforços inauditos, conseguiu que a Igreja se emancipasse das finanças missionárias estrangeiras, sustentando, com os seus próprios recursos, o seu pastor. Com a vinda do Rev. Synésio para a Fluminense, a Pernambucana elegeu seu pastor interino o ilustre missionário Rev. W. B. Forsyth, deão do Seminário Evangélico da Norte. Com o consentimento da Igreja, o Rev. Forsyth convidou o Rev. Samuel Falcão, da Igreja Cristã Presbiteriana, para auxiliá-lo no trabalho do púlpito, bem como no Seminário ao qual está prestando relevantes serviços. Também há uma mocinha, com curso missionário, que presta serviços nos diversos bairros onde a Pernambucana tem trabalho evangelístico. A verba do sustento pastoral está sendo distribuída entre esses dois irmãos e mais um evangelista que trabalha em Itamaracá.

Dentre as congregações da Pernambucana, visitamos as seguintes:

Pina, organizada em 7 de Dezembro de 1932. Possui uma Escola Dominical com 46 alunos. É seu superintendente o irmão Abílio Almeida.

Itapisseuna. É bem nova, mas conta com um número regular de congregados, que se estão preparando para se batizarem.

Jaguaribe, na Ilha de Itamaracá, localizada em lugar humilde, mas muito habitado. Começou há pouco tempo; é um trabalho promissor.

É responsável por essas duas congregações o evangelista Severino Alves Barbosa, que é muito estimado entre o povo, crente e descrente. Esse irmão recebe auxílio da "Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal".

Tamarineira, superintendida pelo irmão Jorge de Assis. Sua Escola Dominical é animada e conta com 99 alunos matriculados. O trabalho aí começou em 7 de Setembro de 1917. O templo, que é espaçoso, foi consagrado em igual data do ano de 1933.

Visitamos também a Igreja Congregacional do Recife, de que é encarregado o Presbítero Firmo Alves. Essa Igreja saiu da Pernambucana, quando esta adotou o calix

individual. Infelizmente, não obstante ser pequena, já houve duas divisões entre os seus membros, sendo que a última processou-se com a nossa presença, saindo os irmãos contentes, em boas relações fraternais uns com os outros, Uma parte continuou sob a orientação do presbítero Firmo e a outra filiou-se à Igreja de Afogados, visando fundar um ponto de pregação, sob a orientação do Rev. Joel Leitão.

IGREJA DE CATOLÉ DO ROCHA

Em 1926, um membro da Igreja de Campina Grande, Sr. Sebastião de Aquino, foi visitar Catolé do Rocha e, conversando com alguns cidadãos dessa cidade, disse-lhes que estaria certo que o missionário viria de Campina, se recebesse um convite.

[69]

O Rev. Hary Briault, então pastor da Igreja de Campina Grande, recebeu me telegrama que dizia: Venha urgente. Imediatamente se preparou e, no seu pé duro (automóvel), partiu para Catolé. As estradas eram muito ruins. Dois dias durou a viagem.

Católé vinha de gozar um dia de festas, em homenagem à sua padroeira, O Rev. Briault procurou indagar a residência do signatário do telegrama, vindo a saber que distava meia légua da cidade. Teve de ir a pé, pois os caminhos eram inacessíveis para trânsito de veículos.

Foi em Cajueiro, na moradia de D. Francisca, irmã do Sr. Sebastião de Aquino que o Rev. Briault iniciou a propaganda evangélica. A casa porém, depois de 3 noites de trabalhos evangelísticos, tornou-se pequena, sendo, então, os cultos realizados ao ar livre. Durante o dia, o Rev. Harry saía a fazer visitas, chegando a viajar duas léguas. No sábado, durante a feira, distribuía esse irmão folhetos de propaganda e pregava ao ar livre.

Essa primeira viagem durou 15 dias. Converteram-se 15 pessoas e um grande número ficou interessado. Nessa viagem, o Rev. Briault pregou em Manisoba, Trapiá, Rancho do Povo, Brejo Cavalos, Boqueirão, Bom Nome, além de Cajueiro e Catolé.

Outras visitas fez a esse novo campo o Rev. Briault. O Evangelho progredia grandemente, o que serviu para despertar os católicos romanos.

As altas autoridades do clero romano resolveram enviar para a Freguesia o Monsenhor Constantino, prometendo transformá-la em sede do bispado, caso acabasse com os protestantes. Foi iniciada, então, uma forte perseguição aos crentes, que permaneceram firmes. Dois anos depois, Monsenhor Constantino enviou um relatório aos seus superiores, dando a boa notícia de que só existiam duas velhas crentes e que os demais protestantes haviam desaparecido. Esse sacerdote romano foi removido para Cajazeiras, sede do bispado, com a intenção, talvez, de assumir a sua direção, como prêmio do seu trabalho. Certo dia, porém, saiu ele da cidade montado em um animal, para fazer uma visita. Na volta, sofreu um desastre, do qual veio a falecer.

Residia nesse tempo em Catolé o consagrado evangelista Sr. Sinfrônio Costa, que era encarregado do trabalho.

Os crentes, com o falecimento de Monsenhor Constantino, pensaram que iam ter um período de paz. Tal não aconteceu, pois, substituiu-o o terrível perseguidor Padre Otaviano. As perseguições aumentaram e, em várias ocasiões, os fanáticos cercaram a casa onde se realizavam os cultos. Na saída, grupos de católicos, instigados pelo Padre Otaviano, gritavam, assoviavam, batiam latas, apedrejavam o telhado, e insultavam os crentes, que eram apedrejados.

Quando o Rev. Briault visitava Catolé, era preciso ficarem soldados à porta da casa de cultos, para garantir a liberdade religiosa, enquanto do outro permanecia o Padre Otaviano vociferando insultos contra os crentes. Certo dia, o Rev. Briault aceitou o desafio desse representante papalino para uma discussão pública, que durou duas horas. Não podendo vencer pela lealdade o mensageiro de Cristo, o pseudo vigário de Jesus preparou-lhe uma emboscada, na qual o Rev. Briault deveria ser assassinado. Um seu amigo católico avisou-o, o que fê-lo cientificar as autoridades policiais do que se passava.

O delegado e um soldado acompanharam esse irmão. Quando haviam viajado uma légua, encontraram a estrada interrompida, com paus e pedras, que obrigaram o automóvel a parar. Surgem os fanáticos. O soldado, armado de rifle, obrigou-os a desobstruir o caminho. O Rev. Briault, então, continuou a viagem sozinho, até Patos, agradecendo a Deus o haver-lhe salvo duma morte certa.

Em 1929, uma senhora doou, em Cajueiro, um terreno, onde os irmãos construíram um templo, que se tornou logo depois pequeno para comportar os

[70]

Que, principalmente à noite, desejavam ouvir a mensagem divina, vindos de 2 a 3 léguas distantes.

Infelizmente, em 1932, o Padre, por intermédio de um amigo, comprou uma parte do terreno onde se achava construído o templo e, por meio de uma ação regai, conseguiu desalojar os crentes e demolir o prédio. Isto se verificou em um tempo de fome e de miséria.

Passado esse período difícil, os crentes, que se haviam dispersado, voltaram para Cajueiro e começaram a se reunir em uma casa particular e têm esperança de, dentro de pouco tempo, reedificarem o seu templosinho.

No mesmo ano de 1929, a "União Evangélica Sul Americana" adquiriu, por compra, o mercado velho de Catolé do Rocha e, em 1931, com algum sacrifício, o templo foi levantado pelos crentes locais.

A perseguição, porém, impediu que o templo fosse usado pelos crentes logo depois de terminado. Foi o Rev. Júlio Leitão de Melo quem o inaugurou. Nessa ocasião, dois soldados encontravam-se na porta do templo e o Padre Otaviano, mais adiante, cercado de carolas e capangas, tudo fazia para perturbar o serviço divino. O delegado, porém, que havia recebido ordens severas dos seus superiores, acompanhado de vários policiais, deu ordem para que ele se retirasse, sob pena de usar da sua autoridade, fazendo funcionar, se preciso fosse, as carabinas. Os capangas e as mulheres foram saindo e o Padre Otaviano, envergonhado, recolheu-se ao seu domicílio. Dentro de pouco tempo, esse sacerdote foi obrigado a deixar, para sempre, Catolé do Rocha.

Em 1934, foi construído um terceiro templo, em Brejo dos Cavalos, duas léguas distantes de Catolé. Nesse local o Evangelho progrediu assombrosamente, chegando a Escola Dominical, em pouco tempo, a ter 100 alunos matriculados.

Essas igrejas nunca puderam ter um pastor residindo entre elas. Em 1935, foi que o Rev. Murfin transferiu sua residência para Catolé, mas, devido a uma enfermidade, teve que se mudar em 1937, quando para lá se transferiu o Rev. Josué Alves, que, pelo mesmo motivo do Rev. Murfin, foi obrigado a deixar essa cidade. Nesse mesmo ano, o Rev. Lidônio de Almeida assumiu o pastorado desse vasto campo, que foi interrompido pela terrível perseguição do ano findo (Vide "O Cristão", página 157), sendo destruídos os templos de Catolé do Rocha e Brejo dos Cavalos.

Em 1937, o Rev. Lidônio conseguiu construir o quarto templo, em Cajazeiras, a 2 léguas de Catolé. Os fanáticos romanos, porém, seis meses depois, destruíram-no. Os crentes, entretanto, continuam firmes, esperando uma oportunidade para reconstruírem-no.

Em Brejo dos Cavalos, em Junho do corrente ano, surgiu nova perseguição (Vide "O Cristão", página 126). Dessa vez, porém, foram tomadas enérgicas providências e os culpados estão sendo processados.

Não obstante toda essa série de tremendas perseguições, os crentes de Catolé, Brejo dos Cavalos e Cajazeiras, em número de 300, continuam firmes na fé, sofrendo com paciência as afrontas daqueles que podem matar o corpo, mas nenhum dano podem fazer às almas redimidas pelo sangue de Cristo.

OUTRAS IGREJAS

Belo Jardim, originada de um trabalho iniciado em 1932 pelos Revs. Charles Galss e Eric Wilcockeon, sendo que o último foi seu pastor de 1935, quando se organizou em Igreja autónoma. Nessa época, foi entregue aos cuidados do Rev. Josué Alves. A Escola Dominical conta, presentemente, com 40 alunos matriculados e o rol de membros acusa o número de 20, em plena comunhão, residindo na Cidade, Com a saída do Rev. Josué do seu pastorado, o trabalho sofreu um pouco. Atualmente, salvo engano, está sob os cuidados pastorais do Rev. Júlio Leitão de Melo, de Caruarú.

[71]

Poço fundo. Trabalho iniciado em 1916. Conta com 2 congregações. A Escola Dominical possui 100 alunos matriculados e existem 60 membros. Seus guias espirituais são: José Belo, presbítero e Josué de Oueiróz e Severino Belo, diáconos.

Aracajú. O nosso trabalho nesta Cidade foi iniciado pelo Rev. Rodolfo Fernandes e filiou-se à nossa União em 29 de Dezembro de 1926.

Mais tarde, a Igreja dividiu-se e os irmãos se separaram, amigavelmente, permanecendo um grupo sob o pastorado do Rev. Rodolfo e outro sob o do Rev. João Climaco Ximenes, que, por ordem do nosso concílio organizou uma nova Igreja na Capital de Sergipe que se denominou Igreja Evangélica de Aracaju. O Rev. Ximenes, tempos depois, entregou o pastorado dessa Igreja ao Rev. Eric Wilcokson com o de Timbaúba de que era pastor esse colega. Essa Igreja conta presentemente, com 22 membros e sua Escola Dominical tem 30 alunos matriculados.

7. HISTÓRICO DA OBRA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL EM NITERÓI, ESTADO DO RIO DE JANEIRO

(Publicação feita no dia comemorativo do 70.º Aniversário da Inauguração do Templo Atual, 28/6/13)

A Comissão de História e Estatística da *União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*, com muito júbilo, apresenta o presente histórico da obra evangélica congregacional em Niterói, no grande Estado do Rio de Janeiro, cujo início se verificou há mais de cem anos.

Este relato está baseado em precisas informações publicadas no órgão oficial da denominação — O Cristão — nos anos de 1902 e 1905,

FUNDAMENTOS

Oito anos após o estabelecimento definitivo do evangelismo nacional pioneiro, por instrumentalidade dos vocacionados missionários escoceses Rev. Dr, Robert Reid Kalley e sua esposa, D. Sarah Pouton Kalley, teve princípio a implantação do Evangelho, em Niterói, que se caracteriza hoje, na Igreja Evangélica de Niterói, do regime congregacional.

Graças ao pronunciado espírito missionário predominante na Igreja Evangélica Fluminense, organizada no dia 11 de julho de 1858, muitos dos seus membros onde quer que residissem não deixavam de manifestar o testemunho do amor de Deus a favor dos pecadores.

Coube ao irmão Antônio Patrocínio Dias, membro da primeira igreja evangélica no Brasil, e que residia em Niterói, lançar os fundamentos do trabalho evangélico congregacional na capital Fluminense, por meio de contatos freqüentes com pessoas amigas e desconhecidas.

No ano de 1863, já havia um bom grupo de interessados na causa de Cristo que se reuniam para prestar culto a Deus.

Sabedor do êxito que alcançava esta sublime sementeira da Palavra de Deus, o Dr. Kalley, pastor da Igreja Evangélica Fluminense, reforçou o seu apoio e começou a enviar obreiros para ajudarem na direção dos cultos que se realizavam em um sobrado da rua da Conceição.

Não tardou a se manifestarem violentos, os inimigos dos Cristãos. No dia 10 de novembro de 1863, às oito horas da noite, deu-se uma grande perseguição aos crentes reunidos sob a direção do Dr. Kalley. Tal reação diabólica persistiu por alguns dias ao ponto de ser necessária a presença das autoridades policiais

[72]

para conter os amotinados. Era presidente da província do Rio de Janeiro o Senador Bernardes de Sousa Franco.

A pregação do Evangelho prosseguiu sem interrupção, pois os ataques dos opositores da Palavra de Deus, serviam de estímulo abençoado à fidelidade dos servos do Senhor.

DR. KALLEY DIRIGE-SE À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

A persistência do Rev. Kalley na orientação e direção do serviço divino em Niterói impressionava o povo e as autoridades públicas ao ponto de provocar na Câmara dos Deputados, da província, o surgimento de uma petição do deputado Castro Silva, pedindo informações sobre a pessoa do Dr. Kalley.

Diante dessas constantes referências e indagações, pelos jornais e por autoridades públicas, o eminente Rev. Kalley dirigiu-se a cada um dos membros da Assembléia Legislativa da então Província, por uma carta-aberta, impressa, datada de 25 de novembro de 1864, nos seguintes termos:

"Ilustríssimos e Excelentíssimos Senhores:

É desagradável a todo o particular ser objeto de indagações públicas quanto a sua nacionalidade, profissão e religião: vendo, porém, pelos jornais públicos, que isto tem acontecido a meu respeito em vossa honrada assembleia, julgo a propósito oferecer-vos uma resposta.

Sou súdito de Sua Magestade Britânica; sou médico formado na Universidade de Glasgow, fiz exame na escola médica da Côrte, e fui plenamente aprovado; sou membro honorário de vários Institutos Médicos de Londres e Edimburgo.

Consta que se tem afirmado que eu sou um dos agentes da Sociedade Bíblica de Londres que tem por objeto a distribuição das Escrituras Sagradas em todas as línguas do mundo, a um preço tão baixo que as põem ao alcance de todos que sabem ler. Crendo, como eu creio, que o temor de Deus e o conhecimento de sua vontade são alicerce da honra e estabilidade de toda nação, tenho em muito apreço os trabalhos daquela sociedade, porém não tenho relações algumas com ela: não sou e nem nunca fui missionário de qualquer indivíduo ou associação de indivíduos de qualquer nação.

A minha fortuna particular é tão suficiente para os misteres, que eu jamais consentiria servir qualquer pessoa ou sociedade por remuneração alguma que me pudessem oferecer. Tem-se feito questão também da minha religião. Por muitos anos tinha toda religião por fábula e mentira, e portanto, as desprezava.

Desde o tempo, porém que pela bondade de Deus fui levado a examinar, e ficar satisfeito pelas provas da autenticidade da revelação de Deus, e a ser convencido do seu grande amor a mim pecador, eu O amo, e desejo que outros O amem também. Há mais de vinte anos, fui aprovado em Londres como ministro competente do Evangelho do Cristo, e, durante a minha residência no Rio de Janeiro, tenho sido eleito ministro de cristãos de várias nações, que se ajuntam para dar culto a Deus e cantar seus louvores no idioma português.

Doze artigos da crença que professamos acham-se transcritos na folha seguinte.

No dia 23 de outubro de 1863, fui reconhecido pelo Governo Imperial como ministro desses cristãos, e, portanto, autorizado a celebrar casamentos entre eles, como foi anunciado pelos jornais poucos dias depois.

Tenho a honra de ser de Vossa Excelência, atento venerador e criado".

Robert R. Kalley

[73]

LOCALIZAÇÃO DO CULTO

A profissão de fé dos heróicos cristãos da linha Kalley, consubstanciada aos 28 Artigos da BREVE EXPOSIÇÃO DAS DOCTRINAS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO, sempre foi testificada com definido empenho de convicção.

Assim é que, conforme as circunstâncias exigiam, os crentes se reuniram em várias ruas de Niterói, como: Conceição, (do Imperador), Visconde de Itaboraí, (ou El-Rei), rua das Chagas, rua da Praia.

No ano de 1890, a Igreja Evangélica Fluminense, depois de ter angariado meios suficientes, encontrou um terreno e prédio na Rua da Praia, muito conveniente para o estabelecimento do seu trabalho em Niterói. Surgiu, no entanto, uma dificuldade: o proprietário e dono também do imóvel contíguo, só se interessava pela venda dos dois

imóveis. Diante do impasse o presbítero José Luiz Fernandes Braga prontificou-se a comprar o segundo prédio e terreno.

Com a posse da casa adquirida pela Igreja Evangélica Fluminense, foi instalada a Congregação.

Não tardou a se tornar pequena a sala de cultos e, como ainda não havia meios para iniciar a construção de um novo salão de cultos e o atual não suportaria uma reforma, o irmão Fernandes Braga, cedeu, gratuitamente, o seu prédio ao lado para uso da congregação, até que fosse possível a edificação de um templo próprio.

Neste salão, amavelmente cedido, continuou em franco progresso o trabalho. Logo foi necessário ampliar o salão com a eliminação de paredes divisórias.

A última sede foi na rua da Praia, hoje chamada de rua Visconde do Rio Branco. Naquele tempo o número era 141.

Nesse local a congregação permaneceu durante onze anos, até o dia da inauguração do atual templo, em 1903, ao lado, no número 143, atualmente, 309,

DE CONGREGAÇÃO A IGREJA

Todos os crentes que se congregavam na cidade Niteroiense eram filiados à Igreja Evangélica Fluminense e dela recebiam segura e constante colaboração.

Mas o propósito da igreja-mãe foi sempre alargar as suas tendas na gloriosa tarefa da evangelização. Uma vez em condições de organizar-se eclesiasticamente o grupo de irmãos militantes na terra fluminense, a Igreja E. Fluminense, em assembléia realizada no dia 17 de março de 1899 concedeu-se autonomia para funcionar como Igreja. No dia 6 de abril do mesmo ano foi instalada publicamente a Igreja Evangélica de Niterói, sob a direção pastoral do Rev. Leonidas Filadelfo da Silva, tendo como auxiliares, o presbítero Antônio Vieira de Andrade e o diácono José Joaquim Pereira Rodrigues.

Embora já organizada, a Igreja E. de Niterói continuou recebendo extraordinária ajuda da Igreja Evangélica Fluminense, especialmente na ereção do seu novo santuário.

Os dedicados irmãos da congregação receberam durante o tempo em que estiveram na dependência direta da 1. E, Fluminense, a assistência espiritual do Pastor Kalley, que residia na capital do Império, hoje, Estado da Guanabara, O Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, o 1.º ministro congregacional brasileiro, mesmo antes de ser ordenado para o santo ministério, cooperou muito com a congregação. O profícuo trabalho desse nobre servo de Cristo, em Niterói, estendeu-se por 30 anos.

Em fevereiro de 1892 a Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, convidou o Rev. Leonidas F. da Silva a assumir a direção da Congregação. Sob a direção desse obreiro é que foi organizada a Igreja.

[74]

LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO TEMPLO

Uma vez organizados em Igreja, os irmãos de Niterói, sentiram-se reforçados no seu ardor evangelístico, e, inspirados pela proteção constante da Igreja-Mãe, entregaram-se de corpo e alma ao serviço regular do culto e pregação do evangelho e logo se propuseram a

encontrar energias no sentido de construir outra Casa de Oração que melhor pudesse acolher o povo de Deus.

Quanta abnegação, quanto fervor, quanto amor, foram manifestos em benefício da concretização do ideal da ereção do novo monumento de Fé!

Chegou o feliz dia do lançamento da pedra fundamental da Casa de Oração da Igreja Ev. de Niterói, no terreno ao lado do antigo local de culto. Era o domingo, 2 de setembro de 1902. Estavam todos reunidos na penúltima sede, na Rua Visconde do Rio Branco, 141.

Às 11 horas assoma o púlpito o pastor da Igreja, Rev. Leonidas F. da Silva para dirigir o culto; tendo ao seu lado os reverendos Álvaro Reis e J. L. Kennedy, o primeiro presbiteriano e o segundo metodista. Foi registrada a presença de diversas autoridades.

A casa estava completamente cheia e bem assim os corredores e salas anexas.

Durante 35 minutos o pastor prendeu a atenção do auditório, "Aludiu às pedras grandes e preciosas, lavradas na fundação do antigo templo de Jerusalém e fez ver a superioridade da pedra escolhida, eleita e preciosa". Finalizando o pregador exortou a todos "a que se chegassem a Jesus como a pedra viva que os homens tinham rejeitado, mas que Deus escolheu e honrou".

Houve cânticos de hinos sacros e foi feita a lavratura da ata da solenidade.

Concluída esta primeira parte do programa especial do dia do lançamento da pedra fundamental do novo templo idealizado, após a invocação da bênção apostólica, todos os presentes se dirigiram, com muita ordem, para o terreno contíguo a fim de participarem do magno ato cerimonial.

Seguiu-se o encerramento em uma caixa de cobre, embutida na pedra fundamental do alicerce do futuro santuário, de vários objetos de valor histórico, cuja relação é a seguinte:

1 — Duas Bíblias, uma da versão do Padre Antônio Pereira de Figueiredo e outra de Antônio Ferreira de Almeida, oferecimento do Rev. Frak Uttley, agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, no Brasil;

2 — Um exemplar do livro dos Provérbios de Salomão;

3 — Tradução dos Salmos por Santos Saraiva;

4 — Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo.

5 — Estatutos da Igreja Evangélica de Niterói, da Igreja Evangélica Fluminense, da Sociedade Bíblica Juvenil de Niterói, da União Auxiliadora Evangélica de Niterói, da Sociedade de Evangelização, da Associação Cristã de Moços, do Hospital Evangélico Fluminense; da Sociedade Cristã de Moças;

6 — "Salmos e Hinos", com música;

7 — Histórico do princípio da Igreja de Niterói;

8 — Relatórios: Igreja Evangélica de Niterói, de 1899 a 1901; Igreja Evangélica Fluminense; Associação Cristã de Moços; da Associação do Hospital Evangélico Fluminense; Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro (vários anos);

9 — Jornais: Evangélicos — "O Cristão", "O Puritano", "O Expositor Cristão", "O Amigo da Infância", "Luz e Vida", "O Estandarte Cristão", "O Mensageiro Cristão", editado

em Portugal, "A Tribuna Cristã", o A. C. II; "O Juvenil"; jornais seculares — "O Fluminense". "Jornal do Comércio", "A Capital", "Gazeta de Notícias", "O Apoio"; "O País".

10 — Moedas de prata, níquel e cobre e algumas cédulas;

11 — Distintivos da A.C.M. e da Sociedade Cristã de Moças;

12 — Lições Intermediárias da Escola Dominical;

[75]

13 — Regras de Autonomia para as Igrejas de Niterói e Passa Três;

14 — Cartões de leitura bíblica;

15 — Um exemplar do livro: Uma Morte Feliz.

Por inspiração do momento, o Rev. Leonidas, pastor local, usou da palavra e, depois de breves considerações referentes ao ato, aventou a idéia, bem aceita, do recebimento de contribuições a favor da obra que se iniciava.

Os presentes foram informados de que havia em caixa um saldo para a construção de 25 contos de réis e que seriam necessários mais 15. De imediato foi aberto uma subscrição para receber donativos. No final da solenidade já havia sido apurada a quantia de dois contos de réis.

REPRESENTAÇÃO

Dentre as 300 pessoas que assistiam à solenidade, destacaram-se as seguintes representações:

1 — Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro, pelo seu presidente, Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos;

2 — União Bíblica Auxiliadora da Igreja Evangélica Fluminense, por Israel Galart;

3 — Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense, por seu superintendente, José Luiz Fernandes Braga Júnior;

4 — Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro, pelo seu presidente, José Luiz Fernandes Braga Júnior;

5 — Igreja de São José do Bom Jardim, antiga Cacaria, por seu pastor, Joséph Orton;

6 — Igreja Evangélica Congregacional de Passa Três, por seu presbítero José Francisco Gomes;

7 — Congregação do Encantado, pelo evangelista António Marques;

8 — Igreja Evangélica de Niterói, por seu pastor Leonidas da Silva, presbítero António Vieira de Andrade e diácono José Joaquim Pereira Rodrigues;

9 — Igreja Metodista de Petrópolis, por seu pastor João Evangelista Tavares;

10 — Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, por seu pastor colado, Rev. Álvaro Emídio Gonçalves Reis;

11— Igreja Metodista Episcopal do Sul no Brasil, por seu pastor Geoye D. Pasker ;

12 — Congregação Evangélica de São Cristóvão, por Antônio Jansen Tavares;

13 — "O Cristão", por seu redator Dr. Nicolau Soares do Couto Escher;

14 — Myron Augusto Clark, secretário geral da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro;

15 — "Expositor Cristão", pelo presbítero James Libourn Kennedy;

16 — Casa Editora Presbiteriana, pelo Dr. H. S. Allyn;

17 — Casa Editora Metodista, pelo Rev. João Evangelista Tavares;

18 — "O Estandarte", por Jessé Jansen Tavares;

19 — União Auxiliadora Evangélica de Niterói, por Bernardino Loureiro dos Santos;

20 — Sociedade Cristã de Moças, por D. Cristina Fernandes Braga;

21— União Evangélica de Senhoras, por D. Luiza Carolina de Araújo;

22 — "Luz e Vida", por Fortunato Gomes da Luz;

23 — Sociedade "Help for Brazil", por Ana Huber;

24 — Câmara Municipal de Niterói, por seu presidente, tenente coronel Antônio José de Moura;

25 — Obras Municipais de Niterói, por seu diretor, Dr. Godofredo de Freitas Tavares;

[76]

26 — "O Puritano", pelo Rev. Álvaro Reis;

27 — "A Gazeta de Notícias de Niterói — O Fluminense", por J. A. de Salles;

28 — Sociedade Auxiliadora de Evangelização, por D. Cristina F. Braga;

29 — Coronel Eduardo de Mello Alvin, vereador do 5.º distrito.

30 — Sociedade Bíblica Americana, por H. C. Tucker;

31— "A Capital" de Niterói, "Jornal do Comércio", "O País", "O Apoio", aar seus redatores;

32 — Administração do Patrimônio da Igreja Evangélica Fluminense, por José Luiz Fernandes Braga, José Joaquim Alves, João Fernandes da Gama, José Valença Peres e José Inácio Rodrigues.

33 — Igreja Evangélica Fluminense, por seu pastor João M. G. Santos, presbíteros José Luiz Novaes, José Luiz Fernandes Braga, Antônio Gonçalves Lopes, e os diáconos: José Rodrigues Martins, Manoel Pereira da Cunha Bastos, Antônio Teixeira Fernandes, Guilherme Tanner, Alberto Luiz da Rosa, Ismael Cardoso da Silva e Antônio Domingos da Assunção.

INAUGURAÇÃO DO NOVO TEMPLO

Ocorreu no dia 28 de junho de 1903 a inauguração do Templo da Igreja Evangélica de Niterói, após 9 meses de construção, neste local, então designado de Rua Visconde do Rio Branco, antiga Rua da Praia, nº 143, hoje, 309 — Niterói — Estado do Rio de Janeiro.

Com a presença de extraordinário número de pessoas, ao meio-dia, tomaram lugar no púlpito os reverendos João Manoel Gonçalves dos Santos; Leonidas Filadelfo da Silva, pastora da Igreja e Guilherme da Costa, da Igreja Metodista.

Foi obedecido o seguinte programa:

Presidência — Rev. João dos Santos

- 1 — Cântico do hino 225 (S. II.) pela congregação;
- 2 — Oração — Rev. Leonidas da Silva;
- 3 — Leitura do Salmo 118, pelo Rev. Guilherme da Costa;
- 4 — Oração — Rev. Álvaro Reis;
- 5 — Sermão oficial — Rev. João dos Santos.

O pregador baseou o seu sermão no texto que diz: "Edificados sobre o fundamento dos Apóstolos e dos Profetas, sendo o mesmo Jesus Cristo a principal pedra angular". — Efésios 2: 20.

- 6 — Agradecimento pelo Pastor;
- 7 — Cântico da doxologia 177 do S. II.;
- 8 — Bênção apostólica, pelo Rev. João dos Santos.

CARACTERÍSTICAS DO TEMPLO

O templo da Igreja Evangélica de Niterói, cuja inauguração neste ano de 1973, comemoramos 70 anos, foi construído com as suas despesas totalmente pagas.

A obra foi confiada ao construtor, João Marinho de Castro, membro da Igreja, mediante a planta habilmente arquitetada pelo ilustre engenheiro Dr. Vicente de Carvalho, para ser executada no terreno cuja medida era de 14 metros de frente por 45,33m de fundo; além das marinhas. A construção foi feita com o recuo de 5 metros para dar espaço à duas colunas, uma de cada lado.

O novo salão de cultos mede 23m de fundo por 10,60 de largura, com pé direito de 7m, havendo lateralmente um espaçoso corredor.

[77]

Construído de pedra e cal, ficando as paredes por fora em pedra rústica e as esquadrias em pinho de riga.

No frontespício foi colocado o seguinte letreiro: "Casa de Oração da Igreja Evangélica de Niterói" e na parte superior do mesmo um magnífico relógio de um metro de diâmetro, que foi ofertado pelo diretor do "O Cristão", Sr. José Luiz Fernandes Braga Júnior.

A iluminação à gaz carbônico com incandescente Auer, foi oferecida pelo dedicado irmão José Luiz Fernandes Braga.

A bancada foi composta de 52 bancos e confortava comodamente 300 pessoas.

HOMENAGEM ESPECIAL

Com a construção do templo da Igreja Evangélica de Niterói, a Denominação Evangélica Congregacional foi enriquecida em seu patrimônio. A nova Casa de Oração significava mais "um monumento de fé para atestar a sempiterna misericórdia divina para com os rebeldes filhos dos homens e recompensar àqueles que, com diligência e abnegação trabalharam para vê-lo inaugurado".

Em glorificação a Deus o nosso Pai eterno e em homenagem memorial a todos os que deram a sua contribuição material e espiritual para que fosse alcançada a grande vitória da consagração do majestoso santuário, encerramos este histórico destacando os nomes dos seguintes irmãos:

— *Antonio Patrocínio Dias* — Primeiro pregador do evangelho em Niterói, como colportor da Sociedade Bíblica, sofreu grandes e fortes perseguições: quatro vezes foi apedrejado; ameaçado de morte; preso com cadeias; mas em meio de todas as lutas saiu vencedor, pelo poder de Deus.

Foi membro da Igreja Evangélica Fluminense, batizado em maio de 1862, com 47 anos de idade e em 1863 já era contratado como evangelista.

Patrocínio, que era Português, encerrou a sua carreira terrena na sua terra natal, aos 84 anos de idade, no dia 5 de março de 1900.

As suas últimas palavras, após o cantar do hino 140, foram: "está perto, está perto" e logo fechou os olhos para sempre neste mundo.

— *Robert Reid Kalley* — Pastor fundador da Igreja Evangélica Fluminense e core de assistência espiritual ao trabalho evangélico iniciado em Niterói. Também sofreu tremendas perseguições. O Dr. Kalley teve o cuidado de escalar pregadores para substituí-lo nas suas ausências e, assim, o povo foi sustentado com a Palavra de Deus.

— *Leonidas Filadelfo da Silva* — Pastor da Congregação, sucessor do Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos. No pastorado do Rev. Leonidas foi organizada a Igreja de Niterói e inaugurado o seu templo.

Faleceu a 14 de março de 1919, na Igreja E. Fluminense.

— *José Luiz Fernandes Braga* — Este amado irmão deu muito de si, material e espiritualmente, a favor da obra evangélica congregacional em Niterói. Nunca faltou com a sua cooperação, principalmente nos momentos mais difíceis para os congregacionais da grande província do Rio de Janeiro.

— *João Marinho de Castro* — Membro da Igreja e construtor do templo. No espírito de gratidão ao Senhor Eterno, aqui fica a nossa homenagem recordativa aos 36 membros fundadores da Igreja, aos demais que a eles se acrescentaram e que juntos empenharam

na manutenção da causa de Cristo nas plágas niteroienses e aos que tiveram a ventura de ver consagrado, no dia 28 de junho de 1903, o belo santuário da Igreja Evangélica de Niterói.

[78]

Aos atuais irmãos em Cristo que hoje representam as gerações que se têm abrigado nesta Casa de Oração, dedicamos efusiva homenagem pela fidelidade, zelo e devoção demonstradas no uso deste santo edifício de adoração a Deus.

Salustiano Pereira Cesar

(Relator da Comissão de História e Estatística da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.)

8. MOVIMENTO DISSIDENTE PRÓ-RESTAURAÇÃO DENOMINACIONAL

(Artigo editorial do Jornal "Brasil Congregacional"; primeiro número, publicado em março de 1960.)

MOVIMENTO RESTAURADOR

Após dezessete anos de asfixia do espírito verdadeiramente congregacional das igrejas evangélicas no Brasil que adotavam e ainda adotam os Vinte e Oito Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo redigidos pelo eminente missionário pioneiro do evangelismo nacional em caráter permanente — Dr. Robert Reid Kalley —, 46 igrejas no Nordeste, 2 no Estado de São Paulo e 3 no Distrito Federal, com os seus respectivos pastores, desligaram-se da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil e instalaram, oficialmente, um movimento restaurador da denominação congregacional na base da primeira convenção daquelas igrejas em 1913.

Em 24/6/1940, quando se realizou a 12ª Convenção da União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal, a propósito das "demarches" que se estavam processando através da Junta Geral, com referência a modificações estatutárias para facilitar a projetada "fusão", um grupo de obreiros dirigiu um abaixo-assinado à Convenção denunciando o projeto de Constituição denominacional nos seguintes termos: "O trabalho feito naturalmente com o melhor dos intuítos, fere pela base nossos tradicionais princípios congregacionais, modificando-lhes por completo sua estrutura democrática a ponto de atingir a autonomia das igrejas."

Desde o ano de 1942 quando foi feita a apelidada fusão das igrejas evangélicas congregacionais com as igrejas cristãs evangélicas que se diziam congregacionais, seríssimas reservas e restrições começaram a se tornar evidentes nas relações entre obreiros e igrejas. Indisposições sobre os dois modos de batismo praticado por igrejas da nova organização, graves discrepâncias na aplicação do regime eclesiástico congregacional, associação cooperativa com organizações missionárias de caráter indenominacional e, ultimamente, com organizações missionárias estrangeiras de igrejas

cujos princípios não correspondem exatamente às doutrinas e métodos congregacionais; todas essas circunstâncias ocasionadas pela "fusão" das duas alas de igrejas, resultaram no afrouxamento da consciência denominacional com a degenerescência do regime e conseqüente desordem administrativa.

A infelicidade da medida convencional fusionista que determinou a fundação da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, foi logo ressaltada pela ilogicidade do nome oficial da entidade. Nele se observa claramente a coexistência de dois grupos que teoricamente se fundiram mas na realidade permanecem sob o aspecto de uma autêntica mistura. O ridículo dessa condição tida por congregacionista foi explorada pelo Rev. Dr. W. C. Taylor

[79]

ministro batista, no seu livro "Religiões e Seitas", no qual considerou aquela nova entidade como resultante de uma "santa confusão".

Já em junho de 1943, três igrejas antigas do Distrito Federal com seus dois pastores, chegaram a dirigir um severo libelo contra o estabelecimento da nova "denominação". Esse libelo foi divulgado em impresso sob o título: "Vela democracia cristã", e neles estão contidos enérgicos depoimentos reacionários os quais, hoje, têm o mesmo valor moral, pois consubstanciam pontos funda: mentais do atual movimento de restauração denominacional.

Através do órgão oficial "O Cristão" diversos artigos foram publicados esclarecendo, e até mesmo denunciando, a atmosfera intranquã reinante nos limites eclesiásticos da UIECCB. Esforços incoerentes e grosseiros têm sido feitas pelos adeptos do "stato quo" no sentido de anular essa atmosfera, ao ponto de se cometerem monstruosas ilegalidades e injustiças disciplinares contra obreiros e igrejas. É o que acaba de ser feito no Estado de São Paulo e no Distrito Federal onde já foram disciplinados cinco ministros por processos vergonhosos adotados por duas Juntas Regionais da malfadada União.

Não era mais possível aqueles que desejavam sustentar as tradições e o patrimônio histórico da denominação congregacional, concordarem que se continuasse a desonrar os nomes dos valorosos servos de Deus do passado, que lutaram consagradamente pelo estabelecimento orgânico de uma entidade representativa das igrejas evangélicas que professam as mesmas doutrinas, uma só forma de batismo e um governo eclesiástico definido.

Reagimos não para dividir nem para formar outra denominação, mas para restaurar a antiga forma denominacional.

Todos os crentes evangélicos que possuem as convicções doutrinárias genuinamente congregacionais ficam convidados a tomar posição conosco nessa cruzada restauradora. Bastará um exame nos atos e resoluções convencionais da UIECCB para ser constatado o esbulho triste praticado contra as normas denominacionais, "ipso facto", contra as próprias igrejas.

9. MENSAGEM DIRIGIDA AOS EVANGÉLICOS CONGREGACIONAIS DO BRASIL

(Incorporados à UIECCB, em 1964)

"Graça e paz a vós outros da parte de Deus nosso pai e do Senhor Jesus Cristo"
(Filemon — V. 3.)

Amados irmãos em Cristo:

Certamente é do vosso conhecimento que desde o ano de 1960 mais de 50 Igrejas Evangélicas Congregacionais em nossa Pátria iniciaram um Movimento de Restauração Denominacional para preservar o patrimônio histórico e espia ritual da nossa amada Denominação Evangélica Congregacional.

Tal movimento restaurador surgiu em conseqüência dos flagrantes desajustes verificados no seio da NOVA DENOMINAÇÃO originada pela fusão das entidades representativas das igrejas evangélicas congregacionais e das igrejas cristãs evangélicas. Esta nova denominação passou a chamar-se de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil (U.I.E.C.C.B.).

A maioria das Igrejas evangélicas congregacionais não havia percebido as deformações e anomalias que foram admitidas no conjunto denominacional. Decorridos 17 anos da FUSÃO realizada em 1942 na Convenção reunida na Igreja Evangélica Santista, já era por demais insustentável a posição das igrejas

[80]

evangélicas congregacionais que desejavam permanecer fiéis às honrosas tradições denominacionais.

O governo genuinamente congregacional das igrejas havia sido traído pela liderança convencional que manejou com a boa fé das igrejas representadas e, aos poucos, foi sendo deturpado o regime; as doutrinas fundamentais do batismo e da segurança eterna do crente começaram a sofrer interpretações sofismadas para justificação da nova entidade denominacional.

Propósitos bem definidos tem sido empregados pelos dirigentes da U.I.E.C. C.B. para completar a obra de desfiguramento total do regime congregacional praticado pelas igrejas que fazem parte daquela União, o que prova a última Constituição aprovada em Convenção, na Pedra de Guaratiba, no mês de julho do corrente ano.

Pela simples observação desse documento constata-se o seguinte:

1º) A U.I.E.C.C.B. deixou de ser uma entidade representativa das igrejas evangélicas congregacionais para ser, apenas, uma associação representativa de Igrejas Evangélicas. A palavra Congregacional que esclarece o sistema bíblico de governo eclesiástico, só aparece uma única vez no título da entidade.

A U I E.C.C.B., como nos disse um dos seus líderes, é um aglomerado de igrejas.

2º) O artigo 4º do novo diploma constitucional, além de ser ambíguo em sua redação, caracteriza o objetivo anti-congregacional da UNIAO, pois, nenhuma igreja filiada, embora independente em matéria administrativa e disciplina local, é autônoma e soberana em suas decisões. Tais princípios são inalienáveis no Congregacionalismo, mas as igrejas filiadas à U.I.E.C.C.B., agora, pela nova constituição, se obrigam a cumprir as decisões das Juntas e Assembléias da União.

Caríssimos irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo: Nós vos dirigimos esta mensagem movidos pelo profundo sentimento de lealdade que sentimos de vos esclarecer

quanto à condição denominacional em que se encontram as igrejas evangélicas congregacionais ainda ligadas à U.I.E.C.C.B.. Lamentamos que os crentes e as igrejas não tenham sido devidamente informados, em tempo, do que se tem passado nas Convenções e muito menos tenham sido esclarecidos para darem pronunciamento sobre os fatos comprometedores do regime congregacional, consumados nas últimas reuniões convencionais.

Irmãos: É tempo de reagir cristãmente, de modo elevado, sem prejudicar a fraternidade entre servos de Deus. Nesse espírito nós vos convidamos a examinar a vossa posição denominacional como membros de igrejas evangélicas congregacionais.

Para ajudar-vos a assumir uma atitude definida em relação aos objetivos desta mensagem desejamos destacar alguns pontos que reforçam a coerência dos argumentos apresentados. São os seguintes:

O primeiro estatuto denominacional, aprovado em convenção no ano de 1913, prescreveu em seus cinco primeiros artigos que "a UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS que adotam os "Vinte e oito artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo", nenhuma autoridade exercerá sobre as igrejas locais, as quais continuavam a gozar da sua completa autonomia"; "a finalidade da UNIÃO é estreitar os laços de amor fraternal entre as mesmas Igrejas e promover o desenvolvimento do seu trabalho e os interesses espirituais e "temporais das respectivas igrejas"; "as Igrejas desta UNIÃO praticam o batismo com água, de acordo com Mateus 28 v. 19".

Todos esses pontos foram mantidos até o ano de 1934, quando foram suprimidos dos novos estatutos aprovados na 10.^a Convenção. Em 1937 quando se realizou a 11.^a Convenção, a primeira resolução foi a de "VOLTAR AO PRIN-

[81]

CIPIO" como bem disse o Rev. Jônatas Tomás de Aquino no seu sermão de encerramento. Então ficou restabelecida a antiga UNIÃO sob as bases dos estatutos que vigoraram até a 9.^a Convenção. Esses estatutos, registrados em cartório, consideravam inalteráveis os artigos 1.^o, 2.^o e 3.^o os quais firmavam a finalidade da UNIÃO, a autonomia e soberania das igrejas e o modo de batismo com água.

A liderança da 12.^a Convenção realizada em 1940 desrespeitou aquela determinação estatutária, pois, a nova lei constitucional então aprovada visava acomodar o sistema denominacional para receber de futuro o enxerto das igrejas cristãs evangélicas. Foi o que se deu na 13.^a Convenção realizada em Santos, no ano de 1942, sem o prévio consentimento das igrejas.

Queira Deus abençoar esta mensagem que proclamamos em Seu nome, e, brevemente, possamos ver reunidos em um só grupo denominacional, todos os irmãos evangélicos congregacionais, trabalhando ao lado das outras denominações pela expansão da seara do Mestre.

"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito".

Salustiano Pereira César

*(Presidente da União das Igrejas Evangélicas
Congregacionais do Brasil, em 1964)*

10. PONTOS BÁSICOS PARA A EFETIVAÇÃO DO REAGRUPAMENTO

XIX CONCÍLIO GERAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL

26 a 31/1/1969 — Pedra de Guaratiba — Rio de Janeiro - Gb.

Senhores Conciliares:

Proponho que este Concílio se dirija à Assembléia Geral das Igrejas Evangélicas Congregacionais que faziam parte da ex-UIECCB, ora reunida neste mesmo local, e, em vista da possibilidade do reagrupamento de todas as Igrejas Evangélicas Congregacionais num só todo denominacional, solicite àquela assembléia a votação prioritária dos pontos primordiais ao desejado reagrupamento, tais como:

1º) O reagrupamento das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil se dará mediante a expressa determinação constitucional de que as igrejas associadas para expressarem a Denominação Evangélica Congregacional no Brasil somente funcionam sob o governo eclesiástico congregacional, isto é, o que se interpreta pelo sistema democrático direto; adotam, defendem e realizam o batismo por aspersão; mantém a autonomia e soberania das igrejas locais, sem prejuízo das responsabilidades denominacionais a elas inerentes.

2º) A participação de entidades extradenominacionais com a obra denominacional, em qualquer setor, só será admissível em termos de cooperação suficientemente esclarecidos, preservando-se a não interferência oficial dessas entidades na administração denominacional.

A aprovação desses pontos prioritários determinará a oficialização do reagrupamento de todas as Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, devendo ser nomeada uma comissão paritária para providenciar a solenidade pública desse reagrupamento.

[82]

Verificado o reagrupamento e, conseqüentemente, extintas todas as condições estatutárias até então vigentes, as Igrejas Evangélicas Congregacionais já formando um só todo denominacional, passarão a compor uma nova assembléia geral para discutir e aprovar os anteprojetos de Constituição e Regimento Interno.

Sala das sessões do XIX Concílio, Rio, Gb., 27 de jan. 1969.

Salustiano Pereira César

11. REAGRUPAMENTO DAS IGREJAS CONGREGACIONAIS

As Comissões Especiais, oficialmente nomeadas para estabelecerem entendimentos entre a UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL E A

IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL, no sentido de promover o reagrupamento de todas as Igrejas Evangélicas Congregacionais num só todo denominacional, reunidas no dia 10 de setembro de 1968 na Biblioteca Fernandes Braga no "Edifício Kalley", sita à Rua Alexandre Mackenzie, 60, ACÓRDAO EM:

1º) Considerar oportuno proceder os entendimentos com vistas à reunificação das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, na certeza de que tais entendimentos constituem verdadeira inspiração divina;

2º) Que o Anteprojeto de Constituição, já elaborado pela Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, seja submetido a estudo por parte das entidades ora em entendimento;

3º) Propor que seja feita, em termos regimentais, a convocação das duas entidades para decidirem sobre o processamento final dos entendimentos previamente estabelecidos, pelas respectivas comissões, tendo em vista o estudo, discussão e aprovação da Constituição que regerá a entidade representativa da Denominação Evangélica Congregacional a partir da data do possível reagrupamento;

4º) Sugerir que a convocação constante do item anterior seja feita para o período de 26 a 31 de janeiro de 1969, na sede do Seminário Teológico do Rio de Janeiro, em Pedra de Guaratiba.

Rio, 10 de setembro de 1968.

Pela Comissão da Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, Rev. Manoel da Silveira Porto Filho, Relator.

Pela Comissão da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, Rev. Salustiano Pereira César, Relator.

Pela Reunião, Rev. Nélio Pontes Quaresma, Secretário.

12. PROCLAMAÇÃO

de

Reagrupamento das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, lida em sessão pública realizada no dia 1 de fevereiro de 1969, às 20 horas, no templo da IEC da Pedra de Guaratiba:

[83]

Aprouve a Deus, Senhor nosso, fazer com que, através de longa e muita vez penosa história, a palavra do Evangelho semeada há cento e catorze anos em nossa Pátria pelo Dr. Kalley, origem gloriosa do Congregacionalismo Luso-Brasileiro, até nós chegasse neste momento de júbilo e de ação de graças, quando é privilégio nosso proclamar, no reagrupamento das Igrejas Congregacionais do Brasil, a vitalidade vitoriosa dos princípios evangélicos que o venerando Doutor nos deixou como herança inestimável a ser preservada por nosso povo congregacional.

Desde 1913, data da Primeira Convenção, que deu formação denominacional à Comunidade das, até então, poucas igrejas de nosso regime existentes no Brasil, porfiado esforço tem sido feito não só para com clareza de interpretação definir as linhas mestras de

nossa posição doutrinária, como também para encontrar, na estrutura de nossa organização denominacional, uma expressão estável e ao mesmo tempo dinâmica em que esses princípios se possam tornar os alicerces de nossa vida em comum.

Hoje, em 1969, nesta Assembléia histórica de Pedra de Guaratiba, o milagre da graça de Deus e do poder do Espírito nos conduziu a, em humilde submissão à vocação de fraternidade em Cristo, proclamar o reagrupamento dos dois ramos congregacionais representados pela União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil e pela Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, que, de agora em diante, ultrapassadas as causas de sua separação, passam a constituir a União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, para glória de Deus e testemunho dEle em nossa Pátria e no mundo.

Reafirmando, como características de nossa Denominação, reverente fidelidade à Palavra de Deus e vigilante zelo na manutenção dos princípios compendiados nos 28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, devotamo-nos, nessa fidelidade e nessa vigilância, a preservar em nossas relações de igrejas os princípios congregacionais em que a autonomia local das igrejas, reconhecendo a sua comum vocação em Cristo e os elos de sua fraternidade histórica de origem, alimente e promova as expressões denominacionais agora criada.

Em plena e reverente submissão a Cristo, movidos pelo poder do Espírito e em filial amor ao Pai, declaramos, para a glória de Deus, para o bem de seu povo e para testemunho do Evangelho de Cristo entre os homens, estabelecida a UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL. Assim, a bênção do Altíssimo nos guarde e faça prosperar.

Pela Igreja Evangélica Congregacional do Brasil e pela União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, ora extintas,

Manoel da Silveira Pôrto Filho

Salustiano Pereira César

Terceira Parte PRONUNCIAMENTOS DOUTRINÁRIOS

1. SÍNTESE DOUTRINÁRIA ACEITA PELOS EVANGÉLICOS CONGREGACIONAIS

"BREVE EXPOSIÇÃO DAS DOUTRINAS FUNDAMENTAIS DO CRISTIANISMO" (Aprovada em 2/7/1876)

DO TESTEMUNHO DA NATUREZA QUANTO A EXISTÊNCIA DE DEUS

1 — Existe um só Deus (1), vivo e pessoal (2); suas obras no céu e na terra manifestam, não meramente que existe, mas que possui sabedoria poder e bondade tão vastos que os homens não os podem compreender (3); conforme sua soberana e livre vontade governa todas as coisas (4).

(1) Deut. VI. 4, 1 Cor VIII, 4-6. (2) Ex. III. 14, Jer. X. 10. (3) Sal. VIII. 1, Rom. 1. 19,20 (4) Sal CXXXI V 6, Rom, IX, 15, 16.

DO TESTEMUNHO DA REVELAÇÃO A RESPEITO DE DEUS E DO HOMEM

2 — Ao testemunho das suas obras acrescentou Informações (5) a respeito de Si mesmo (6), e do que requer dos homens (7). Estas informações se acham nas Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamento (*), nas quais possuímos a única regra perfeita para nossa crença sobre o Criador, e preceitos infalíveis para todo o nosso proceder nesta vida. (8)

(5) Heb. I. 1. (6) Ex. XXXIV, 5-7. (7) 11 Tim. III, 15-17. (8) Isa VIII.19-20, Deut. IV. 2, Apoc. XXII. 18, 19. II Tim. III, 16, 17,

DA NATUREZA DESSA REVELAÇÃO

3 — As Escrituras Sagradas foram escritas por homens santos, inspirados por Deus, de maneira que as palavras que escreveram são as palavras de Deus (9). Seu valor é incalculável (10), e devem ser lidas por todos os homens (1).

(9) II Ped. I, 19-21, II Tim. III, 16. (10) Rom. III. 1,2, Salm. XVIII. 8-11, (1) Isa. XXXIV. 16, Luc. XVI, 29, João V. 39.

DA NATUREZA DE DEUS

4 -7. Deus, o Soberano Proprietário do Universo, é Espírito (2), Eterno (3), Infinito (4), e Imutável (5), em sabedoria (6), poder (7), santidade (8), justiça (9), bondade (10), e verdade (1).

(2) João IV. 24. (3) Deut. XXXII. 40. (4) Jerem. XXIII. 24. (5) Malaq. III. (6) Salm. CXLVI. 5. (7) Gen. XVII. 1. (8) Salm. CXLIV. 17. (9) Deut. XXXII 4. (10) Mat. XIX. 17.1 (1) João VII. 28.

(*) Os livros apócrifos não são parte da Escritura divinamente inspirada.

[85]

DA TRINDADE NA UNIDADE

5 — Embora seja um grande mistério que existam diversas Pessoas em um só Ente, é verdade que na Divindade há uma distinção de Pessoas, indicada nas Escrituras Sagradas pelos nomes Pai, Filho e Espírito Santo (2) e pelo uso dos pronomes Eu, Tu, e Ele empregado por Elas, mutuamente entre Si (3).

(2) Mat. XXVIII. 19 (3) João XIV, 16, 17.

DA CRIAÇÃO DO HOMEM

6 — Deus, tendo preparado este mundo para habitação do gênero humano, criou o homem (4), constituindo-o de uma alma que é espírito (5), e de um corpo composto de matérias terrestres (6). O primeiro homem foi feito à semelhança de Deus (7), puro, inteligente e nobre, com memória, afeições e vontade livre, sujeito Aquele que o criou, dias com domínio sobre todas as outras criaturas deste mundo (8).

(4) Gen. 1, 2.27, (5) Ecles. XII. 7, Mat. X, 28 (6) Gen. II. 7 (7) Gen. I. 26, 27. (8) Gen. I, 28.

DA QUEDA DO HOMEM

7 - O homem assim dotado e amado pelo Criador era perfeitamente feliz (9); mas tentado por um espírito rebelde (chamado por Deus "Satanás"), desobedeceu ao seu Criador (10); destruiu a harmonia em que estivera com Deus; perdeu a semelhança divina; tornou-se corrupto e miserável; deste modo vieram sobre ele a ruína e a morte (1).

(9) Gen. I.31. (10) Gen. II, 16-17, III. 6, (1) Rom. V. 12.

DA CONSEQUÊNCIA DA QUEDA

8 — Estas não se limitaram ao primeiro pecador. Seus descendentes herdaram dele a pobreza, a desgraça e inclinação para o mal e a incapacidade de cumprir bem o que Deus manda (2); por consequência todos pecam, todos merecem ser condenados, e de fato todos morrem (3).

(2) Salm. L. 7. (3) Rom, V. 12, 15-19, I Cor. XV. 21.

DA IMORTALIDADE DA ALMA

9 — A alma humana não acaba, quando o corpo morre. Destinada por seu Criador a uma existência perpétua, continua capaz de pensar, desejar, lembrar-se do passado, e gozar da mais perfeita paz e repositivo; e também de temer o futuro, sentir remorso e horror, e sofrer agonias tais que mais quererá acabar do que continuar a existir (4); o pecador pela rebelião contra o seu Criador merece para sempre esta miséria, que é chamada por Deus a segunda morte (5)

(4) Luc. XVI 20-31, XXIII, 43. Mat. XXV. 46. (5) Apoc. XXI. 8.

DA CONSCIÊNCIA E DO JUÍZO FINAL

10 — Deus constituiu a consciência juiz na alma do homem (6), Deu-lhe mandamentos pelos quais se decidissem todos os casos (7); mas reservou para Si o julgamento final, que será em harmonia com Seu próprio caráter (80).

[86]

Avisou os homens da pena com que punirá toda a injustiça, maldade, falsidade, e desobediência ao Seu governo (9); cumprirá Suas ameaças punindo todo o pecado em exata proporção à culpa (10).

(6) Rom. II. 14-15. (7) Mat. XXII, 36-40. (8) Sal. XLIX. 6, Atos XVII, 30.31 (9) Gal. III, 10 (10) II Cor. V. 10.

DA PERVERSIDADE DO HOMEM E DO AMOR DE DEUS

11 — Deus, vendo a perversidade, a ingratidão e o desprezo com que os homens lhe retribuem Seus benefícios, e o castigo que merecem (1), cheio de misericórdia compadeceu-se deles; jurou que não deseja a morte dos ímpios (2); além disso, amou-os, e mandou declarar-lhes, em palavras humanas, Sua imensa bondade para com eles; e quando os pecadores nem com tais palavras se importavam, ELE lhes deu a maior prova do Seu amor (3), enviando-lhes um Salvador que os livrasse completamente da ruína e miséria, da corrupção e condenação, e os restabelecesse para sempre no Seu favor (4).

(1) Heb. IV. 13. (2) Ezeq. XXXIII, 11. (3) João, 11. 16. Rom. V. 8, 9, (4) II Cor. V. 18-20.

DA ORIGEM DA SALVAÇÃO

12 — Esta salvação, tão preciosa e digna do Altíssimo (porque está inteiramente em harmonia com o seu caráter), procede do infinito amor do Pai, que deu seu Unigénito Filho para salvar os Seus inimigos (5).

(5) João III. 16-18. I João IV. 9.

DO AUTOR DA SALVAÇÃO

13 — Foi adquirida, porém, pelo Filho, não com ouro, nem com prata mas com Seu sangue (6), pois tomou para Si um corpo humano e alma humana (7), preparados pelo

Espírito-Santo no ventre de uma virgem (8); assim sendo Seus e continuando a sê-Lo, se fez homem (9). Nasceu da Virgem Maria, viveu entre os homens (10), como se conta nos Evangelhos, cumpriu todos os preceitos divinos (1), e sofreu a morte e a maldição como o substituto dos pecadores (2), ressuscitou (3) e subiu ao céu (4). Ali intercede pelos seus remidos (5) e para valer-lhes tem todo o poder no céu e na terra (6). É nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (7), que oferece, de graça, a todo o pecador, o pleno proveito da Sua obediência e sofrimentos, e o assegura a todos os que, crendo nEle, aceitam-No por seu Salvador (8).

(6) I Ped. I, 18, 19, (7) Heb. II. 14. (8) Mat. 1.20. (9) João I. 1 e 14 (10) Atos X. 38. (1) João XVII. 4. I Ped. II. 22. (2) Gal. III. 13 (3) Mat. XXVIII. 5, 6. (4) Mar. XVI, 19. (5) Heb. VII. 25. (6) Mat. XXVIII 18. (7) Atos V. 31. (8) João I.14. I João V. 12.

DA OBRA DO ESPIRITO SANTO NO PECADOR

14 — O Espírito Santo enviado pelo Pai (9) e pelo Filho (10), usando das Palavras de Deus (1), convence o pecador dos seus pecados e de sua ruína (2), mostra-lhe a excelência do Salvador (3), move-o a arrepender-se, a aceitar e confiar em Jesus Cristo. Assim produz a grande mudança espiritual chamada “nasceu de Deus (4)”. O pecador nascido de Deus está já perdoado, justificado e salvo; tem a vida eterna e goza das bênçãos da salvação (5).

(9) João XIV 16, 26, XV. 26. (10) João XVI, 7. (1) Efes, VI. 17. (2) João XVI. 8 (3) João XVI. 14. (4) João 1. 12, 13 (5) Gal, III. 26, IV, 6, 7. Rom. VIII, 16, 17,

[87]

DO IMPENITENTE

15 — Os pecadores que não crerem no Salvador, e não aceitarem a salvação que lhes está oferecida de graça, hão de levar a punição das suas ofensas (6), pelo modo e no lugar destinados para os inimigos de Deus (7).

(6) João II 1. 36. (7) II Tes. I, 8, 9.

DA ÚNICA ESPERANÇA DE SALVAÇÃO

16 — Para os que morrem sem aproveitar-se desta salvação, não existe no porvir além da morte um raio de esperança (8), Deus não deparou remédio para os que, até o fim da vida neste mundo, perseverarem nos seus pecados. Perdem-se. Jamais terão alívio (9).

(8) João VIII. 24, Luc. XVI. 25, 26 (9) Mar. IX. 42, 43.

DA OBRA DO ESPIRITO SANTO NO CRENTE

17 — O Espírito Santo continua a habitar e a operar naqueles que faz nascer de Deus (10); esclarece-lhes a mente mais e mais com as verdades divinas (1), eleva e purifica-lhes as afeições adiantando neles a semelhança de Jesus (2); estes frutos do Espírito são provas de que passaram da morte para a vida, e que são de Cristo (3).

(10) João XIV. 16, 17. (1) João XVI. 13. (2) II Cor, III. 18, (3) Gal. V, 22, 23, Rom. VIII. 9.

DA UNIÃO DO CRENTE COM CRISTO E DO PODER PARA O SEU SERVIÇO

18 — Aqueles que tem o Espírito de Cristo estão unidos com Cristo (4), e como membros do Seu corpo recebem a capacidade de servi-Lo (5). Usando desta capacidade procuram viver, e realmente vivem, para a glória de Deus Seu Salvador (6).

(4) Efes. v. 29, 30. (5) João XV. 4, 7. (6) I Cor. VI, 20, x 31.

DA UNIÃO DO CORPO DE CRISTO

19 — A Igreja de Cristo no céu e na terra é uma (7) só (), e compõe-se de todos os sinceros crentes no Redentor (8), os quais foram escolhidos por Deus; antes de haver mundo (9) para serem chamados e convertidos nesta vida, e glorificados durante a eternidade (10).

(7) Efes. III. 15, IV. 4. (8) I Cor. XII. 13. (9) Efes. 1. 11 (10) Rom. VIII. 29, 30.

() Nas Escrituras Sagradas, porém, usa-se deste título muitas vezes no plural "As Igrejas" e aplica-se no singular (2), a uma associação de crentes em qualquer cidade como Éfeso, Smirna ou Rio de Janeiro, congregada no nome do Salvador para conduzir-se de acordo com as regras que Ele deixou às suas Igrejas. (1) Rom. XVI. 4.1 Cor XVI, 19 (2) Rom. XVI. 5, I, Thes. I. 1, Apoc 1.4.

DOS DEVERES DOS CRENTES

20 — É de obrigação aos membros de uma igreja local (veja-se a nota antecedente) — reunirem-se (1) para fazer orações e dar louvores a Deus, estudarem Suas palavras, celebrarem os ritos ordenados por Ele, valerem-se uns dos outros

[88]

e promoverem o bem de todos os irmãos —, receberem (2) entre si como membros aqueles que o pedem e que parecem verdadeiramente filhos de Deus pela fé, excluírem (3) aqueles que depois mostram pela desobediência do Salvador que não são de Cristo —, e procurarem o auxílio e proteção do Espírito Santo em todos os seus passos. (4).

(1) Mat. XVIII. 20, Heb. X. 25. (2) Rom, XIV. 1, (Grego) (3) I Cor v. 3-5, Mat. XVIII. 15.17, (4) Gal. v. 16-25, Rom. VI 11. 5, 16.

DA OBEDIÊNCIA DOS CRENTES

21 — Ainda que os salvos não obtenham a salvação pela sua obediência à lei senão pelos merecimentos de Jesus Cristo (5), recebem a lei e todos os preceitos de Deus como um meio pelo qual Ele lhes manifesta S. vontade sobre o procedimento dos remidos (6) e guardam-nos tanto mais cuidadosa e gratamente por se acharem salvos de graça (7) ().

(5) Efes. 11 8, 9, (6) João XIV. 15, 1 João v. 2,3 (7) Tit. III. 4 - 8.

DO SACERDÓCIO DOS CRENTES E DOS DONS DO ESPÍRITO

22 — Todos os crentes sinceros são sacerdotes para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo (8), que é o Mestre (9), Pontífice (10), e única Cabeça da sua Igreja (1); mas como Governador da sua casa (2) estabeleceu nela diversos cargos (31 como de Pastor (4), Presbítero (5), Diácono (6) e Evangelista; para eles escolhe e habilita, com talentos próprios, aos que Ele quer para cumprirem os deveres destes ofícios (7), e quando existem devem ser reconhecidos pela Igreja como preparados e dados por Deus (8).

(8) I Ped. II. 5-9, Rom, XII, 1 (9) Mat. XXIII, 8-10. (10) Heb. III. 1. (1) Efes. 1.22. (2) Heb. III. 6 (3) 1 Cor, XII. 28 (4) Efes. IV, II (5) 1 Tim. III, 1 7, (6) I Tim. III. 8-13. (7) Efes. IV. 12, 13, 1 Pedro v. 1. (8) I Tes. v. 12, 13, Fil. II, 29.

() O tributar culto a qualquer criatura; quer seja homem, anjo, cruz, livro ou imagem, ou, a Deus por meio deles, opõe-se inteiramente a estes preceitos e a todo o gênio do verdadeiro Cristianismo. Êxodo XX. 3.5, Col. II. 18, 19.

DA RELAÇÃO DE DEUS PARA COM SEU POVO

23 — O Altíssimo Deus atende as orações (9) que, com fé, em nome de Jesus, o único mediador (10) entre Deus e os homens, Lhe são apresentadas pelos crentes, aceita os seus louvores (1) e reconhece como feito a Ele todo o bem feito aos Seus (2).

(9) Mat. XVIII. 19 (10) 1 Tim. II. 5. (1) Col. 111. 16, 17. (2) Mat. XXV, 40, 45.

DA LEI CERIMONIAL E DOS RITOS CRISTÃOS

24 — Os ritos, Judaicos, divinamente instituídos pelo ministério de Moisés, eram sombras de bens vindouros e cessaram quando os mesmos bens vieram (3); os ritos Cristãos são somente dois: o batismo com água (4) e a Ceia do Senhor (5).

(3) Heb. X. I, Col. II, 16, 17. (4) Mat. XXVIII. 19, At. X. 47, 48 (5) Mat. XXVI. 26-28, 1 Cor. XI . 23, 29.

[89]

DO BATISMO COM ÁGUA

25 - O batismo com água foi ordenado por nosso Senhor Jesus Cristo como figura do batismo verdadeiro e eficaz, feito pelo Salvador quando envia o Espírito Santo para regenerar o pecador (6). Pela recepção do batismo com água a pessoa declara que aceita os termos do pacto em que Deus assegura aos crentes as bênçãos da Salvação (7).

(6) Mat. III.11. I Cor. XII. 13. (7) At. II. 41. VIII, 12.

DA CEIA DO SENHOR

26 — Na ceia do Senhor como foi instituída por Nosso Senhor Jesus Cristo, o pão e o vinho representam vivamente ao coração do crente o corpo de Cristo que foi morto e o sangue que foi derramado no Calvário (8) (); e participar do pão e do vinho representa o fato que a alma recebeu seu Salvador, O crente faz isto em memória do Senhor, mas é da sua obrigação examinar-se primeiro fielmente em quanto à sua fé, seu amor e seu procedimento (9).

(8) 1 Cor, x. 16. (9) I Cor. XI. 28, 29.

DA SEGUNDA VINDA DO SENHOR

27 — Nosso Senhor Jesus Cristo virá do céu como homem (10), em Sua própria glória (1) e na glória de Seu Pai (2), com todos os Santos.

() A idéia de que o pão e o vinho tornam-se em Deus e devem ser adorados opõe-se aos sentidos, á razão e as Escrituras Sagradas. Adorá-los é idolatria. (1) I Cor, XI. 26. (3) e Anjos (4); assentar-se-á no trono da Sua Glória e julgará todas as nações.

(10) At. I. 11. (1) Mat. XXV. 31. (2) Mat. XVI. 27. (3) Zac. XIV. 5 (4) Mat. XXV. 31.

DA RESSURREIÇÃO PARA A VIDA OU PARA A CONDENAÇÃO

28 — Vem a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e ressuscitarão (5), os mortos em Cristo ressurgirão primeiro (6); os crentes que nesse tempo estiverem vivos serão mudados (7), e sendo arrebatados estarão para sempre com o Senhor (8); os outros também ressuscitarão, mas para a condenação (9).

(5) João v. 25-29, 16) I Cor. XV. 22, 23 I Tes. IV. 13-16. (7) I Cor. XV. 51, 52. (Grego). (8) I Tes. IV. 16, (9) João v. 29.

A Igreja Evangélica Fluminense reconhece essas doutrinas como indubitavelmente fundadas nas palavras de Deus e portanto inabalavelmente fixas; e resolve que ninguém senão os que aceitam estas doutrinas, como de Deus, terá parte na Administração de quaisquer bens que venham a pertencer a esta Igreja, em cujo nome assinamos.

Rio de Janeiro, 02 de Julho de 1876.

Dr. Robert Reid Kalley Pastores

João Manoel Gonçalves dos Santos

Francisco da Gama

Francisco de Souza Jardim Presbíteros

Bernardino Guilherme da Silva

[90]

João Severo de Carvalho

Antônio Soares de Oliveira

Manoel Antônio Pires de Melo

José Antônio Dias França Diáconos

Manoel Joaquim Rodrigues

Manoel José da Silva Viana

Antônio Vieira de Andrade

2. SÚMULA DE PRINCÍPIOS SUSTENTADOS PELOS EVANGÉLICOS CONGREGACIONAIS

1 — O sistema de governo congregacional caracteriza-se pela prática da democracia pura, isto é, aquela que é exercida diretamente pelas assembleias administrativas regulares das igrejas locais representadas pelos seus membros.

2 — A autoridade administrativa das assembleias eclesiais é inerente às mesmas e por isso é intransferível.

3 — Democracia direta, ou governo direto, é aquele em que o povo, no pleno gozo de sua soberania, resolve sem intermediários, os problemas fundamentais da sua vida coletiva. Esta é a democracia cristã que corresponde ao sistema congregacional.

4 — O direito de autonomia e soberania das igrejas é relativo tendo-se em vista a soberania absoluta da vontade de Deus. Cada igreja sob a direção do Espírito Santo expressa a vontade de Deus através das suas assembleias.

5 — Nenhuma igreja pode usar o seu direito de autonomia e soberania para alienar os seus poderes administrativos conferindo-os a comissões ou a órgãos eclesiais.

6 — A responsabilidade legislativa e judiciária de uma igreja é inalienável por ser imanente à comunidade congregacional.

7 — Toda prática eclesial contrária à essência doutrinária do regime de governo congregacional, constitui-se em um abuso de liberdade.

8 — Para efeito de ordem, a função orientativa e executiva da administração eclesial é confiada pelas assembleias ao Pastor e Oficiais na parte espiritual e temporal e à Diretoria do Patrimônio na parte civil.

9 — Qualquer comissão nomeada ou eleita em uma igreja tem função específica e transitória, independentemente do nome próprio que adotem.

10 — Todos os órgãos internos de uma igreja são subordinados diretamente à mesma, embora funcionem sob prescrições estatutárias ou regimentais particulares.

11 — Nenhum estatuto ou regimento interno pode estabelecer artigos que deformem a característica democrática direta do sistema eclesial congregacional.

12 — A admissão de membros em uma igreja congregacional é feita mediante pública profissão de fé seguida do ato do batismo com água.

13 — O batismo cristão com água, conforme determina o Artigo 25 da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, implicitamente estabelece a forma batismal por aspersão.

14 — As igrejas evangélicas congregacionais no Brasil são fundamentalistas por natureza, pois professam a teologia tradicional sustentada pelas igrejas realmente cristãs, tendo a Bíblia como única regra de fé, conduta e fonte de autoridade.

15 — Em hipótese alguma uma pessoa pode tornar-se membro de uma igreja congregacional batizando-se na idade infantil.

16 — Cabe à União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, por

[91]

intermédio dos seus concílios, zelar pela manutenção da uniformidade dos princípios e práticas denominacionais.

17 — As igrejas evangélicas congregacionais no que se refere à segurança eterna, conforme ensina a Bíblia Sagrada.

"Publicação feita no "Brasil Congregacional", em março de 1960.

3. O BATISMO CRISTÃO

Rev. Fortunato Gomes da Luz

(Estudo bíblico publicado no "O Cristão" como lição para a Escola Dominical, no 30 trimestre de 1919. O autor, vigoroso líder evangélico congregacional, fixou com argumentos profundamente bíblicos, a posição insofismável dos congregacionais brasileiros quanto à sagrada doutrina do batismo.)

O batismo é uma das instituições mais importantes na Igreja Cristã. Desde o princípio, tem sido considerado como o sinal de aliança a Cristo; o símbolo da regeneração pelo Espírito Santo.

Batismo simboliza purificação do pecado como resultado do arrependimento e fé; consagração a Deus; cidadania no reino dos céus. A água, agente de purificação é usada como símbolo do Espírito Santo, o principal e verdadeiro agente purificador (Veja-se João 7:38.39).

A comissão de Jesus aos discípulos foi sobre-a montanha da Galiléia, após sua ressurreição pouco antes da sua ascensão.

O batismo de Jesus por Jogo foi em Betábara, um dos braços do Jordão, no princípio da vida pública de Jesus.

O batismo do eunuco por Filipe, o diácono, foi na estrada de Jerusalém a Gaza, cerca de A. D. 35:

A COMISSÃO DADA AOS APÓSTOLOS

Jesus morreu na cruz e ressuscitou da morte e durante quarenta dias apareceu aos seus discípulos em várias ocasiões.

Nas vésperas da sua partida chama os seus onze discípulos escolhidos para o apostolado e sobre a montanha da Galiléia lhes dá palavras de conselho e encorajamento. Promete-lhes que estaria com eles até a consumação do mundo e na qualidade de Mestre e Senhor entrega-lhes a grande comissão do Reino que vinha de inaugurar. A Comissão dada se resume nos seguintes tópicos:

1 — Jesus tem todo o poder e autoridade no céu e na terra. 2 — Os apóstolos são ordenados a fazer discípulos de todas as nações. 3 — Esses discípulos devem fazer

juramento de aliança pelo batismo. 4 — Deverão ser instruídos nos princípios do novo reino.
5 — Jesus mesmo estará com eles até o fim do mundo.

Todos os que se tornam discípulos de Jesus devem fazer o juramento de uma eterna aliança, não com a igreja local que o recebe, mas com a Igreja de Cristo sobre a terra e que é composta de cristãos de todas as denominações. O selo desse juramento é o batismo na sua forma singela e de modo que mais simbolize a regeneração operada pelo Espírito Santo. O precursor do deserto, João Batista, nem outra forma usou, com razões de sobra, supomos, a julgar pela ênfase que dá ao batismo de aspersão do Espírito Santo, quando usando o mesmo verbo baptizo, diz: "Eu em verdade vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem após mim e mais poderoso do que eu, e cujas alpacas não sou digno de levar; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mat. 3.11-

[92]

Almeida). É impossível, aqui, torcer-se o sentido do verbo grego baptizo, emprestando-lhe a significação de imergir, a menos que quiséssemos dar a seguinte tradução: "Ele vos imergirá no Espírito Santo".

Que o Espírito Santo é aspergido, derramado, isto ninguém contesta Este ato de derramar o Espírito é chamado batismo com clareza se infere das passagens seguintes: Joel 2:28; Is. 44:3; Atos 2:3-4; 10:44-48. E é falando deste batismo que S. Paulo diz: "Não há senão um Senhor, uma só fé e um só batismo". Ef. 4: 5.

Convém não esquecer que o batismo de João não era a iniciação do prosélito na Igreja. Servia apenas de sinal público de arrependimento e era uma declaração de que o penitente estava pronto a receber a Cristo quando Ele viesse. O batismo cristão é, ao contrário, a iniciação do convertido na Igreja e a prova de completa fé em Jesus, Que o batismo de João não preenchia as condições necessárias à entrada dos convertidos na Igreja Cristã se verifica no fato de haverem sido batizados os discípulos de João em Atos 18:24: 19:5 e 7. O batismo de João não era batismo cristão e qualquer argumento quanto ao modo de administrar o batismo, baseado no modo que João batizava, fôsse qual fôsse esse modo, não tem valor algum.

E, ainda mesmo que tomássemos por modelo o batismo de João, quanto à sua forma nada se diz. As palavras entrar e sair d'água não provam que Jesus foi imerso. O que é bem razoável, lógico, coerente com a forma do verdadeiro batismo — o do Espírito Santo, é que Jesus veio ao Jordão, e descendo poucos passos até à beira do rio, aí João o batizou, tomando da água em suas mãos aplicou-a sobre a cabeça de Jesus. O importante documento histórico — A instrução dos doze apóstolos (Didache ton dodeca Apostolon), referente aos fins do primeiro século, e descoberto há alguns anos em uma biblioteca de Constantinopla, diz o seguinte, a respeito do batismo: — "Com respeito ao batismo, batiza assim: Depois de esclarecidas todas estas coisas, batiza em nome do Pai e do Filho, e do Espírito Santo, em água corrente. Mas se não tens água corrente, batiza em outra água; e se não podes batizar em água fria, batiza em água quente. Mas, se nem duma nem doutra tens bastante, derrama água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Uma nota de Spence sobre esta mesma passagem, diz: "Água corrente, água em movimento, como em uma fonte ou torrente. Uma pintura na catacumba de S. Calixto, em Roma, datando de cerca de A. D. 200, representa um mancebo em pé, com água pelos tornozelos, e recebendo o batismo pelo derramamento de água sobre a cabeça (Roma sotterraneo de Northcote e Brownlow, II estampa XV). A passagem presente (da Instrução

dos Doze Apóstolos), parece justamente recomendar este modo de cumprir o rito. E se este modo fosse impraticável, então água doce fria podia ser semelhantemente usada, a água quente serviria. Se nem água fria nem quente havia em quantidade suficiente (para a imersão até os tornozelos), então, derramamento somente (sobre a cabeça) seria suficiente. (Professores Hitchcock e Brown, E. U.)".

E, na verdade, basta um pouco de reflexão, de bom senso, de espírito desapassionado, despido de sectarismo, para se concluir que, sendo o batismo ordenado a todo o que crê, nada deve impedir que seja mesmo administrado, nem mesmo em caso de enfermidade que tenha o enfermo preso ao leito.

Tão pouco a falta de abundância d'água para uma imersão deve constituir outro entrave. Assim como a Ceia do Senhor, pode ser administrada em qualquer lugar e a todo o que é crente em nosso Senhor, assim também o batismo. Os mandamentos de Cristo não são custosos. (1º João 5:3) e nem cheios de complicações. "Segundo as palavras do mandato de Jesus, o batismo d'água deve ser um ato tão simples e tão universalmente praticável como o é seu Evangelho, e sem que a raça, o clima, ou outra cousa semelhante lhe possa servir de

[93]

impedimento (Marc. 16:15-16)". São estas as conclusões que podemos tirar das seguintes passagens: At. 2:41; 9:18; 10:47-48; 16:33 3 outras.

SIGNIFICADO DO BATISMO

O batismo representa a purificação. Já os profetas Ezequiel e Joel haviam encontrado no derramamento d'água uma linda figura um perfeito símbolo do verdadeiro batismo ou descida do Espírito Santo. (Leia-se com atenção Ezequiel 36:25-26; Joel 2:28).

A Ceia do Senhor é que foi instituída para representar a sua morte. Como já vimos e outras muitas passagens esclarecem, a Ceia e Batismo não se confundem, são ordenanças distintas e simbolizam também cousas distintas. A morte de Cristo foi pela crucificação. Não foi enterrado de forma comum, mas apenas depositado num sepulcro feito em pedra sólida. Que semelhança há nisto e o mergulhar uma pessoa completamente e logo levá-la? A frase "sepultados com Cristo pelo batismo", tábuas de salvação a que com todas as forças querem se agarrar os imersionistas, nenhuma dificuldade oferece aos que desejam obedecer aos mandamentos de Cristo e não dos homens. O apóstolo não se ocupa de ritos exteriores, fala do batismo do Espírito, que nos une a Cristo, em sua morte, sepultura e ressurreição. Ser batizado em Cristo é vir a ser um membro vivo do seu corpo místico pelo batismo do Espírito. "Por um batismo somos todos batizados em um corpo" (1º Cor. 12: 13). Todos os que recebem o batismo espiritual, foram crucificados, mortos e sepultados, quanto à vida passada e ressuscitados para uma nova vida.

Pelo batismo do Espírito Santo, que nos convence, nos atrai, nos converte, nos lava, aplicando a aspensão do sangue de Jesus Cristo, que fala melhores cousas do que o sangue de Abel, somos sepultados com Cristo (isto é, ficamos mortos para o mundo e para o pecado). "Um pouco de fermento altera toda a massa" (Gal. 5:9). Não se deve materializar textos sagrados que evidentemente só podem ser entendidos de forma espiritual. A interpretação batista de Rom. 6:4 e Efésios 4:3 -5 tem fermento capaz de levedar os crentes simplices, promover divisões entre as famílias cristãs. A Bíblia se explica por si mesma. Leia-se 1º Coríntios 12- 13.

Fica, pois, bem provado que batismo não quer dizer morte, mas purificação, lavagem, o início duma vida de santidade. Admiramo-nos de que o mesmo escrúpulo que

leva ao uso do cálix individual, não se manifeste no sistema mergulhista. Cinco, dez, quinze e mais pessoas mergulhadas no mesmo tanque na mesma água nada tem de higiênico: Não compreendemos semelhante incoerência.

ESTUDO INDEPENDENTE

Explicar o verdadeiro significado da palavra batismo, à luz das Escrituras. Estudar Daniel 5: 21 e notar a frase "seu corpo foi molhado de orvalho do céu". Na versão dos setenta o verbo usado diz que Nabucodonozor foi batizado com o orvalho do céu. Examinar Marcos 14:20 e notar a frase "mete comigo a mão no prato". Dizer se é sensato afirmar que Judas mergulhou a mão. Ler ainda em Lucas 11:38 e notar a frase: "porque não tinha lavado ele antes de comer" Sabei também que ainda aqui o original grego diz: "Porque não se batizou antes de comer". O sistema dos judeus lavarem as mãos está claramente descrito em 2º Reis 3:11. Era por derramamento.

Examinar Heb. 6: 2. Reparar que a palavra batismo tem referência aos diversos lavamentos pelos judeus conforme se encontra em Marcos 7:4-5. As camas eram batizadas pelo derramamento de água sobre as mesmas.

[94]

4. DECLARAÇÃO A RESPEITO DA DOCTRINA DO ESPÍRITO SANTO

I — Reafirmamos nossa fé na existência, natureza e ministério do Espírito Santo, conforme as Escrituras e segundo os postulados nos artigos 5, 13, 14, 17, 18, 19 20, 22 e 25 da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, histórica declaração de Fé da UIECB.

II — Em concordância com os ensinamentos bíblicos e as declarações fundamentais exaradas na Breve Exposição acima citada, e para dirimir dúvidas a respeito de interpretações unilaterais de textos que possam contradizer o padrão doutrinário da *União* e introduzir práticas de culto coletivo ou testemunho individual não conformes ao pensamento denominacional, reconhecemos como princípios de fé e prática da União em relação ao ministério do Espírito Santo na vida cristã:

1.º — Que todo crente, verdadeiramente convencido e regenerado pelo Espírito Santo, foi por Ele batizado em Cristo, ao qual, por esse batismo, está unido em união vital e nEle tornado membro do seu corpo, que é a Igreja.

— Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e temos todos bebido de um Espírito (I Cor. 12:13). Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele (Rom. 8:9). Há um só corpo e um só Espírito, como também foste chamados em uma só esperança da vossa vocação (Ef. 4:4). Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus (Jo. 3:5). Em Cristo... em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e, tendo nEle também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa (EL 1: 13).

2.º — Que, tendo assim efetivamente recebido o Espírito Santo ao se converter e ser regenerado, cada crente, pela promessa de Jesus, é tornado habitação do mesmo Espírito, que nele atua para fazê-lo crescer na graça e no conhecimento de Deus, na santificação da vida pessoal e na eficiência e fidelidade do testemunho cristão.

— Eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito (Jo. 14:16, 26). Vós O conheceis, porque habita convosco, e estará em vós (Jo 14: 17).

— Porque vós não estais na carne, mas no espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós (Rom. 8:9). — No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito (Efésios 2: 22).

3.º — Que, a par desse ministério de assistência e direção do -Espírito Santo na vida pessoal de cada crente e da Igreja, é mister, pelas Escrituras, tanto da parte da Igreja como dos crentes individuais, uma constante vigilância de sentimentos, disposições e juízos, no sentido de se manterem e aperfeiçoarem em submissão, humildade e comunhão para com Ele, manifestando os Seus frutos na vida diária e enchendo-se dEle para um mais perfeito e dignificante testemunho de Jesus e do Evangelho.

— Enchei-vos do Espírito (Ef. 5: 22) A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos (II Cor. 13:13). — Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne (Gal. 5:16), — Os que são segundo a carne inclinaram-se para as coisas da carne, mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito (Rom. 8:5). O Espírito Santo que Deus deu aqueles que lhe obedecem (At. 5:32). Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da Paz (Efésios 4: 3).

4.º — Que, por falta dessa submissão, dessa humildade e dessa comunhão assim também como por exagerada ênfase de interpretações unilaterais a certos

[95]

passos das Escrituras em detrimento da harmonia doutrinária da Bíblia sobre o ministério do Espírito Santo, na Igreja e no- crente, é possível a este entristecer o Espírito, resistir a Ele e até mesmo extingui-lo na eficácia de Sua direção à vida, comprometendo a manifestação do fruto espiritual dessa vida, que o apôs, tolo Paula apresenta como a expressão não testamentária da plenitude do Espírito:

— Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção (Ef. 4:30). — Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo (At. 7:51). — Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne? (Gál. 3:3). — Não extingais o Espírito (I Tes. 5:19). — Ora, o mesmo Deus de esperança vos encha de todo gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do mesmo Espírito (Rom. 15: 13).

5.º — Que, na medida de sua submissão ao Espírito e do cultivo de sua maior comunhão com Cristo através dEle, é possível ao crente gozar de mais profundas experiências espirituais também por meio dele, quer na santificação de sua vida pessoal, quer na eficiência real do seu testemunho, assim como uni mais perfeito e espiritual discernimento da vontade de Deus conforme as Escrituras,

— Porque o Espírito penetra todas as coisas criadas das profundezas de Deus... Assim, ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos

conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus (I Cor. 2:10-13). — Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional, e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação de vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Porque pela graça que me é dada, digo a cada, um de vós que não saiba Mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu e cada um (Rom. 12: 1-3).

— Para que, segundo as riquezas de Sua glória, (Deus) vos conceda que sejais corroborado com poder pelo Seu Espírito no homem interior, e para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus (Efésios 3: 14-19).

6.º — Que, dada a natureza pessoal dessas experiências e as condições fundamentalmente individuais que as possam possibilitar, é reconhecido, outrossim o perigo de se confundirem reações circunstanciais de emoção e sensibilidade própria com o que possa, na realidade ser inspiração e manifestação legítima do Espírito — é sempre necessário não só procurar humilde e reverentemente distinguir entre estas, como também evitar generalizar essas experiências individuais, quando legítimas, como padrão a ser imitado por outros crentes. A observação do fruto do Espírito, descrito por Paulo em Gál. 5: 22, 23, deve ser tomado como ponto bíblico de referência para se identificar a presença atuante do Espírito Santo na vida e na obra do crente, e para se evitar, como de qualquer outra origem, todo ensino, atitude ou ministério prejudiquem ou destruam a excelência total ou parcial dos sentimentos, atos e disposições característicos daquele fruto.

— Mas o fruto do Espírito (caridade, benignidade, gozo, paz, longanimidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei (Gál. 5: 22-23). — Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito (Gál. 5:25). — Não sejamos cobiçosos de vanglória, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns ao; outros (Gal. 5:26), — Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer (I Cor. 12:11).

[96]

7.º — Que todo aperfeiçoamento espiritual na vida cristã, assim como todo poder e eficácia do ministério dos crentes e da Igreja, é obra do Espírito Santo, que neles habita e atua para crescimento do corpo de Cristo e sua edificação em amor.

— No qual (fundamento) todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito (Ei. 2:21, 22). Cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor (Ef. 4:16). — Há diversidades de dons, mas o Espírito é o mesmo (I Cor. 12:4-11).

8.º — Que, tendo em vista esse crescimento da Igreja, na conversão de almas e no amadurecimento espiritual dos crentes, e essa edificação dos irmãos em comunhão mútua e com Deus, o Espírito Santo confere dons para ministérios e capacidades especiais aos crentes, como Ele quer, a quem Ele quer, e para o que for útil.

— A manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil... repartido particularmente a cada um como quer. (Ler o texto completo do cap. 12 de I Cor.). — E Ele mesmo deu uns para apóstolos e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo (Ef. 4: 12).

9.º — Que, a respeito de dons sobrenaturais ou miraculosos, tais como profetizar, falar novas línguas ou línguas estranhas e curar enfermidades é mister, pelas Escrituras, estarem os crentes de sobre-aviso para não se deixarem levar por qualquer vento de doutrina que lhes pareça vir de Deus mas provar os espíritos, atendendo a que:

a) Ainda que seja imprudente limitar a livre manifestação do Espírito em quem, quando e na medida que Ele quer, por efeito de recomendações eclesiásticas proibitivas de expressar tais ou quais manifestações que se apresentem como produzidas por Ele, — o próprio Espírito pelas Escrituras que Ele mesmo inspirou, já nos deu instruções precisas quer para identificá-lo nessas manifestações, quer para o uso conveniente daqueles dons, quando forem legítimos.

— Amados, não creiais a todo espírito, mais provai se os espíritos são de Deus (I Jo, 4:1). — Não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina (Ef. 4:14). — Estes são os que causam divisões, sensuais, que não têm o Espírito (Ju. 19). — Rogo-vos irmãos que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviái-vos deles... com suas palavras e lisonjas enganam os corações dos simplices (Rom. 16:17, 18). — Eu sei... que puseste à prova os que dizem ser apóstolos e não o são, e tu os achastes mentirosos (Apoc. 2:2). — Examinai tudo II Tes. 5: 21).

b) Sinais são para incrédulos, conforme as Escrituras, e nenhuma indicação escriturística existe que condicione a santificação da vida cristã com a aquisição e ministério daqueles dons, que dependem da livre e soberana distribuição do Espírito.

— De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mais para os infiéis; e a profecia não é um sinal para os infiéis, mas para os fiéis (I Cor. 14:22) — Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação (I Cor. 14: 3). — Porque todos podeis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados. E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas (I Cor. 14:31, 32). — Porque andamos por fé e não vista (II Cor. 5: 7).

[97]

c) Aqueles que, no Novo Testamento, receberam alguns desses dons extraordinários não os receberam nem em comum com os demais apóstolos e discípulos nem para exercê-los senão em ocasiões em que isso se fez útil para a obra do ministério, não se tornando seu exercício em método constante do testemunho cristão.

— Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas constantes enfermidades (I Tim. 5:23). — Epafrodito, meu irmão e cooperador e companheiro nos combates... eu estava muito angustiado de que tivesse ouvido que ele estivera doente, e de fato esteve doente, e quase à morte (Fil. 2:26, 27). — Deixei Trófilo doente em Mileto (II Tim. 4:20). — E sabeis que primeiro vos anunciei o Evangelho, estando em fraqueza da carne... dou testemunho de que, se possível fôra, arrancaríeis os vossos olhos e mos daríeis (Gál. 4:13-15). — Foi-me dado um espinho na carne... acerca do qual orei três vezes ao Senhor para que se desviasse de mim, e disse-me: A minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa nas fraquezas (II Cor. 12: 7-9).

d) As Escrituras avisam-nos a respeito do perigo da aceitação de maravilhas e sinais que, apesar de todas as evidências apresentadas como provenientes de Deus, e a tal ponto que aos próprios escolhidos poderiam iludir, não tem contudo senão origem naquele cujo objetivo é confundir, dispersar e destruir a obra do Senhor.

— Farão tão grandes sinais e prodígios que, se fôra possível, enganariam até os escolhidos (Mat. 24:24). — Ler II Tes. cap. 2,

III — Sem intentar exercer julgamento sobre a genuidade cristã daqueles que, levados por várias circunstâncias, não tem a respeito da distribuição e uso desses dons extraordinários o mesmo critério de interpretação aqui exposto, julgamos que aos crentes e Igrejas incumbe:

a) Examinar prudentemente à luz das Escrituras e, em particular, do contexto neo-testamentário sobre o Espírito Santo, qualquer doutrina ou prática que se pretenda relacionar com o seu ministério ou Sua inspiração.

b) Reconhecer que todos precisamos de ser, cada dia, aperfeiçoados no poder do Espírito Santo através de mais reverente submissão à vontade de Deus, maior santificação da vida pessoal, mais dominante paixão pela conquista de almas para Cristo e maior caridade e tolerância cristã pelo próximo.

c) Reconhecer e salvaguardar o direito inerente a cada crente à liberdade e expressão de sua fé religiosa no que tange a aspectos secundários ou colaterais dos princípios fundamentais de sua Igreja ou Denominação, liberdade essa, porém, que se extingue no caso de essas divergências se tornarem prejudiciais à paz, ao amor e à comunhão espiritual entre os irmãos.

d) Reconhecer e salvaguardar ainda o direito inerente a cada crente ao livre exame das Escrituras e à liberdade da consciência em matéria de fé honestamente nascida e alimentada num puro e sincero desejo de amor e de submissão à vontade de Deus.

e) Aceitar e satisfazer a responsabilidade de esclarecer, instruir e ajudar os irmãos que se desviem para doutrinas e práticas não condizentes com os princípios denominacionais apresentados nesta Declaração, e, caso persistam em seus pontos de vista contrários a eles, dar-lhes liberdade de se transferirem honrosamente para outro grupo evangélico com o qual tenham maior identificação de temperamento ou de doutrina, desde que não estejam incursos em qualquer processo de disciplina eclesiástica.

IV — Recomendamos às Juntas, às Igrejas, aos Pastores e aos irmãos em geral, tendo em vista a solução cristã de problemas e divergências por acaso suscitadas em torno da doutrina do Espírito Santo e movimentos chamados

[98]

avivamento da Igreja com tendências e práticas pentecostalizes, a conveniência de:

a) Dar maior ênfase e freqüência aos sermões do tipo expositivo e a estudos bíblicos em que, de modo especial, se esclareça a doutrina do Espírito Santo em suas relações com a vida da Igreja e do crente;

b) Zelar, ainda mais cuidadosamente, pela vida espiritual do povo de Deus, alimentando-o pela Palavra, no amor de Deus e na comunhão de uns para com os outros, usando-o no serviço prático do Evangelho e na evangelização da; pecadores, fortalecendo-o no espírito de gratidão e na esperança da vinda do Senhor Jesus;

c) Ter sob estrita vigilância, para esclarecimento e defesa do povo todos os movimentos que atentem contra a pureza doutrinária da Igreja, causando amarguras, dissensões e atritos entre os filhos de Deus.

d) Programar as reuniões de culto com a simplicidade reverente e solene que elas devem ter, proporcionando, por meio delas, oportunidade para que, com poder e com naturalidade, a presença de Deus se faça sentir, operando na Congregação.

e) Recomendar, com empenho, a prática do culto doméstico e leitura diária das Escrituras, assim como o ministério da oração na Igreja e no povo de Deus;

f) Promover a solução cristã, de acordo com a Secção III desta Declaração, de problemas por ventura surgidos em relação aos fatos nela considerados.

A Comissão

Rev. Pôrto Filho (Relator)

Rev. W. B. Forsyth

Rev. Myron P. da Costa

Rev. Mauro Ramalho

Rev. João Arantes Costa

5. REPRESENTAÇÃO SOBRE DOCTRINA E PRÁTICA DO ECUMENISTO ECLESIAÍSTICO

A União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil reconhecendo a gravidade da hora que passa na esfera da interpretação e prática das relações ecumênicas entre grupos religiosos à luz da experiência histórica das Igrejas e dos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras e sentindo também a necessidade de uma exposição de princípios que caracterizem o pensamento e a posição de suas Igrejas em face do problema, vem por esta oferecer à Confederação Evangélica do Brasil, da qual se honra de ser uma das entidades eclesiásticas filiadas, e, por intermédio dela, ao mundo evangélico em geral, a presente declaração, em que esses princípios se acham, em súmula, compendiados.

I — As Igrejas da União crêem na unidade espiritual da Igreja de Cristo, definida, para esse fim, como a comunidade visível e atual de quantos, alcançados pela graça redentora de Deus em Jesus Cristo, conforme as Escrituras, Confessam o Seu nome em novidade de vida e se associam para servi-Lo e glorificá-Lo sob a direção do Espírito Santo.

II — Reconhecem as Igrejas da União que essa realidade ecumênica da Comunhão em Cristo está radical e permanentemente assegurada pela promessa de Deus, conforme as Escrituras, e pela experiência pessoal da conversão de cada crente, e se mantém independentemente de suas diferenciações étnicas e culturais e mesmo além de sua capacidade de formulação racional de princípios teológicos quando, nessa formulação, não contradigam as grandes verdades cen-

[99]

trais da Revelação Cristã como aparecem, resumidas, no 28 Artigos da Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo, histórica Declaração de Fé daquelas Igrejas.

III —As Igrejas da União têm por boas e justificáveis as razões da existência de vários grupos evangélicos, como organizações eclesiásticas e comunidades de serviço cristão, que, no amor de Cristo e lealdade à Sua Palavra, testemunham de Seu ministério redentor no mundo, promovem a expansão do Seu Reino sobre a terra e cultivam o espírito de fraternidade e mútua cooperação entre os membros da família de Deus.

IV - As Igrejas da União não consideram como escândalo ou pedra de tropeço perante o mundo, na proclamação do Evangelho, a existência desses grupos confessionais e de serviço para esse fim e nessas condições organizados, mas, sim o amargo e contencioso espírito de separatismo, de concorrência e desmerecimento que entre si alguns desses grupos, íntima ou publicamente, possam desenvolver e testemunhar, com prejuízos para a comunhão dos crentes e para o conceito da Igreja diante dos homens.

V — Compreendem as Igrejas da União que, por circunstâncias disciplinares na organização desses grupos evangélicos, as relações eclesiásticas entre comunidades divergentes possam sofrer restrições, que, crêem aquelas Igrejas, são passíveis de ser perfeita e completamente superadas por um dominante espírito de humildade e reconciliação, no temor de Deus.

VI — Não crêem as Igrejas da União na viabilidade de um ecumenismo orgânico das comunidades evangélicas ou cristãs no sentido de sua arregimentação num só grupo ou instituição universal, mas crêem na legitimidade evangélica de todo esforço que se destine a promover a aproximação, a comunhão e a cooperação das várias entidades fiéis à Palavra de Deus, como expressão pública de comum experiência na graça de Deus e no serviço de Cristo.

VII — Entendem as Igrejas da União que, na ordem social e no serviço aos homens, as Igrejas evangélicas podem e devem oferecer sua colaboração a todos os elementos de poder e de influência construtivos na sociedade, mas entendem também que essa colaboração, ampla em todos os sentidos em que seja útil, deva ser preservada de qualquer aspecto, compromisso ou subordinação que desfigure, ofenda ou ignore a natureza evangélica das Igrejas e de seus propósitos.

VII — Crêem as Igrejas da União que, em sincero amor pelas almas e caridosa compreensão e respeito pelos homens, as Igrejas evangélicas devam ser servidoras deles na compaixão e na verdade de Cristo, conforme as Escrituras, sem que esse serviço e essa tolerância as conduza a prestigiar, justificar ou incrementar, participando delas, quaisquer formas de iniquidade ou desobediência a Deus, na ordem civil ou eclesiástica.

IX — Não participam, pois, as Igrejas da União da prática e promoção de ecumenismo como levadas a efeito em reuniões conjuntas de culto entre grupos evangélicos, católico-romanos e de outras confissões religiosas que mantêm fundamentos díspares, contraditórios e exclusivos em suas razões de esperança e de fé. Ainda que sejam naturais e desejáveis encontros para sincero e reverente exame da verdade conforme as Escrituras e a reavaliação das relações até então mantidas por esses grupos, não vêm as Igrejas da União possibilidade de comunhão real nessas reuniões de culto comum, pela ausência de harmonia de esperança e fé entre seus participantes. E crêem ainda aquelas Igrejas no fato de, sendo ali aceitos como legítimos os sentimentos e expressões religiosas de grupos não evangélicos, a própria Igreja estar diminuindo sua capacidade e autoridade

de influência e apêlo na esfera de evangelização e de missões, além de promover a desorientação espiritual e o enfraquecimento da lealdade às Escrituras no seio das próprias Igrejas.

[100]

X — Por este instrumento e nessas circunstâncias, as Igrejas da União manifestam sua tristeza e suas apreensões à Confederação Evangélica do Brasil em relação a esse muitas vezes chamado diálogo, mas que, a seu ver na realização de tais reuniões, se tem tornado testemunho de identificação espiritual e religiosa perante o mundo entre igrejas evangélicas e outros grupos cujos membros elas são comissionadas a levar a mensagem de conversão redentora a Cristo Jesus pela pregação do Evangelho. E, sendo esse um assunto que interessa profundamente ao povo evangélico do Brasil e ao conceito que entre ele desfrute a Confederação, sugerimos, como um dos membros efetivos dessa entidade e para que a União possa justificar a sua filiação a ela em tais circunstâncias, que a Confederação Evangélica do Brasil se pronuncie também, como lhe convenha fazer, a respeito desses fatos.

Fraternalmente apresentado, no amor de Cristo,
pela União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil,

M. Pôrto Filho, Secretário-geral
Nilson Pinto Correia, Presidente
Rio, 14 de dezembro de 1965.

Acréscimo

1 — Que as Igrejas da União se abstenham de participar de reuniões ecumênicas do tipo considerado no documento, quer cedendo suas dependências para sua realização, quer fazendo-se nelas repreesntar;

2 — Que os crentes que possam vir participar de tais movimentos o façam em caráter individual, sem comprometimento nem representação de sua Igreja ou denominação;

3 — Que, em casos de incompatibilidade de consciência em relação à posição assumida pela Denominação, sejam pelas Juntas ou Igrejas estudadas soluções honrosas com referência aos objetantes, para preservação da harmonia denominacional.

6. RESPONSABILIDADE SOCIAL DA IGREJA

I — Cremos ser impossível chegar-se a ter uma visão justa do que representa a responsabilidade social da Igreja sem que se defina, antes, do ponto de vista cristão, um conceito básico da Sociedade, do Estado e da própria Igreja, que nos permita reconhecer, e só então, o caráter das relações e interações envolvidas por ele. Torna-se, ainda, necessário examinar a posição da Igreja em relação a Israel, para evitar-se aplicar àquela

princípios e responsabilidades que eram típicos da estruturação político-religiosa do Velho Testamento.

II — Inicialmente devemos proclamar o caráter fundamentalmente teológico da matéria a estudar. Toda concepção do mundo e dos homens/da História e da Sociedade, tem para nós, cristãos, vinculações imediatas com Deus, que cremos ser o Criador do homem e do universo, o Senhor ativo da História e o Juiz das nações e das estruturas sociais. O conceito bíblico da Criação não está limitado a uma tese a respeito da maneira como o mundo e todas as coisas entraram em existência, mas tem seu ponto capital na revelação e no reconhecimento de que Deus não somente é criador senão que também efetivamente age dentro de um propósito redentivo para com Sua criação, sendo a um tempo sustentador, juiz e senhor dela, nela estando incluídos e sua história.

III — A doutrina da criação do homem à imagem e semelhança de Deus assim como o relato das condições naturais em que ele foi colocado no mundo, conferem-lhe uma dignidade intrínseca que está relacionada com inalienáveis

[101]

direitos básicos do indivíduo e da comunidade, tais como: liberdade de consciência, acesso e deveres ao trabalho e ao fruto do trabalho, educação, saúde, informação, proteção social, propriedade privada e comunitária, matrimônio, inviolabilidade da vida, do corpo, do lar, expressão do pensamento dentro da ordem.

IV — Crescendo e diferenciando-se os círculos das comunidades humanas a ordem política comunitária e inter-comunitária expressou-se através do Estado, cujo fim último, na soberania de sua área de atuação, é promover, garantir e melhorar as condições do bem-social em equilíbrio com os direitos e a dignidade peculiares ao homem como homem. Assim o Estado, baseado no princípio da autoridade para o bem comum, é também ordem da Criação, no sentido de que representa o propósito de Deus que, à parte o pecado, os homens vivam em comunidades e não como seres isolados e independentes. Numa sociedade de estrutura secular e, portanto, em áreas de pecado, o Estado, como órgão da comunidade que decreta e impõe leis, pode falhar ou ser omissivo na promoção da justiça dentro da ordem, seu objetivo principal. Nenhum sistema estatal, nenhuma ideologia interpretativa da realidade social em determinada época, seja em termos filosóficos, políticos ou econômicos, é infalível e final em si mesmo. O que há de inviolável e permanente dignidade no Estado é a procura do bem comum, o respeito ao homem como homem, o prestígio da lei pela lei.

V — Na estrutura social israelita o regime era teocrático, de um Estado religioso ou, melhor, de uma filosofia religiosa socialmente aplicada em termos de Estado. Seus líderes eclesiásticos exerceram tanto autoridade política quanto religiosa. Os governantes tinham o compromisso e a responsabilidade de governar as questões internas e externas do Estado em estrita harmonia com os princípios religiosos do culto nacional. O ministério profético-sacerdotal era parte integrante da ordem estatal, na qual os elementos seculares do governo não deveriam ser senão organismos de obediência e de ação do que, em sua área, estava previsto nos termos do concerto nacional com Deus.

VI — Na dispensação do Novo Testamento, conquanto reafirme a soberania de Deus sobre toda a criação, incluindo a área secular e espiritual da História, Jesus distingue entre a área de César e a área de Deus, a esfera da Lei Civil e a esfera da atuação eclesiástica ou religiosa. A Igreja, como tal, não participa do regime social em termos de Estado. Embora seus membros, como indivíduos, sejam também membros responsáveis da ordem político-econômico-social, a Igreja dela não participa nem com ela se compromete senão através

das resultantes espirituais que provoca e estabelece em cada um desses indivíduos, fazendo-os, pela capacitação dessa cultura que lhes dá, elementos de testemunho e de influência da Igreja no quadro de inspiração e direção do bem social pelo Estado. A organização eclesiástica e a organização estatal não se interferem senão em áreas em que uma e outra se esclareçam, ajudem e salvaguardem nas legítimas expressões de sua natureza e finalidades.

VII — Desse modo o Estado, guardião das liberdades, direitos e responsabilidades individuais e comunitárias, inclui a Igreja entre as áreas de sua proteção, quer ao seu aspecto de comunidade humana quer no aspecto da liberdade de consciência e culto de seus membros. Por seu lado a Igreja, atuante em suas áreas específicas de profecia, comunhão e serviço, instrui e edifica homens na área redentiva de seu apostolado evangélico, educando-os na lealdade que devem a Deus e a César, aperfeiçoando-os no amor ao próximo e na observação construtiva da ordem legal e agindo, pelas relações que esclarece deverem existir entre os homens e Deus e entre eles mutuamente, como elemento dinâmico de inspiração, revisão e crítica nos costumes sociais e nas posturas legais que regem a cidadania e o justo governo do interesse público.

[102]

VIII — Ainda que a Igreja deva evitar identificar-se com qualquer sistema político-econômico-cultural, pois nenhum deles, por sua própria natureza secular; é totalmente cristão, reconhece também que determinadas condições político-econômico-sociais se podem tornar tão opressivas a ponto de constituírem obstáculos à eficiência da pregação do Evangelho e à sua aceitação. Por isso mesmo, e levada pelo amor ao próximo, é próprio da Igreja. Já como organização, já como inspiradora de iniciativas particulares de cristãos, o ministério ativo de serviços sociais como expressão de mordomia desse amor.

IX — É atitude cristã, inspirada pelo ensino e influência da Igreja, a participação obediente e responsável no processo ordeiro da vida comunitária e quando, por motivo de consciência, alguma lei não puder ser obedecida, agir nesse sentido sem ferir o princípio básico da autoridade civil e da lei como princípio, ou tentar mudar a lei injusta pela participação construtiva nos processos normais de legislação.

X — Visto que a dignidade da ordem estatal mais se acentua e confirma quanto mais ela atuar no círculo e na amplitude em que se harmonize com a natureza de uma ordem de criação de Deus para o bem comum, conclui-se que, embora a Igreja e o Estado tenham suas esferas legítimas e peculiares de atuação em que são autônomos em suas relações mútuas, compete à Igreja, pela esfera em que age como intérprete e porta-voz dos propósitos de Deus para com todos os homens em sua vida total, o dever de colaborar com a ordem social lembrando-lhe a sua responsabilidade perante a lei moral e perante Deus. E visto que as leis do Estado se fundamentam primariamente nos padrões morais aceitos pela maioria dos cidadãos e dos legisladores, é responsabilidade da Igreja servir como elemento ativo de influência que eleve a purifique esses padrões de modo a atingir-se um mais alto nível de justiça social.

RECOMENDAÇÕES

Reconhecendo que, embora a função precípua e característica da Igreja seja a pregação do Evangelho para a redenção de almas, tem ela também as responsabilidades sociais consideradas nos parágrafos anteriores, recomendamos:

1 — Que as Igrejas, por suas instituições e pelo estímulo à iniciativa individual de seus membros, busquem solucionar problemas de beneficência e ajuda social não só de crentes como também de outras pessoas necessitadas, dentro do espírito cristão de amor ao próximo.

2 — Que as Juntas encareçam maior colaboração das Igrejas e dos crentes no serviço evangélico de assistência social, tais como orfanatos, abrigos, escolas ambulatorios etc., que visem proporcionar, a um tempo, ajuda moral, social, espiritual a seus beneficiários.

3 — Que as Igrejas procurem instruir seus membros nos deveres da cidadania e no respeito às autoridades constituídas.

4 — Que as Igrejas busquem, por seu testemunho e pelo testemunho individual de seus membros, influir no clima social e moral de sua comunidade.

Escrituras: Lucas 10:25-37; I João 3:17, 18; Romanos 13:8-10; I Timóteo 2:1-7; Romanos 13:1-7; I Pedro 2:13-17; Mateus 15:32 e 22:15-21; João 19: 11; Mateus 5:16; Romanos 2:10, 11; Mateus 22:34-40.

[103]

VULTOS CONGREGACIONAIS**1. Rev. JOÃO MANOEL GONÇALVES DOS SANTOS
1.º MINISTRO CONGREGACIONAL BRASILEIRO**

(Alocução proferida pelo Rev. Salustiano Pereira Cesar, no dia 13/6/1978, no auditório da Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil)

Sr. Presidente, Rev. Isaías de Souza Maciel;

Srs. Pastores, ministros do evangelho e demais participantes desta magna sessão:

A Galeria de imagens fotográficas dos Heróis da Fé Evangélica que está sendo formada pela Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil, como permanente inspiração espiritual e majestoso ornamento deste auditório, objetiva testificar o perdurável reconhecimento de gratidão ao nosso Deus pela bênção da vida e obra dos imortais embaixadores de Cristo, pioneiros da pregação e do testemunho da realidade da Salvação em Cristo Jesus, em nossa Pátria.

Hoje homenageamos a memória do Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, sucessor do missionário pioneiro da evangelização permanente no Brasil, Rev. Dr. Robert Reid Kalley.

O Rev. Santos consagrou-se como consolidador da inicial obra evangélica implantada no Brasil.

Ocorrerá no dia 20 do corrente mês de junho o cincoentenário da sua bem-aventurada promoção à Glória Eterna, após 86 anos de vida terrena, 69 de membro da Igreja Evangélica Fluminense, a 1.ª Igreja Evangélica, fundada no Brasil e 53 anos de ministério evangélico. Foi o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos o 1.º brasileiro evangélico congregacional, consagrado ao Santo labor Pastoral, após 4 anos de estudos teológicos num seminário de Londres.

Quando Robert Reid Kalley, em 1855, aportou às plagas brasileiras para nelas lançar definitivamente a semente da verdade, João dos Santos era um jovem, em pleno viço da existência, numa época terrível de tentações e insinuações malévolas pululantes no mundo sem Deus. Ouvindo, porém, o Evangelho, dos lábios do ilustre missionário, aceitou a maior oferta, a Salvação em Cristo Jesus, e, desde logo, voltou-se denodadamente para os valores que definem o destino do espírito na eternidade.

Foi batizado aos 16 anos, na Igreja Evangélica Fluminense, sendo um dos três primeiros cristãos batizados nessa Igreja, recém organizada, em 1858.

Aos 33 anos, em 31 de dezembro de 1875, foi consagrado ao Santo Ministério, assumindo, então o co-pastorado da sua Igreja, em junho de 1876. Com a retirada do Dr.

Kalley para o seu país, assumiu o pastorado efetivo, cargo que exerceu, gratuitamente, até o dia 31 de dezembro de 1914, portanto por 39 anos.

[105]

Em março de 1879 foi nomeado 1.º agente brasileiro de uma das duas Sociedades Bíblicas, que atuavam no Brasil — Império, a Sociedade Bíblica Britânica.

Notável foi a gerência que o Rev. Santos desenvolveu à causa da divulgação da Bíblia, durante 23 anos. Sua operosidade atingiu a mais de 10 estados brasileiros. Nesse labor sofreu tremendas perseguições e quase foi assassinado.

Como agente da Sociedade Bíblica Britânica, teve o privilégio de ser recebido pelo ex-Imperador, D. Pedro II, no dia 31/12/1881, em audiência especial, e, nessa oportunidade dedicou à Sua Majestade Imperial, um exemplar da Bíblia Sagrada. Este fato foi de sublime relevância para o Protestantismo em nossa Pátria, pois, naquela época a religião estava vinculada ao Estado e os evangélicos tinham a sua liberdade de ação restringida pelas injunções da Igreja Romana.

O Rev. Santos legou ao povo evangélico abundantes mensagens de manutenção espiritual. Sua produção literária constituiu-se em volumoso acervo de estudos doutrinários e bíblicos, publicados em opúsculos e jornais evangélicos, principalmente no órgão oficial da sua Denominação, o O CRISTÃO. Estou certo de que a republicação desse material literário serviria de valioso e afirmativo conforto para os cristãos atuais, carente, por certo, de bagagem cultural, para a manutenção da Fé.

Meus caros colegas pastores e demais honrosos participantes desta sessão:

Para tornar bem evidente a memória do Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, na oportuna e justa homenagem póstuma, hoje prestada pela OMEB, evoco profundamente sensibilizado, alguns testemunhos focalizados nas soleníssimas exéquias do finado, de saudosa memória, no dia 20 de junho de 1928, no santuário da Igreja Evangélica Fluminense, erigido na Rua Camerino.

Ouçamos em síntese o pronunciamento da liderança evangélica:

Rev. José Barbosa Ramalho, pela Igreja Fluminense: o Rev. Santos sofreu perseguições nos tempos em que o Evangelho não era conhecido; enfrentou dificuldades de todas as espécies, conservando-se sempre puro e fiel aos princípios da Palavra de Deus.

Pastor da Igreja tradicional no Brasil, exerceu o seu pastorado durante 39 anos, gratuitamente."

"Realizou durante esse tempo uma grande obra no Brasil e — por que não dizer — também em Portugal, país que visitou algumas vezes e onde organizou a Igreja Evangélica Lisboense."

"Teve o privilégio de contemplar os frutos do seu trabalho, na organização de vinte e sete igrejas do nosso regime e de todo o trabalho evangélico no Brasil."

Rev. Júlio Roberto dos Santos, representando as Igrejas de Portugal:

"Foi fiel, foi consagrado; ele deu tudo o que possuía para o serviço do Senhor, tanto aqui como em Portugal, levou a doce nova da salvação.

Rev. Matatias Gomes dos Santos, pela Igreja Presbiteriana:

"Quando se traça a cana topográfica de uma Região, sobem os técnicos a um morro e dali procuram divisar um ponto de referência donde nasce o elemento necessário à formação do serviço que têm em vista realizar. Pois bem: quando se procura traçar a carta topográfica do Evangelismo, notadamente no Brasil, era o Rev. Santos um ponto de referência de primeira plana."

Rev. Odilon de Moraes, da Igreja Presbiteriana Independente:

"Admiravamos a sua firmeza e a sua dedicação à Causa que havia abraçado desde jovem. A Igreja Presbiteriana Independente é profundamente grata a Deus pelas bên-

[106]

ções que recebeu por instrumentalidade deste seu servo, a quem Deus houve por bem recolher às eternas moradas.

Rev. Euclides Deslandes, representando a Igreja Episcopal: "Com sete anos de idade tive o privilégio de ouvir o Evangelho dos lábios do venerando e extinto irmão e a sua mensagem muito me impressionou, Que Deus nos ajude, com a sua graça, a seguirmos o exemplo daquele que nos ensinou pela sua vida e pelas suas palavras, para a honra e glória do Senhor Jesus.

Assim falou o representante do Exército de Salvação: "O Rev. Santos não morreu. Trocou a espada pela corôa.

Pela Comissão Brasileira de Cooperação falou o Rev. Odilon de Moraes; em nome do Secretário Executivo) Rev. Erasmo Braga: "Todos sabem que a Comissão Brasileira de Cooperação é órgão de coordenação das forças evangélicas, pelas quais tanto se bateu o venerando irmão que Deus chamou à Eternidade.

Pela União das Escolas Dominicais, disse o Rev. Herbert Harris: "Todo o trabalho da Escola Dominical em território brasileiro é devido aos esforços de quem Deus já chamou à Eternidade, porque desde o início do movimento evangélico em nosso País, nosso saudoso irmão o acompanhou com todo o seu interesse, com toda a sua dedicação. Vão passando os pioneiros do movimento evangélico e já vamos colhendo os frutos dos seus esforços."

Pela Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas, o Rev. J. M. Terrel, assim se expressou: "Além da Denominação a que o extinto pertencia, todas as denominações e todas as organizações, que tem por fim a evangelização do Brasil, sempre receberam os benefícios do ministério do venerando irmão, que partiu dentre nós."

Representando o sentir da Igreja Batista, disse o Rev. Prof. José de Souza Marques: "Não podia a Denominação Batista, em todo o Brasil, deixar de sentir a passagem deste lutador. Muito deve a Denominação Batista a este servo de Deus, pelo concurso que lhe prestou durante os anos de sua existência."

A palavra de saudade da Associação Cristã de Moços fez-se ouvir por intermédio do Rev. Pedro Campelo: "A Associação Cristã de Moços não seria o que é presentemente, se não existissem homens como o Reverendo João Manoel Gonçalves dos Santos. Foi ele um dos fundadores, não um simples fundador, mas, sim, um elemento que concorreu, de modo direto, para a formação da Associação Cristã de Moços. Foi o único ministro evangélico que pertenceu à Diretoria do Patrimônio, como Presidente.

Pela Sociedade Bíblica Britânica e Extrangeira e Americana falou o Rev. Alexander Telford: "Duas coisas distinguiram esse nosso irmão. A 1.^a: a sua fidelidade às doutrinas fundamentais do Cristianismo. A segunda a sua operosidade. O Rev. Santos, devido a método quase perfeito, soube produzir grande soma de trabalho. "Quando geria a Sociedade Bíblica Britânica, pôs em circulação, mais ou menos um milhão de exemplares da Bíblia e do Novo Testamento, pois, vendo que os padres condenavam a circulação da Bíblia, versão de Almeida, o nosso finado irmão, analisando a importância do momento, fez difundir por toda a terra a versão de Figueiredo, dando ainda, aos seus colportores, cópias de uma lei de 1868 a qual autoriza a venda de Bíblias no Brasil.

A União de Obreiros Evangélicos do Rio de Janeiro fez-se ouvir na palavra do Rev. Clodoaldo Ramos, que declarou: Com a partida do Rev. Santos para a

[107]

eternidade, onde vai descansar no seio amantíssimo de Abraão, perde a Igreja Militante do Brasil o seu primeiro líder, a Igreja Fluminense vê-se privada do seu grande pioneiro, a União dos Obreiros, do seu rabino e fiel conselheiro, os colegas de ministério o seu fiel e dedicado amigo, os crentes em geral o seu pai na fé.

Muitos outros foram os testemunhos que exaltaram a vida do Herói da Pé, Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos. Creio, no entanto, que os que acabo de citar são suficientes para glorificar o nosso Deus, através da homenagem "post mortem" que a Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil torna significativa neste dia.

Vamos descobrir o quadro que estampa um dos últimos traços fisionômicos do Rev. João M. G. dos Santos. Completa-se a Galeria Fotográfica das venerandas testemunhas cristãs evangélicas do passado, com mais um perfil gravado.

A Deus rendemos o nosso acendrado preito de louvor e gratidão pela vida desses valorosos "batalhadores da Fé que uma vez foi dada aos santos." Salve a OMEB por seu comprovado espírito de conagração entre o povo de Deus.

Salve a Igreja Evangélica Fluminense pelo abençoado fruto que produziu na pessoa do Rev. Santos, bem como na de muitos outros obreiros/

Salve a Igreja Evangélica Fluminense pelo abençoado fruto que produziu na pessoa do Rev. Santos, bem como na de muitos outros obreiros!

Salve a Denominação Evangélica Congregacional pelo altaneiro ministério do seu 1.º Presidente de Honra!

Salve o evangelismo brasileiro pela rendosa e provecta contribuição que lhe dedicou o Rev. Santos e cujos salutareos efeitos dignificam hoje, a Causa Sacrossanta de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2. REV. ALEXANDER TELFORD

- *Ativo e operoso missionário no Brasil, enviado pela "Help for Brasil.*
- *3.º Pastor da Igreja Evangélica Fluminense.*
- *Um dos iniciadores do período denominacional organizado*
- *1.º Presidente da entidade denominacional — UNIAO EVANGÉLICA CONGREGACIONAL DO BRASIL E PORTUGAL.*

Nos anos de 1902 a 1916 os evangélicos congregacionais tiveram o grande privilégio de contar com a participação efetiva, no ministério eclesiástico, do Rev. Alexander Telford, missionário natural da Escócia, enviado ao Brasil pela Missão "Help for Brazil".

Na história do congregacionalismo é inapagável o nome e a obra desse consagrado obreiro do Senhor.

Para ilustrar as páginas deste livro transcrevemos algumas notas biográficas, publicadas no "O Cristão", referentes a esse distinto ministro da Palavra de Deus.

"Foi no fim do ano de 1899 consagrado ao ministério e à obra missionária no Brasil, em conexão com a "Help for Brazil". Na manhã da grande data comemorativa da Independência, no ano de 1899, estava engalanada nossa Pátria e o novo missionário pisava nossas plagas, punha-se em contato com o povo cujos costumes ignorava, mas sabia-o grandemente necessitado do Evangelho aberto, da Lâmpada Bendita para o lar genuinamente cristão.

Aqui chegado, foi encaminhado à Passa-Três a fim de familiarizar-se com nosso belo idioma, no qual entre seus pares, cultivou e alcançou vantagens.

[108]

Realmente enquanto a jovem Igreja local começava a sua ação autônoma de levar avante a causa de Jesus, no sul do Estado do Rio, experimentava o Rev. Telford a vida do interior brasileiro e vencia a terrível nostalgia, a prova máxima do verdadeiro amor à Causa de Cristo, à qual dedicara a sua existência.

Estava já identificado com a obra evangélica brasileira, quando consorciou-se com Mrs. Anna Telford, em 02 de setembro de 1901, tornando-se pela graça de Deus, pais das irmãs Elisabeth e Isabel Telford, dando Jesus o privilégio de ouvi-las em profissão de fé e batizá-las na Igreja Evangélica Fluminense.

UM PASTOR EXEMPLAR — Pastoreou o Rev. Telford três boas igrejas — Pernambucana, Fluminense e Niterói. Em todas elas revelou ser um pastor exemplar. Na Pernambucana deixou uma multidão de irmãos e amigos, que choraram a sua transferência para o Rio.

Na Fluminense, encontrou sérios problemas, de difícil solução, que só mesmo ele, corri a graça e auxílio de Deus, pode resolver. No Esboço Histórico da E. D. da Igreja Fluminense, lê-se à página 414, o seguinte: "É justo ainda acrescentar que os serviços prestados à Igreja pelo Rev. Telford adquirem maior relevância, quando se considera que a Igreja atravessava, no período do seu pastorado, uma situação sumamente delicada, exigindo da parte de quem a conduzisse extrema prudência e grande habilidade". A paz entre os irmãos, que esteve terrivelmente ameaçada, voltou a reinar entre eles. O Rev. Telford soube, como ninguém, preparar o espírito de suas boas ovelhas para que pudessem alcançar uma tão significativa vitória! Jamais consentiu que qualquer irmão se entristecesse com ele. Quando havia alguma dificuldade, procurava o irmão triste com a sua costumeira humildade e conseguia sempre que esse irmão voltasse a estimá-lo, como as ovelhas devem sempre estimar o seu pastor. No púlpito, nada deixou a desejar. Era um ótimo pregador. Seus sermões, bastante curtos, eram maravilhosos: Não havia quem não gostasse deles. Bastante sucintos, é verdade, mas expressavam tudo quanto era necessário para não deixar nenhuma dúvida no espírito do ouvinte. Sempre nos dizia que o pregador que gasta mais de uma hora, a não ser em ocasiões especialíssimas, num culto de louvor a Deus, abusa da paciência do seu auditório. Vários irmãos, inclusive alguns seminaristas, sem serem taquígrafos, conseguiram anotar os seus esboços de sermões, muitos dos quais foram publicados neste Órgão denominacional. O Rev. Telford tinha por hábito falar vagarosamente, dando tempo a que seus ouvintes aprendessem bem a mensagem que lhes estava transmitindo, da parte de Deus. Não tinha por hábito combater, do púlpito, com palavras mordazes, qualquer seita religiosa, embora herética, nem apresentar sermões de carapuças, como hodiernamente está muito em voga. O púlpito para ele era altamente Sagrado. Por isso, apresentava sempre mensagens essencialmente doutrinárias, evangélicas o que era, não resta dúvida alguma, um meio indireto de combater quaisquer erros doutrinários ou de interpretação bíblica. Como um pastor exemplar, visitava constantemente as suas ovelhas, quer para orar com elas, quer para conhecer-lhes as necessidades ou dificuldades principalmente as de caráter espiritual, a fim de poder auxiliá-las a vencê-las, conseguia, desse modo, que a paz fosse mantida na Igreja. O número elevado de conversões anuais, era o resultado da paz que os irmãos gozavam em Cristo Jesus. Onde não há paz, união entre os irmãos, há ausência do espírito cristão. E onde este não existe, não pode haver conversões verdadeiras.

UM LÍDER COMPETENTE — Ao lado do Rev. Francisco Antônio de Souza, que o substituiu na liderança denominacional, o Rev. Telford não só conseguiu organizar o nosso trabalho, unir as nossas igrejas, como também, depois, orientá-las. Como primeiro presidente da nossa União de Igrejas, fundada em 1913, o Rev. Telford, como um líder competente, conseguiu imprimir novos rumos às igrejas filiadas à entidade que sabiamente dirigia. Essas igrejas, até então traba-

[109]

lhavam sózinhas, somente para elas, orientando-se, quase sempre, pela Igreja Mãe — a Fluminense. Como medida de justiça, devemos declarar que houve um irmão que tomou parte ativa no trabalho da nossa organização denominacional, ao lado dos Revs. Telford e Souza, tornando-se um gigante na hora em que se procurava concretizar e idéia da organização definitiva do nosso trabalho, principalmente na confecção dos Estatutos da nova Entidade denominacional, Referimo-nos ao Dr. Henrique de Souza Jardim, filho de um

dos fundadores da Igreja Evangélica Fluminense — o presbítero Francisco de Souza Jardim — que, como uma preciosa relíquia, ainda vive, embora alcançado em anos, talvez esquecido de muitos em sua modesta casa, à Rua João Barbalho, 516, em Quintino Bocaiuva. Basta lermos o Cristão da época, para que nos certifiquemos dessa grande verdade).

UM AMIGO DA MOCIDADE — A nossa pujante mocidade estava, naqueles tempos, completamente esquecida, não tomando parte ativa nos trabalhos eclesiásticos, como devia. Nunca nos esquecemos de uma conversa que tivemos com o saudoso presbítero, Sr. Israel Galart. Em 1919, quando nos dirigíamos para a Rua Ceará, 29, onde se realizara, no dia 1 de abril desse ano, a reabertura do então Seminário Teológico do Rio de Janeiro, que recebia a sua segunda turma, da qual nos ufamamos de ter feito parte, encontramos com esse irmão que, com lágrimas nos olhos, nos disse, mais ou menos o seguinte: "Eu o felicito e aos seus colegas por terem o privilégio de estudar para o Santo Ministério. Na minha mocidade, eu me senti chamado por Deus para ser ministro de Cristo, mas não tive oportunidade de concretizar o meu ideal, por falta de quem me encaminhasse a um Seminário". No Esboço Histórico, já citado, lemos às páginas 412 e 413, o seguinte:

"A bem da verdade, devemos declarar que o pastorado do Rev. Alexander Telford marca uma época no desenvolvimento da nossa Igreja.

"Com efeito — foi na vigência do seu pastorado que a Igreja viu na mocidade o seu próprio futuro e passou a utilizá-la no seu serviço.

"Foi durante o seu pastorado que, com o seu apoio e o seu grande auxílio, o Superintendente da Escola Dominical pode dar-lhe desenvolvimento, criando o Departamento do Lar, as "classes organizadas" etc., que puzeram a Igreja em atividade e a prepararam para receber o desenvolvimento que o seu sucessor, Dr. Francisco de Souza, lhe deu, quando assumiu o pastorado.

"O pastorado do Rev. Telford conseguiu a transição do passado para o presente — foi, por assim dizer, uma ponte entre um e outro.

"A comemoração do 459 aniversário da organização da Escola Dominical em julho de 1916, na qual foi publicado o programa dos seus trabalhos — entre os quais a idéia do Edifício Modelo (hoje, Edifício Kalley) — e o seu plano de atividades, marca o ressurgimento da nossa Igreja para o trabalho. Foi nessa ocasião que começaram a entrar donativos para a construção do Edifício da Escola Dominical" (Edifício Kalley).

Foi o Rev. Alexander Telford quem, ao lado do Rev. Francisco de Souza, trabalhou bastante para que a idéia da criação de um Seminário, para onde deveriam ser encaminhados os nossos jovens vocacionados ao Santo Ministério, se tornasse grata realidade. Dizendo que o Rev. Telford, em 1914, quando em 3 de março, foi inaugurado o Seminário Teológico do Rio de Janeiro — o nosso Seminário — era o consagrado pastor da Igreja Evangélica Fluminense, pensamos que dizemos tudo.

Telford e Souza, eis dois nomes queridos, que os nossos jovens jamais devem esquecer, pois foram os primeiros a lançá-los no trabalho do Mestre em nossa querida denominação.

UM PREGADOR INTERDENOMINACIONAL — Como pastor da Igreja Fluminense, o Rev. Telford costumava a pregar em igrejas de outras denomina-

ções. Foi, porém, depois que deixou esse pastorado, para se dedicar à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, da qual foi nomeado agente em dezembro de 1916, e em cujo posto permaneceu até meados de 1936, que se tornou um pregador interdenominacional. Pregava para todas as igrejas que o convidavam, sendo as suas mensagens sempre bastante apreciadas. Antes de deixar o Brasil, para sempre, em 5 de junho de 1936, foi-lhe oferecido um culto de despedida, no qual compareceram representantes de todas as denominações estabelecidas no Brasil. Seus representantes levaram-lhe a palavra amiga de despedida, desejando-lhe felicidades no seu torrão natal — a velha e sempre querida Escócia.

UM JORNALISTA APRECIADO — Quando, em 1914, este Jornal passou a ser Órgão da nossa União de Igrejas, o Rev. Telford foi eleito um dos seus redatores, cargo que exerceu por alguns anos. Sempre, porém, continuou a ser um dos seus competentes colaboradores. Suas páginas estão enriquecidas com um sem número de trabalhos seus — esboços de sermões, estudos bíblicos etc. Como agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fundou o jornalzinho — A Bíblia pelo Mundo — de que foi redator, que era muito apreciado, e mesmo disputado, devido aos bons artigos que publicava referente ao progresso das Santas Escrituras em todo o mundo. O Rev. Telford, convém lembrar, era um dos poucos estrangeiros radicados no Brasil que sabiam falar bem a língua que imortalizou Camões e o nosso Rui Barbosa. Falando ou escrevendo, o seu português era maravilhoso.

O Rev. Telford foi transferido para o gozo da vida eterna, aos 77 anos de idade. Seu óbito ocorreu no dia 05 de agosto de 1952, na Escócia, onde foi residir após ter sido aposentado pela Diretoria da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em 1936.

3. REV. FRANCISCO ANTÔNIO DE SOUZA

(Pioneiro da Organização do Congregacionalismo Brasileiro na primeira década do Século XX. Quarto pastor efetivo da Igreja-mãe do Evangelismo Nacional pioneiro em língua portuguesa)

INVOCAÇÃO HISTÓRICA

A UNIÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS CONGREGACIONAIS DO BRASIL, posicionando-se, por insofismáveis motivos, como representante da tradicional seqüência histórica e orgânica do congregacionalismo no Brasil, promove a solenidade gratulatória deste dia 24 de outubro de 1979, dia de fato, altamente significativo para a nossa Denominação.

Antes de focar o magno tema memorial que objetava o nosso encontro neste santuário da Igreja Evangélica Congregacional de Niterói, julgo ser edificante que o meu pronunciamento Oficial seja antecipado de uma invocação cronológica relacionada, intimamente, com os primórdios da organização do congregacionalismo brasileiro, na década inicial do século XX.

Convido-vos para, de modo especial, nos conduzirmos à presença de Deus, glorificando-O por dois fatos sublimes que corroboram, nesta noite, para a justesa da

celebração do centenário de nascimento do campeão do evangelismo Pátrio — REV. DR. FRANCISCO ANTÔNIO DE SOUZA.

Fiquemos de pé e oremos:

— Senhor Deus, Todo-Poderoso, santificamos o Teu nome porque permitiste a geração em nossa Pátria da Igreja-Mater de todas as comunidades eclesíásticas brasileiras, a Igreja Evangélica Fluminense; glorificamos-Te, onipotente Pai, porque a frutificação da santa semente da Tua Palavra originou a orga-

[111]

nização do povo evangélico congregacional sob a liderança de fidelíssimos seguidores Teus, do passado, imorredouras balizas na implantação do Teu Reino.

Nós Te exoramos, ó Senhor, que aceites as expressões de nossa gratidão, AMÉM.

Diletíssimos irmãos: Presidente da Junta Geral da UIECB; componentes do ministério evangélico congregacional; Igreja Evangélica Congregacional de Niterói.

Caríssimos representantes de comunidades eclesiais.

Inserem-se nos anais do evangelismo brasileiro, em língua portuguesa, vigorosos pilares do ministério evangélico nacional.

Assim se evidencia o personagem notabilíssimo — Rev. Dr. Francisco Antônio de Souza, cujo centenário de nascimento ocorre hoje, dia 24 de outubro.

Figura insigne. Nome que deve ser enunciado com reverência e grafado com preciosas adjectivações.

A nossa Denominação não poderia jamais deixar de evocar a memória desse valoroso Ministro que soube estadear exuberante participação na sua Igreja e no evangelismo pátrio.

Considero a responsabilidade da minha palavra nesta hora como uma gratificante imposição da vontade de Deus aos detentores da abençoada herança dos princípios e bases do congregacionalismo brasileiro.

A seqüência deste meu discurso laudatório apresentará destacados tópicos da vida singular do eminente servo de Deus que em vida se chamou FRANCISCO ANTÔNIO DE SOUZA.

Ofereço à apreciação dos meus diletos ouvintes esses tópicos conforme vou ressaltar:

CHAMADO À CONVERSÃO

Coube à Igreja Evangélica Congregacional de Niterói, no cumprimento da sua diretriz e do seu programa de ação, num dos seus dias de culto no final do ano de 1899, abrir as portas do seu templo para nele entrar providencialmente o jovem Francisco Antônio de Souza.

Os crentes afervorados na adoração ao seu Senhor e empenhados no propósito de evangelizar, louvaram a Deus cantando o hino: "Minha possessão eterna", da autoria do pastor da Igreja, Rev. Leônidas da Silva.

Tão inspirativa foi a mensagem cantada que, ao passar diante do santuário, o vagoante moço, com apenas 20 anos de idade, não resistiu aos efeitos tocantes da melodia celestial.

Impulsionado, entrou no templo.

Era uma vida até então entregue aos vícios. Irreligiosa, egoísta e incrédula, mas era também uma alma a quem Jesus amava.

Seu ingresso na Casa de Oração ensinou-lhe ouvir a prédica da mensagem de Salvação transmitida pelo pastor da Igreja, e os apelos do recado divino fizeram-lhe abrir o coração para abraçar as Verdades Eternas, com sinceridade e convicção.

Depois de muito lutar contra o pecado e o vício, no dia 12 de agosto do ano de 1900 fez a sua pública profissão de fé e foi batizado o futuro Rev. Dr. Francisco Antônio de Souza.

VISÃO CELESTIAL

O novato servo de Deus, dirigido pelo Espírito Santo, mesmo antes de unir-se à Igreja, já aspirava consagrar-se ao Ministério. Sua visão da glória celestial comandava a sua fé em Cristo. Importava-lhe obedecer ao chamado do seu Senhor.

[112]

Logo no início da sua carreira cristã foi submetido a duras provas de firmeza espiritual. Em 1902 foi preso juntamente com um companheiro de moradia por causa do testemunho da sua crença. Perdeu o emprego por não querer trabalhar em dia de domingo.

Pressionado por essas circunstâncias mudou-se de Niterói para o Rio de Janeiro, indo residir na Ponta do Caju. Nesse local, em companhia do Rev. Matatias Gomes dos Santos, ministro presbiteriano, cujo centenário de nascimento foi celebrado no dia 11 de setembro, próximo passado, sofreu atroz perseguição no começo do ano de 1904.

Insistente no testemunho da sua fé, não se abateu ante as dificuldades e da sua tenacidade resultou a fundação de um trabalho evangélico com a cooperação de outro irmão. Para a glória de Deus esse trabalho é atualmente representado pela Igreja Presbiteriana do Caju, no Rio de Janeiro.

Francisco Antônio de Souza nos quatro primeiros anos de sua vida em Cristo intensificou a sua visão espiritual através das experiências de provação a que foi submetido.

Fixou-se no autor e consumidor da Fé e nessa direção projetava o seu ideal: Ser Ministro da Palavra de Deus.

IDEAL VITORIOSO

Firmado no propósito de consagrar-se ao ministério para levar a outros a vida eterna que Cristo tão liberalmente o havia outorgado, foi rica e poderosamente abençoado. Deus encaminhou os seus passos por entre adversidades, pobreza, perseguições e lutas e, por fim, foi elevado à alta dignidade que tanto aspirava.

Abaixo de Deus o Rev. Souza deveu o seu acesso ao Ministério à Igreja Evangélica Fluminense que lhe deu toda a cobertura nos seus estudos, desde 1904 até a conclusão dos mesmos.

Diplomou-se em Ciências e Letras no Mackenzie College, SP. em novembro de 1907 e em 21 de dezembro do ano de 1910 terminou o curso de Bacharel em Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas, também em São Paulo, tendo obtido distinção em todas as matérias em que prestou exames finais.

Logo depois de formado em Teologia entregou-se ao trabalho da evangelização, tendo visitado e pregado em mais de 7 cidades do interior de São Paulo.

Sua ordenação ministerial verificou-se no dia 05 de março de 1911, tendo sido oficiante os reverendo João Manoel Gonçalves dos Santos e Alexander Telford. É interessante assinalar que o 1.º ministro evangélico congregacional brasileiro ordenou o 2.º.

CONSTITUIÇÃO DE FAMILIA

O Rev. Souza, como era comumente tratado, no tempo em que exercia a função de evangelista da Igreja Evangélica Fluminense, contraiu núpcias com a senhorita Luiza Ferreira, professora da Escola Dominical da mesma Igreja, no dia 25 de abril de 1911.

Do casal advieram 5 filhos que receberam os nomes de Francisco Antônio de Souza Filho, ministro congregacional há anos; Iza, falecida; Martinho Lutero, formado em teologia e em Direito, falecido no mês de outubro do ano de 1978; Dirajaia, formada em Ciências e Letras, casada com o Prof. Edgar Soren, irmão do Rev. João Soren, pastor da 1.ª Igreja Batista do Rio de Janeiro, e residente na Califórnia; Isa, 2.ª do nome, formada em Teologia, e missionária no Equador, na Voz dos Andes e residente em Nova Iorque, casada com o Rev. Martinho Jansen, também missionário em serviço no programa A Voz dos Andes. Atual-

[113]

mente existem em 3.ª geração, como descendentes, 5 netos e 6 bisnetos, representados nesta solenidade.

ATUAÇÃO PASTORAL

O ministério pastoral do Rev. Souza estendeu-se por vários campos, assinalando, sempre, a sua atuação como eficiente lidador do congregacionalismo brasileiro.

Assumiu em maio de 1911 a superintendência de todo trabalho externo da igreja Fluminense. Nesse encargo assistiu os pontos de pregação e congregações existentes em Cabo Frio, Paracambi, Palmeiras, Bangu e Pedra de Guaratiba. Realizou excursões e visitas evangelísticas pelo litoral fluminense começando por Angra dos Reis, Parati, Mambucaba, Mangaratiba, Rio Bonito, sua terra natal, Arraial do Cabo, Pavuna, hoje São Mateus.

Temos a alegria de contemplar em muitos desses locais, igrejas organizadas, e em pleno funcionamento.

Nas suas andanças evangelísticas proferiu sermões e fez conferências, sobre expressivos temas evangélicos e sociais, tanto em salões de cultos regulares como em teatros, cinemas, recintos municipais, casas particulares e em instituições públicas.

Dentre os nobres temas versados pelo Rev. Souza em sua oratória, vibrante, destacamos — A Regeneração Nacional pelo Indivíduo; Martinho Lutero à Luz da História; o trabalho da Mulher na Igreja; Fé e credulidade; Duplo ponto de vista da Reforma do século XVI; a Excelência da Sabedoria do Alto.

Foi comissionado pela Igreja Evangélica Fluminense para organizar a Igreja Evangélica de Paranaguá, no Estado do Paraná, a Igreja de Paracambi, no Estado do Rio

de Janeiro e a Congregação de Morretes, também no Paraná. Nesses campos teve a oportunidade de atuar como Pastor.

No mês de junho do ano de 1914 aceitou o pastorado da Igreja Evangélica de Niterói, igreja na qual fizera a sua profissão de fé há 14 anos passados.

Nesse ministério foi tão intensa a sua administração que resultou na independência financeira da Igreja, passando a custear todas as suas despesas inclusive a do sustento pastoral.

No pastorado da Igreja de Niterói, o Rev. Francisco António de Souza teve a oportunidade de manifestar publicamente a sua fibra de lutador ferrenho em defesa das santas verdades da Bíblia Sagrada.

Manteve ardorosa polêmica com o clero romano, através das colunas do tradicional jornal — O FLUMINENSE — que já conta com anos de circulação.

Por fim, no dia 1.º de julho de 1917 assumiu o pastorado da Igreja Evangélica Fluminense, cargo no qual permaneceu quase sete anos, até o dia do seu último alento vital.

Quando deixou o pastorado da Igreja de Niterói foi aclamado seu Pastor Honorário.

Ao receber a gratíssima incumbência de administrar pastoralmente a Igreja Evangélica Fluminense, pleno de convicção do seu vocacionamento, apresentou a sua plataforma de ação, dissertando com veemência e eloquência sobre — "A FUNÇÃO PASTORAL".

Foi um brilhante sermão, ungido pelo Espírito Santo, no qual destacou com argumentos precisos e convincentes o empenho do ministério da oração, o preparo para o ministério da Palavra, o ministério da cura das almas e o cuidado e carinho que devem presidir as relações do pastor com o seu rebanho.

E, de fato, o Rev. Souza cumpriu fielmente os ditames da sua plataforma.

O Rev. Bernardino Cardoso Pereira, escrevendo no órgão oficial da nossa Denominação — O CRISTÃO, em 31 de janeiro de 1924, assim se expressou em

[114]

referência ao passamento para a eternidade desse grande vulto congregacional:

"A Igreja Evangélica Fluminense se desenvolveu muito durante o pastorado do ilustre extinto. Francisco de Souza continuou a obra dos seus antecessores. Para as fileiras ingressaram novos membros; rasgaram-se novos horizontes puramente evangelísticos; empreendimentos de subido valor foram encetados, sendo o maior de todos o Edifício Modelo, cuja pedra fundamental estamos nas vésperas de lançar; regressaram alguns elementos que estavam afastados; a igreja materialmente progrediu e espiritualmente cresceu muito. E não há como negar-se que à sua colaboração de Pastor, de membro e de homem de vasto descortínio espiritual deve-se tantos surtos de progresso, que conduziram a Igreja ao apogeu em que se encontra no seio do protestantismo brasileiro".

Esse foi o testemunho exequial do redator-responsável do periódico oficial da nossa União de Igrejas.

PARTICIPAÇÃO DENOMINACIONAL

O Rev. Francisco Antônio de Souza teve incomparável participação no estabelecimento formal da Denominação Evangélica Congregacional no Brasil, fato que se efetivou em julho de 1913.

Encarnou vigorosamente as mais profundas aspirações das igrejas evangélicas congregacionais existentes na sua época, no sentido de se associarem para dar expressão unida, fraternal, coesa e progressiva aos esforços até então empreendidos isoladamente, em favor da expansão da obra do Senhor.

Coube-lhe a defesa da mais importante tese na primeira assembléia convencional, a fundação de um seminário teológico como imprescindível instituição destinada a formar um ministério idôneo para servir à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, particularmente à Denominação.

Sua tese foi unanimemente aprovada e o Seminário foi por ele inaugurado no dia 3 de março de 1914, juntamente com o Rev. Alexander Telford. Ambos ocuparam com divinal sabedoria, os cargos de diretores e docentes.

Graças à clarividência do Dr. Souza, as primeiras turmas dos nossos pastores puderam estudar para o ministério.

Exaustivas foram as interferências do Rev. Dr. Souza com o objetivo de conduzir os pastores, presbíteros, diáconos e demais representantes das igrejas para o entendimento da conveniência da adoção de medidas capazes de definir a existência denominacional como um todo uniformemente organizado

Nesse intuito publicou no O Cristão, nos anos de 1914 a 1917, 44 magistrais estudos, amplamente desenvolvidos, sobre princípios do congregacionalismo. Tais estudos representam um verdadeiro tratado de eclesiologia, único nesse gênero até hoje editado por um ministro congregacional brasileiro.

O Rev. Francisco Antônio de Souza militou com incansável zelo na direção do órgão de imprensa oficial da denominação durante 6 anos e atuou como presidente da diretoria da UNIÃO nos anos de 1916 a 1922. Seus relatórios publicados atestam a sua genial administração denominacional, relacionada com a 3.^a e 4.^a Convenção Geral das igrejas organizadas no seu tempo.

Os anais dessas convenções oferecem informações da mais alta relevância no trato com os problemas denominacionais.

Incessantemente foi a luta do Rev. Souza para que o nome próprio intitutivo da Denominação, geralmente conhecido como uma Aliança ou União de Igrejas Interdenominacionais, contivesse o designativo de Congregacional.

Somente na quarta convenção geral, realizada no ano de 1921, sob a presidência do eminente lides, foi aprovada a proposta de adoção pelas igrejas da UNIÃO, do uso do nome Congregacional, passando a serem designadas de Igrejas Evangélicas Congregacionais, de acordo com o princípio de governo eclesiástico aceito e praticado pelas mesmas.

[115]

A integração da palavra Congregacional no nome das Igrejas e da entidade representativa da denominação, era assunto que se arrastava desde a segunda assembléia convencional das igrejas do nosso regime, em 1916.

Ao predestinado obreiro de Deus, Rev. Dr. Souza, deve o congregacionalismo a fixação das suas bases doutrinárias e a sua estrutura, pois, nesse particular, foi exímio mestre.

RELAÇÕES INTERDENOMINACIONAIS

O Rev. Francisco Antônio de Souza acionou o exercício da sua vocação de Ministro do Evangelho não somente no interesse da sua Denominação que se honrava de representar, mas empenhou-se, também, em comprovar perante outros grupos denominacionais e interdenominacionais a dimensão da sua estatura espiritual.

Todas as denominações organizadas, no seu tempo, receberam amistosa, freqüente e acentuada participação, em oportunidades culturais, educativas, sociais e festivas. Como exemplos expressivos do seu relacionamento interdenominacional, citamos a sua cooperação eficiente e prática nos seguintes empreendimentos: Publicação de lições bíblicas para servir às Escolas Dominicais das Igrejas Presbiterianas, Metodistas e Congregacionais; instalação do Centro de Publicidade, destinado a publicação de tratados, livros, revistas, em apoio às forças evangelizadoras do País; organização e funcionamento da Comissão Brasileira de Cooperação, cujo propósito foi o de estabelecer e fortalecer relações de maior fraternidade e respeito mútuo entre as corporações evangélicas; fundação e funcionamento da Faculdade Teológica das Igrejas Evangélicas do Brasil — Seminário Unido, com o objetivo de preparar um ministério idôneo para todas as denominações, bem como proporcionar a mais fraterna vinculação entre os obreiros do Senhor, em nossa Pátria.

Quando o bem-aventurado servo do Senhor, Rev. Souza, foi desligado da vida terrestre, o rastro do seu saber, da sua atividade e da sua bondade, foi exaltado em eloquentíssimos discursos transmitidos por mais de 25 ilustres expoentes evangélicos do seu tempo.

É muito edificante para nós, nesta hora em que comemoramos o centenário de nascimento desse preclaro ministro da Palavra Eterna, reproduzirmos algumas das primorosas referências prolatadas, memorialmente, sobre a sua pessoa.

Assim afirmou o Rev. Prof. Dr. Erasmo Braga, na qualidade de ministro presbiteriano e diretor da Comissão Brasileira de Cooperação:

"Em torno deste esquife nós vemos uma multidão, de todas as forças evangélicas, tributando a última homenagem a um homem que possuía vistas largas acerca dos grandes problemas da difusão do Evangelho neste País e que soube empregar todos os seus recursos morais e intelectuais na propaganda dos grandes ideais do Cristianismo.

Foi ele que concorreu em grande parte para o maior desenvolvimento da cooperação na América Latina e que melhor soube compreender o valor espiritual da unidade cristã como base de todo processo da Igreja de Cristo".

O inconfundível Dr. Souza dignificou o congregacionalismo brasileiro com o seu relacionamento interdenominacional. Nesse aspecto cooperou brilhantemente no magistério do Colégio Batista; na Faculdade de Teologia - Seminário Unido; no Seminário Batista do Sul; nos periódicos da Imprensa Evangélica; na União de Obreiros Evangélicos do Rio de Janeiro; na administração da Associação Cristã de Moços; na administração do Hospital Evangélico; na União das Escolas Dominicais do Brasil; nas Sociedades Bíblicas e em muitas outras organizações.

LÍDER EVANGÉLICO EMÉRITO

O Rev. Francisco Antônio de Souza, como autêntico líder evangélico, qualificou-se, singularmente, como evangelista vocacionado, pastor zeloso; educador nato; organizador competente; jornalista de escol; orador fluente; sociólogo hábil; jurista por ideal. Quase seria diplomado em medicina.

Ele foi uma dádiva do céu aos evangélicos congregacionais e ao evangelismo nacional.

Não foi longo o período de sua existência terrena, pois nasceu no rincão fluminense de Rio Bonito, na sexta-feira, 24 de outubro de 1879 e transferiu-se do Hospital Evangélico do Rio de Janeiro, para a sua mansão celestial, no domingo, 13 de janeiro de 1924.

Meus caríssimos irmãos e ouvintes: aqui encerro a nossa palavra de homenagem dos evangélicos congregacionais hodiernos à memória do natal centenário, que estamos celebrando dignamente.

Glorificamos a Deus e a Ele rendemos graças por sua magnânima providência preservadora da continuidade da sua majestosa obra de implantação do seu Reino, através dos seus humildes servos.

Salustiano Pereira Cesar (24/X/1979)

4. REV. JOÃO CLÍMACO XIMENES

(Pastor inolvidável. Egrégio pioneiro na evangelização do nordeste brasileiro).

Perlustrando-se os anais do evangelismo brasileiro no qual se inserem, primordialmente, nobilíssimos missionários, denota-se o nome do *Rev. João Clímaco Ximenes*, pastor inolvidável, egrégio pioneiro na evangelização do nordeste brasileiro.

"... Servo bom e fiel ..."

O Rev. Ximenes testificou, fervorosamente, sua consagração a Deus, desde a sua chamada para o ministério da pregação do evangelho.

Com a idade de 15 anos converteu-se e, logo se tornou um mensageiro das verdades eternas, filiando-se à Igreja Batista e, mais tarde, à Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana.

Sua jornada terrena foi vencida em 67 anos, 9 meses e 11 dias, pois nasceu na Vila da Canela, município de Serinhaem, em Pernambuco, no dia 26 de outubro de 1895 e transferiu-se para a cidade celestial no dia 11 de outubro de 1963.

Durante a sua existência, em mais de 50 anos consecutivos, não foi desobediente à visão celestial. Dedicou 33 anos e 6 meses ao ministério pastoral na Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, no Estado da Paraíba.

Com expressivas manifestações de amor cristão e justo reconhecimento, a sua Igreja jubilou-o com direito a um subsídio mensal, quando já contava 65 anos de idade.

Após 2 anos e 10 meses do gozo desse benefício verificou-se o seu óbito. Pelo seu afanoso e profícuo ministério, por certo, qualificou-se perante o Senhor como "servo bom e fiel".

[117]

VISÃO EVANGELÍSTICA

O Rev. Ximenes marcou a sua vida ministerial com profundíssima visão evangelística e pastoral. Foi, no nordeste, detentor do privilégio de ser quem maior número de pontos de pregação, congregações e igrejas fundou.

Sua baixa estatura contrastava-se com a sua agigantada personalidade de fé e de amor pelos pecadores e ovelhas do sumo Pastor.

Muito jovem ainda empenhou-se na disseminação do evangelho na cidade de Caruaru e Timbaúba, no seu Estado natal.

Sempre foi abençoado e frutificante o seu trabalho, tanto nas cidades como no interior da Paraíba.

Estagiou por quase doze anos como obreiro leigo, até que ingressou no seminário para obter formação teológica, tendo concluído os estudos no grau de Bacharel em Teologia.

Obteve apoio financeiro, durante todo o curso, da pare da dedicada serva do Senhor, Ida Kingston, esposa do grande missionário Charles Kingston, fundador da obra evangélica na cidade de Caruaru, em Pernambuco, no ano de 1898.

Após a conclusão do curso teológico o Rev. Ximenes foi ordenado ao santo ministério no dia 16 de janeiro de 1927. Nesse ano a Igreja de Campina Grande era pastoreada pelo missionário inglês, Rev. Harry G. Briault, em cujo pastorado, que durou 5 anos, a Igreja alcançou apreciável progresso e foi preparada para um trabalho mais promissor sob a direção de um pastor brasileiro.

Deus confirmava a cada dia a visão evangelística do Rev. Ximenes através das numerosas respostas aos apelos de decisão por Cristo.

Assumiu o pastorado interino da Igreja de Campina Grande no dia 30 de junho de 1927, em substituição ao pastor efetivo, Rev. Harry G. Briault, enquanto o mesmo se encontrava em gozo de férias. A Igreja contava nessa data com 85 membros e 150 alunos na Escola Dominical.

O incontido ardor evangelístico do Rev. Ximenes, apoiado pela Igreja, levou-o a tomar arrojadas iniciativas para atingir grandes metas. Impulsionado por sua visão ministerial fundou no dia 7 de setembro de 1935 a Missão Evangelizadora do Nordeste, entidade sucessora do Grupo Evangelizador do Nordeste organizado pelo Rev. Briault, no seu pastorado.

No dia 11 de outubro de 1928 foi eleito pastor efetivo da Igreja de Campina Grande, em substituição ao Rev. Briault que, nessa data, de volta da Inglaterra, onde esteve em férias, manifestou o seu profundo apreço ao seu jovem colega, seu substituto, que, durante a sua interinidade pastoral, se houve como um autêntico ministro, no cuidado do rebanho.

Quinze anos paós o início do pastorado do Rev. Ximenes, a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande já contava com 570 membros e 720 alunos da Escola Dominical, distribuídos em 60 classes.

O campo missionário do eminente pastor-evangelista, Rev. Ximenes, estendeu-se a consideráveis distâncias no sertão nordestino, em vilas, municípios e cidades.

Organizou pontos de pregação, congregações e igrejas nas seguintes localidades do Estado da Paraíba e Pernambuco: Jacú, Hortas, Jardim, Areia, Mangabinha, São João, Serra de Fagundes, Serra de Uruçu, Canoas, Sossego, São Gonçalo, Serra Verde, Ingá, Marinho, Santa Terezinha, Alagoa Nova, Esperança, Patos, Marisópolis, Aroeiras, Timbaúba, Alagoa Grande, Tamarineira, Guarabira, João Pessoa, Jatobá, Sumé, Santa Luzia.

Graças à sua extraordinária dinâmica de trabalho, o Rev. Ximenes visitava periodicamente todo o campo missionário e, na sua ausência, enviava e mantinha pregadores e evangelistas, sustentados, financeiramente por sua igreja, através da Missão Evangelizadora do Nordeste.

[118]

VIDA ESPIRITUAL

O Rev. Ximenes exercitava a sua vida espiritual com a prática perseverante da oração e do jejum. Orava de joelhos, quase sempre chorando.

Sempre procurou uma vida de submissão a Deus e, nessa posição, não raro, era observado por sua esposa, a irmã Luiza Barbosa Ximenes, em estado de êxtase espiritual, sublimado na sua fé, antegozando as delícias celestiais.

O seu inigualável quilate de devoção ao Senhor lhe dava condições de descobrir nos crentes os valores espirituais para serem usados no trabalho de evangelização.

Sua envergadura ministerial autorizava-o a conduzir a Igreja, de modo intransigente, na disciplina cristã. Usava de rigidez com os errados, objetivando reconduzi-los aos caminhos da verdade.

Conforme o padrão de conduta cristã que adotava, todo candidato à profissão de fé e batismo era exortado a respeito da rigorosa guarda do domingo, como dia do Senhor.

A meditação nas Sagradas Letras, a pregação do evangelho, o amor a Jesus Cristo e aos homens perdidos, bem como às ovelhas do rebanho do Senhor que lhe eram confiadas, foram práticas normais na vida do Rev. João Clímaco Ximenes.

MINISTÉRIO PASTORAL

A expressão do ministério pastoral desse incomparável vulto congregacional marcou-se no nordeste como uma monumental obra eclesiástica.

A Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, a primeira por ele pastoreada, foi conduzida com muita sabedoria divina, tanto no aspecto administrativo como no doutrinário e espiritual.

No cumprimento incondicional da missão de ganhar almas para Cristo, a Igreja, cuja direção assumira em 1927, com 80 membros, durante os seus 33 anos de pastorado ultrapassou de 2.000 membros, o que representa um vultoso crescimento em face das tremendíssimas hostilidades do fanatismo religioso, anti-evangélico, predominantes no nordeste, na época.

Na vigência do seu pastorado a Igreja de Campina Grande atendeu a várias frentes de trabalho. Assim, por formas organizadas de ação, os pobres, os anciãos, os órfãos, as

crianças em idade escolar, os jovens aspirantes ao ministério, os pregadores e evangelistas foram sempre assistidos, com regularidade, por meio de fundos financeiros instituídos oficialmente pela Igreja.

A contribuição monetária dos crentes para amparar a obra de evangelização era visivelmente generosa, pois, a doutrinação pastoral era convincente nesse particular e recebida como sincero estímulo de amor e paixão pelos pecadores. Nos assentamentos das atas da Igreja consta que, em quase todas as reuniões administrativas mensais, havia candidatos ao batismo, casos de disciplina e de eliminação. Em geral, as eliminações ocorriam pelos seguintes motivos: Infringência do 7.º mandamento, casamento misto; vida mundana, abandono aos trabalhos da igreja, abandono aos cultos, uso de bebidas alcoólicas e de fumo, corte de cabe-lo, uso de pinturas, namoro com descrente, intrigas, desrespeito ao culto, desentendimento em família, noivado misto.

O Rev. Ximenes desfrutava de elevado respeito e acatamento por parte da sociedade campinagrandense.

Participou de programações radiofônicas, pregando o evangelho, na Rádio Borborema e na Rádio Caturité, nos anos de 1952 a 1956.

A atuação do seu ministério foi sempre prestigiada, em decorrência do máximo zelo com que cuidava dos crentés, tanto na Igreja como nas congregações.

[119]

Teve o privilégio de exercer o pastorado de 12 igrejas além da Igreja de Campina Grande.

Laboriosíssimo e sem paralelo foi o ministério do Rev. Ximenes.

JUBILAÇÃO

Ao se aproximar o final do ano de 1953, já com 58 anos de idade o Rev. Ximenes começou a fazer sentir à Igreja o seu cansaço físico e conseqüente pensamento de se desligar do pastorado.

Após delongadas considerações por parte dos oficiais da Igreja e dos membros, por resolução de grande maioria de votos, o Rev. Ximenes permaneceu no pastorado até o dia 19 de dezembro de 1960, quando, em assembléia especial, foi-lhe concedida a jubilação com o direito de perceber o subsídio mensal de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros), devendo essa importância ser reduzida em 50% por sua morte ou de sua esposa. Com o falecimento de ambos cessaria esse compromisso financeiro.

TRANSFERÊNCIA PARA MORADA ETERNA

Alou-se para a sua morada eterna, o Rev. João Clímaco Ximenes, no dia 11 de outubro de 1963, quando se aproximava dos 68 anos de vida terrena.

Escrevendo sobre a vida e obra desse inesquecível servo de Deus, o irmão Claudenor Gomes de Souza, seu genro, em seu pequeno livro editado há poucos anos passados, registrou, em uma das páginas finais, uma composição literária da autoria de Huldah B. Farias, em memória do Rev. Ximenes.

Pela grandeza de sentimento, expresso nessa composição, eis a sua cópia:

O DIADEMA DE ESTRELAS

À memória do Rev. Ximenes

Houve um reboiço no céu,
Alguém ia chegando cá da terra
E centenas de anjos
Correndo de um lado para o outro
Completavam um diadema.
— Como é lindo! exclamavam,
— De quem será? Perguntavam.

E o Senhor Jesus, com um sorriso
E os braços estendidos com amor,
Recebia mais um remido
Que entrava pelos portais celestes
E dizia: — Trazei o diadema de mais de mil estrelas,
As almas que ganhou.
Ele lutou, sofreu, errou às vezes,
Mas combateu e venceu!
Agora, está bem Servo bom e fiel — participa do gozo do Senhor!

E foram necessários muitos anjos,
Para poderem trazer o lindo diadema
E colocá-lo sobre a cabeça
Do grande servo do Senhor!

[120]

5. REV. JÚLIO LEITÃO DE MELO

1882 —18 de julho —1982

(Alocução proferida pelo Rev. Salustiano Coser no templo da Igreja Evangélica Congregacional de Niterói, em solenidade promovida pela Junta Geral da União das Igrejas Evangélicas do Brasil, dia 31/7/1982.)

Os evangélicos congregacionais do Brasil detêm intransferível direito de se posicionarem como geradores de autênticos valores espirituais do pioneirismo da evangelização no Brasil.

Do nordeste brasileiro destacam-se figuras de alto relevo cujas molduras de personalidade honram singularmente o quadro do Ministério congregacional.

Dentre essas figuras estelantes, sobressai como de primeira grandeza, o eminente servo de Deus — REV. JÚLIO LEITÃO DE MELO.

Eis-nos nesta noite de encontro solene e cultural para glorificarmos a Deus por ter predestinado, há cem anos passados, o seu servo — Júlio Leitão de Melo, para se tornar uma testemunha hercúlea do poder divino.

A vida desse gigante ministro da Palavra de Deus, cuja centúria de anos de vida estamos celebrando, é repleta de lances comoventes, investidas imponentes e pelepas renhidas.

ORIGEM RELIGIOSA

Júlio Leitão de Melo teve por beço natal o Estado de Pernambuco. Filho de profidentes do catolicismo romano. Seus pais encaminharam-no na mesma crença e alimentaram o propósito de vê-lo no exercício do sacerdócio religioso romanista.

No engenho do seu pai, em lugar de destaque, havia um bem montado oratório, com várias imagens, entre as quais um Santo Antônio com o menino-deus nos braços. Júlio Leitão de Melo era o filho designado para dirigir o canto dos cultuadores idólatras, moradores do engenho. Cantava com entusiasmo, voz forte, à frente do grupo de pessoas os versos musicados:

"Glorioso Santo Antônio, com deus-menino nos braços,
fazei com que ele nos prenda nos seus amorosos braços."

Em sincera ignorância religiosa era conduzido o bom menino.

Como filho obediente cumpriu os preceitos da religião dos seus pais até a idade de 19 anos, quando, uma grave enfermidade, providencialmente levou-o quase à morte, para então, vislumbrar uma clareira celestial despertando o seu espírito para a busca de definições positivas para a segurança eterna.

O Vigário assistente da família, seu confessor, não lhe satisfaz às indagações espirituais mas apontou-lhe, embora com restrições, as Escrituras Sagradas, o livro revelador do destino do espírito na eternidade.

A BÍBLIA, O LIVRO DESEJADO

Júlio Leitão de Melo, graças a Deus, restabeleceu-se completamente, da enfermidade física, mas no seu espírito aguçava-se cada vez mais a ansiedade incontida de ler as Escrituras Sagradas. Era um moço ávido por enriquecer a inteligência de cultura. Tinha fome de conhecimento da Verdade.

Era um jovem vocacionado para as lides espirituais. O Senhor o preparava para apropriar-se da sabedoria que do "alto vem".

Uma Bíblia caiu-lhe às mãos, por empréstimo, e foi suficiente para orientá-lo na fé cristã.

Nessas alturas da vida de Júlio Leitão de Melo já o astuto satanaz agitava-se para enfraquecer o seu entusiasmo pela leitura da Palavra de Deus. Uma queima

[121]

de Bíblias, com aprovação do clero romanista desafiava, o jovem. Dizia-se que a Bíblia dos crentes, naquele tempo alcunhados de os *bodes*, era falsa, tinham que ser destruídas pelo fogo.

Mas Júlio Leitão de Melo era um jovem da afeição de Deus. O Senhor queria que ele lesse, se assenhoreasse e proclamasse a sua Palavra.

E mais um exemplar do volume sagrado lhe chega às mãos, agora, por intermédio de um abençoado vendedor, o então evangelista da Igreja Evangélica Congregacional Pernambucana — o Rev. Pedro de Sá Rodrigues Campelo.

Do exame comparativo da Bíblia católica com a dos bodes, deslumbrou-se com a falácia das contestações do clero romano. Os preciosos ensinamentos da Bíblia iluminavam intensamente a mente de Júlio Leitão de Melo e o Espírito Santo o envolvia de poder de entendimento.

A leitura da Bíblia fê-lo compreender que Deus era a fonte de águas vivas para dessedentar a alma; cisternas rotas não tinham condições de reter a torrente das águas poderosas e vitalizadoras do coração do pecador.

LANCES COMOVENTES

Júlio Leitão de Melo, na sua juventude, aceitou a Bíblia como regra de fé e prática e tal foi a sua convicção que, tomado de grande fervor espiritual, assumiu os riscos da defesa pública da Palavra da Verdade.

Não podendo calar-se e sob o domínio do amor a Bíblia, Júlio Leitão de Melo resolveu desafiar o Sr. Vigário a provar que a Bíblia dos bodes era falsa. Foi o seu primeiro lance comovente, como atleta cristão. Estaria disposto a entregar a sua cabeça à degola se ficasse provada a diferença entre a Bíblia Romana e a Protestante.

Para Júlio Leitão de Melo não havia mais dúvida, a Palavra de Deus era a lâmpada a guiar-lhe as atitudes; a luz para conduzi-lo na trajetória da vida.

O Sr. Vigário não teve condições de enfrentar a sua ex-ovelha. Enfurecido passou a perseguí-lo.

Júlio Leitão de Melo foi investido do dom de pregador do Evangelho, mesmo antes de ser batizado, e, nessa missão, nunca esmoreceu. Enfrentou com coragem invulgar, tremendíssimas hostilidades dos inimigos da causa evangélica.

Resistiu com ânimo a queima e a destruição de Casas de Oração nas quais se reunia com os crentes para evangelizar. Ameaças de ser assassinado por sua persistência; expulsão da localidade onde militava; violência física e moral, na vida de Júlio Leitão de Melo, foram fatos marcantes, registrados na sua autobiografia a que intitulou de — DE ROMA PARA CRISTO ou DA MORTE PARA A VIDA.

PROFISSÃO DE FÉ E BATISMO

Examinador sincero das Escrituras Sagradas, Júlio Leitão de Melo esclareceu-se, devidamente sobre o significado do batismo, salvação eterna, batismo por aspersão, quem deve batizar.

Plenamente seguro das doutrinas cristãs, professou a fé e foi batizado no dia 17 de outubro de 1905. A cerimônia do seu batismo foi notável oportunidade para que os seus

amigos, vizinhos, parentes, não evangélicos, assistissem o ato da celebração dos sacramentos do Batismo e Santa Ceia, de acordo com a Palavra de Deus e se compenetrassem de que os boatos que circulavam contra a seita dos protestantes não passavam de calúnias e ardilosas difamações.

No dia do seu batismo 18 pessoas se apresentaram para serem batizadas. Esses 18 novos crentes se constituíram, ao lado de outros, em membros iniciadores da Igreja Evangélica Congregacional de Monte Alegre, hoje Pirauá, no município de Timbaúba, no Estado de Pernambuco.

[122]

VOCAÇÃO MINISTERIAL E PASTORADO

As multiplicadas experiências do Rev. Júlio na gloriosa tarefa de pregador do Evangelho, conduziram-no à convicção de que Deus o chamava para o exercício ativo do ministério pastoral.

Assim empenhou-se em adquirir habilitação intelectual e teológica. A maior parte da sua formação cultural ele a obteve estudando sozinho.

Confrontava as doutrinas católicas e espíritas com a Bíblia cuja leitura assídua lhe dera apreciável cabedal de conhecimentos.

Embora dependendo do seu trabalho na agricultura para sustentar-se e à sua família, assistia com regularidade e consagração os muitos Pontos de Pregação sob a sua responsabilidade.

A carência de alimento espiritual que ele observava nas visitas que fazia aos crentes reforçava-lhe o interesse de preparar-se para ser ordenado ao Santo Ministério.

No dia 4 de agosto do ano de 1912, já tendo concluído estudos teológicos, verificou-se a sua consagração ministerial. Nessa mesma data foi empossado no pastorado da Igreja Evangélica Congregacional de Monte Alegre, no Estado de Pernambuco. Seu ministério afanoso estendeu-se a muitas cidades, tanto em Pernambuco como na Paraíba.

Ministério quase todo cumprido sob insultos, apedrejamentos, depredações de salões de cultos, ameaças de violências pessoais e perseguições constantes.

O Rev. Júlio Leitão de Melo pregava sob a unção do Espírito Santo. Era perceptível a manifestação da graça divina nas suas palavras. Suas mensagens atingiam diretamente os pecadores.

Não foram poucas as vezes em que os seus malfeitores, tocados de arrependimento, apelaram para a misericórdia do Filho de Deus e foram salvos.

São indescritíveis as investidas imponentes desse obreiro do Senhor contra os adversários do Evangelho.

O seu segundo pastorado iniciou-se em janeiro de 1921, em Serra Verde. Nesse novo campo expandiu a sua ação evangélica por mais de sete municípios, anunciando as Boas Novas em cidades, vilas povoadas e fazendas.

BATALHAS RENHIDAS

Com invulgar propriedade e impelido por Deus, o Rev. Júlio Leitão de Melo discursou, escreveu e polemizou sobre — A diferença das traduções da Bíblia, A bendita

Virgem Maria, Maria à Luz da Verdade, A Virgem que a tradição criou, o Sabatismo, o Espiritismo, Heresias da Igreja de Roma, O direito de sepultar um católico no cemitério público, O Espírito Santo, além de inúmeras pregações sobre assuntos doutrinários.

Seu ministério foi repleto de acidentes e incidentes, porém, sempre sob a bênção do Todo-Poderoso. Nas grandes peijas contra as ciladas do Diabo, contou invariavelmente, com a vitória que vence o mundo — A Fé.

Certa ocasião, no distrito de Pocinhos, no seu Estado, pregou vibrantemente, como de costume, a mensagem da Salvação, para um auditório composto, em sua maioria, de católicos romanos. Muitos aceitaram o apelo de decisão por Cristo, mas o Padre da região ficou muito irado e soltou a língua contra os humildes seguidores do Evangelho. Surgiu dessa indignação um debate público sobre a mensagem do Padre e a do Pastor, Diante da multidão de curiosos, à hora marcada por uma comissão em sua residência, alguém informou que sua reverendíssima não estava em casa e era ignorado o seu paradeiro.

A fuga do Padre ensejou ao Pastor, excelente oportunidade para tirar das trevas aqueles que confiavam nos inimigos da "nova seita", os protestantes.

[123]

Na cidade de Areia foi recebido com um desafio do Vigário local que escreveu um boletim com o seguinte título — "O Protestantismo, regilião do Diabo" Nesse boletim a moral dos protestantes e dos pastores era atacada com toda rancorosidade. O Rev. Júlio Leitão de Melo não se conteve, Guiado por Deus respondeu ao libelo acusatório do Sr. Vigário. Resultou dessa polêmica que O Rev. Júlio fora convidado a comparecer a uma reunião pública para divulgar alto e bom som os textos bíblicos que haviam servido de base à refutação ao, Sr. Vigário. As citações bíblicas, brilhantemente enunciadas, foram suficientes para despertar interesse pelo Evangelho. Muitos dos ouvintes, particularmente, adeptos do espiritismo, passaram a freqüentar as reuniões especiais dos evangélicos e a manter com eles boa camaradagem.

Um grande líder do espiritismo, por certo, impressionado com a aceitação dos argumentos do Pastor, mostrou-se muito mal satisfeito, e propôs-se a realizar em praça pública 3 conferências para demonstrar as verdades do Espiritismo, diante dos erros das Santas Escrituras.

Convidado para comparecer às conferências, o Rev. Júlio, aceitou o convite, desde que lhe fosse dado o direito de apartear o conferencista, O campeão do espiritismo, Dr. Ivon Costa, fez a 1.^a conferência atacando como quis o Protestantismo e o Catolicismo.

O Rev. Júlio, como autêntico conhecedor da Palavra de Deus, com muita sabedoria demonstrou a insegurança do orador e as suas inverdades doutrinárias. Aconteceu que o conceituado líder do espiritismo só pronunciou uma conferência e não mais voltou à cidade.

O Rev. Júlio nunca se acomodou diante das atitudes e práticas do romanismo. Não admitia o ecumenismo falso, comprometedor do comportamento cristão, como ocorre, nos dias atuais, em certas áreas do evangelismo.

A Igreja Católica foi constante alvo da verberação do Rev. Júlio, pois, com freqüência sofria na pele as mais terríveis hostilidades.

Lá pelos idos do ano de 1926, mais uma proesa da Igreja Romana atingiu profundamente a sensibilidade moral do diletíssimo ministro, de saudosa memória, aos 44 anos de idade.

Falecera uma sua filhinha de 3 anos e o Sr. Vigário impedira o seu sepultamento no cemitério da cidade por não ter sido batizada no catolicismo. Teria que ser sepultada do lado de fora do cemitério.

Foi uma tremenda luta junto às autoridades da Paraíba para anular a execrável imposição do clero romano. Ainda que oprimido de dor e tristeza o Rev. Júlio venceu, sua filha foi sepultada como de direito.

Com todas essas aflições provocadas pelo poder maligno de Satanás, o animo do Rev. Júlio não foi arrefecido, pelo contrário, amparado pelo nosso Deus, redobrou o seu entusiasmo pelo anúncio da graça e misericórdia divina. Os inimigos foram desaparecendo e o número dos salvos por Cristo centuplicou-se.

Era obreiro incansável. Comprazia-se em peregrinar por vilas, fazendas sítios, logarejos, subindo e descendo serras, a cavalo ou a pé, distribuindo a semente do Evangelho.

Em Catolé do Rocha, no Estado da Paraíba, o Rev. Júlio também teve que enfermar um Vigário local numa conferência sobre as Escrituras. O Padre, homem culto, eloqüente, ex-deputado deleitava-se em assacar insultos contra os crentes e ministros evangélicos.

Tendo sido audaciosamente provocado por esse sacerdote para uma discussão sobre a Bíblia verdadeira, aceitou a parada. Colocou-se às ordens do Padre para a polêmica desejada.

Como não podia acontecer diferente, o Pastor bombardeou o Padre com as afirmações categóricas da Palavra de Deus sobre a canonicidade da Bíblia, a ver-

[124]

dedeira adoração a Deus, a Salvação por meio de Jesus Cristo e o Vigário ficou entalado; desistiu da polêmica. Apesar da sua dialética convenceu-se de que se perdera nos seus argumentos, e, então começou a gritar a plenos pulmões: "Viva a Virgem Maria!", "Viva a religião Católica!", "Viva Cristo-Rei!" e outras evocações interjectivas.

Venceu o Rev. Júlio Leitão de Melo Porque a base dos seus pronunciamentos sempre se firmava no que o Senhor diz na sua Palavra e não na sabedoria humana.

Maravilhosíssimo foi o Ministério do Rev. Júlio Leitão de Melo, que teve por meta principal a sustentação das verdades eternas, com intransigência, firmeza bíblica, insistência e desassombro, mesmo diante de ferrenhos adversários.

A veemência e eloqüência da pregação desse valoroso servo do Senhor fazia-se sentir, não somente nas áreas pastorais de Monte Alegre, Serra Verde, Areia e Caruaru, mas, também, em praça pública, em ambientes os mais diversos, sempre que se fazia necessário investir contra os falsos mestres do seu tempo, apresentando-lhes com poder e autoridade os ensinamentos sacrossantos da Bíblia.

Na cidade de Caruaru epilogou-se o ministério pastoral do Rev. Júlio depois de 19 anos de pastorado. No dia 31 de janeiro de 1954, quando contava 52 anos de idade passou a direção da Igreja ao seu filho caçula Rev. Edgard de Albuquerque Leitão, onde permanece há 28 anos.

PARTICIPAÇÃO DENOMINACIONAL

À nossa denominação, o Rev. Júlio Leitão de Melo deu boa contribuição cooperativa tanto nas assembléias regionais como nas gerais.

O órgão oficial — O CRISTÃO — recebeu desse obreiro muito apoio.

Era rigoroso na preservação dos princípios e doutrinas bíblicas congregacionais.

Em 1960 quando se oficializou o movimento que restaurou a denominação na forma tradicional definida na 1.^a Convenção realizada em 1913, o Rev. Júlio Leitão de Melo colocou-se ao lado dos obreiros do sul do País que na época lideraram o movimento denominacional que resultou na organização da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

FAMILIA BEM-AVENTURADA

Inscrevemos nesta alocução, com efusiva expressão de amor fraternal, os nomes dos bem-aventurados familiares do grande vulto homenageado nesta solenidade memorial.

O Rev. Júlio Leitão de Melo teve por dileta esposa a prezadíssima irmã em Cristo Josefa Albuquerque Maranhão, conhecida na intimidade por D. Nóia. Desse feliz matrimônio nasceram 17 filhos. Apenas 12 estão vivos, são eles: Professora Lídia, Rev. Joel, Sr. Enoque, Dr. Heli, Sr. Gediel, D. Azenete, Sr. Eder, oficial do exército, Enfermeira Isa, Dr. Azael, D. Edna e o Rev. Edgard. Todos crentes no Senhor Jesus Cristo.

A esses distintos familiares saudamos efusivamente, nesta noite, pela excelsa ventura de serem representantes do extraordinário monumento de fé que em vida, durante 80 anos, se chamou de — JÚLIO LEITÃO DE MELO.

Privilegiado que fui pelo Departamento de História e Estatística da nossa Denominação para produzir a alucação biográfica memorial que acabo de enunciar, encerro este meu pronunciamento agradecendo a Deus a provem vida octogenária do Rev. Júlio Leitão de Melo, na face da terra. Vida que satisfez plenamente os propósitos divinos da sua vocação.

Congratulo-me com a nossa União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil pela iniciativa da meritória homenagem desta noite e a felicito por ter

[125]

inscrito no quadro dos seus obreiros do passado, um nome como o de JÚLIO LEITÃO DE MELO, imortal quanto ao seu heróico testemunho. Talvez, entre os ministros congregacionais, até o presente, o que maior número de batalhas enfrentou vitoriosamente, nas terras nordestinas, a violência física, moral e religiosa sob o comando das hostes do clericalismo romano.

Jubilosos louvemos ao Senhor e, sob a inspiração dos pioneiros do evangelismo brasileiro, Roberto e Sara Kalley, cantemos:

Dormindo no Senhor!
Bendito é nosso irmão!
Perante o trono vencedor,
Desfruta a Salvação.

Vivos, hemos, com Jesus,
De encontrar na eterna luz,
Aos que chamou daqui.

AMÉM!

FIM DE CARREIRA

O Rev. Júlio Leitão de Melo encerrou a sua brilhante carreira cristã, três meses após ter completado a oitava década de existência.

No ano de 1962, no dia 24 de maio, comemorou 58 anos de casado e no dia 4 de agosto, 50 anos de consagração ao Santo Ministério.

No domingo, 14 de outubro de 1962, visitou a sua Igreja em Caruaru, como fazia nos últimos tempos de vida, para rever os filhos e netos e demais irmãos em Cristo. Pregou pela manhã sobre "As janelas abertas", tomando por texto o capítulo 6 do livro de Daniel e a noite pregou sobre a "Parábola do Filho Pródigo, enfatizando o valor da vida. Se ele soubesse que estava por horas a sua chamada para a vida eterna, talvez aduzisse no final dessa sua última pregação, as palavras do apóstolo Paulo: "Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro".

Na segunda-feira, dia 15 de outubro, pela manhã, visitou os filhos em Caruaru, conversou com amigos, fez algumas compras, atendeu a interesses particulares, tudo fazendo com muita alegria e entusiasmo.

À tarde desse mesmo dia 15 de outubro de 1962, regressou à cidade de Bezerros e às 17 horas e 30 minutos alou-se para a eternidade.

Louvado seja Deus pela esplendorosa trajetória cristã deste seu servo! Findou a sua lida terreal pregando, distribuindo afeto cristão, junto da família, amado pelos colegas de ministério, pelas igrejas, pelos crentes e, nos braços divinos.

PARTICULAR HOMENAGEM

Caros irmãos e meus ouvintes:

Como autor desta alocução que cuidadosamente elaborei, tenho a satisfação de dizer que conheci, pessoalmente, o Rev. Júlio Leitão de Melo. Contactei, cordial e muito fraternalmente por várias vezes, com esse eminente evangelizador nordestino.

[126]

6. REV. ISMAEL DA SILVA JÚNIOR

(Ministro insigne pela excelência da sua participação multiforme no congregacionalismo brasileiro)

Com Jesus, em morada feliz, encontra-se desde o dia 29 de novembro de 1980, o operoso obreiro evangélico congregacional, nascido no final do século XIX — Rev. ISAMAEL DA SILVA JÚNIOR.

Na seqüência octogenária da sua existência terrena ressaltam etapas evidentes da sua predestinação divina.

Ministro insigne pela excelência da sua participação multiforme na estrutura da denominação.

A sua plataforma inaugural de ingresso eletivo no ministério pastoral testemunhou a sua convicção de jovem cristão predisposto a se subordinar aos decretos divinos. Ao ser investido na função de guia espiritual do povo de Deus, delineou a sua mensagem oficial sob o tema — MEU PASSADO E MEU PORVIR.

Nessa oportunidade proclamou como perspectiva espiritual, honrar os seus ascendentes familiares cujas vidas foram sublinhadas pela fidelidade e zelo cristãos; esquecer as lutas, dificuldades e desestímulos humanos; encarar o porvir sob dependência incondicional de Deus.

Assim viveu o Rev. Ismael da Silva Júnior e, em sua homenagem memorial, ressumamos alguns detalhes biográficos.

LINHAGEM EVANGÉLICA

Filho do presbítero Ismael Cardoso da Silva e de D. Constantina Martins da Silva, ambos membros da Igreja Evangélica Congregacional do Encantado, o Rev. Ismael Cardoso da Silva Júnior nasceu na sexta-feira, 8 de dezembro de 1899, no bairro do Encantado, na cidade do Rio de Janeiro.

O presbítero José Rodrigues Martins, seu avô e o diácono Joaquim Rodrigues Martins, seu tio, foram eminentes servos de Deus e insuperáveis bem-feitores da Igreja do Encantado, nos seus primórdios.

Manoel Rodrigues Martins Sobrinho, outro tio seu, prestou relevantes serviços à Igreja, como presbítero, e mais tarde, consagrado ao ministério, serviu pastoralmente a outras igrejas.

José Rodrigues Martins foi pioneiro na evangelização dos subúrbios da Central do Brasil e do Rio d'Ouro. Fundou as Igrejas Congregacionais de Passa Três e Encantado.

A projeção do testemunho prático do seu tio Joaquim Rodrigues Martins, tanto na esfera eclesiástica como na secular, propiciou-lhe o privilégio de ter o seu nome dado a uma das ruas do bairro do Encantado, onde morou e negociou por vários anos, sempre distinguido como "o Bíblia".

São seus parentes, o atual pastor da Igreja do Encantado, Rev. Hélio Rodrigues Martins e o presbítero Erasmo Martins Pedro, da Igreja Presbiteriana do Riachuelo e atual Secretário de Estado de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Descendeu, portanto, o Rev. Ismael Jr., de numerosa família evangélica e que, até hoje, é representada por vários crentes que se conservam firmes nos caminhos do Senhor.

MINISTRO DO EVANGELHO POR VOTO MATERNO

Como primeiro filho do sexo masculino, gerado por uma consagrada serva do Senhor, teve o seu nascimento abençoado por um santo voto materno. Sua progenitora, ao contemplá-lo recém-nascido, assim se expressou: "O meu desejo é que Deus o tome sob a sua proteção e o faça Ministro do Evangelho."

[127]

A bênção votiva da sua mãe foi inspirada pela onisciência e onipotência divina.

Sua estremecida mamãe não teve a ventura de vê-lo ordenado porque os seus dias terrenos se encerraram antes desse auspicioso e tão desejado acontecimento.

Mas Ismael da Silva Júnior honrou a memória dos seus pais, como Ministro do Evangelho, até findar o seu prolongado labor neste mundo.

VOCAÇÃO DEFINIDA

A formação religiosa do Rev. Ismael foi suficientemente complementada pela Escola Dominical que freqüentou até os 15 anos de idade. Depois de um desvio da rota evangélica, por quatro anos, retornou à Igreja dos seus primeiros anos, em 1918, e, por ocasião de um culto matinal Deus fê-lo sensibilizar-Se com a notícia de que o então Pastor da Igreja, uma vez exonerado, dificilmente poderia ser substituído.

Tal circunstância pastoral se constituía na determinação divina da chamada do jovem Ismael Cardoso da Silva Júnior, para o santo ministério da Palavra, aquele que deveria ser, sete anos mais tarde, o guieiro do rebanho do Senhor na Igreja da sua infância e adolescência.

"Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus.. .!"
— Romanos 11:33.

PROFISSÃO DE FÉ E BATISMO

Decorridos quase quatro anos de duras experiências, distanciado do convívio da Igreja, por força da Providência divina em atendimento às orações insistentes a seu favor, Ismael Jr. voltou ao aprisco do Senhor reafirmando a sua crença na Salvação eterna e assumindo posição definida entre os irmãos em Cristo.

No ditoso primeiro domingo do mês de fevereiro de 1919, dia 2, fez pública profissão de fé e foi batizado pelo primeiro ministro congregacional brasileiro, Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, sucessor do Rev. Dr. Robert Reid Kalley.

A Igreja Evangélica do Encantado regozija-se no Senhor naquele marcante domingo da sua história pois um filho e neto de famílias tradicionais alistava-se nas fileiras da Fé e dele era esperado um obreiro valoroso.

No mesmo dia da profissão de fé, quando de retorno para a sua residência acompanhado por um dos seus familiares, visivelmente dominado pelo Espírito Santo, manifestou o seu propósito de se consagrar ao Santo Ministério.

Seu amoroso pai, cientificado pelo filho da sua aspiração, propiciou-lhe todos os meios para tornar em realidade o sonho dourado de ser ministro do evangelho.

PERSEGUINDO O IDEAL

Desfrutando do apoio unânime da assembléia da Igreja e responsabilidade de auxílio de manutenção, Ismael Jr. foi aceito e recomendado como candidato ao Santo Ministério, sob a condição de prestar seus serviços à Igreja, quando concluísse os seus estudos.

No dia 1.º de abril de 1919 iniciou a sua carreira de estudante no Seminário Teológico Congregacional como aluno da segunda turma.

Com real aproveitamento concluiu o curso de preparatórios em novembro de 1921, obtendo distinção nos exames prestados.

A Igreja mantenedora, sempre solícita com suas atenções para com o seu estudante, ora terminando a primeira fase dos seus estudos, ofereceu-lhe um

[128]

significativo presente, cuja entrega foi feita pelos oficiais, acompanhados de um expressivo grupo de irmãos.

Em perseguição ao seu grandioso ideal de preparar-se devidamente para a carreira ministerial, prosseguiu nos estudos no mesmo seminário, até o ano de 1922, quando passou a integrar o corpo discente da Faculdade Teológica das Igrejas Evangélicas do Brasil, o conhecido Seminário Unido.

FORMATURA TEOLÓGICA

O Rev. Ismael da Silva Júnior colou grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica das Igrejas Evangélicas, no dia 30 de novembro de 1924, em imponente solenidade realizada no templo da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, na Rua Silva Jardim 23, no centro do Rio de Janeiro.

Foram seus colegas de formatura no mesmo grau, os seminaristas da primeira turma da faculdade: Dr. Lysâneas de Cargueira Leite e Abdias Nobre, presbiterianos; Augusto Paes de Ávila, João Correa de Ávila, Paulo Hecke e Alfredo Pereira de Azevedo, congregacionais.

Serviu de paraninfo dos formandos o secretário da faculdade, Rev. Dr. Américo Cardoso de Menezes, um dos eminentes ministros da época.

Esta formatura teológica significou para o evangelismo brasileiro um marco indelével na história do protestantismo em nossa Pátria, visto que, o escopo da Faculdade na realização de uma obra de cooperação interdenominacional, com vistas ao preparo de um ministério evangélico nacional idôneo, moral e intelectualmente bem preparado, acabava de se constatar, após cinco anos de atividades docentes do Seminário Unido.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

O Rev. Ismael possuía características pessoais bem distintas. Era acentuadamente exigente no trato com negócios particulares, eclesiásticos e denominacionais. Intransigente em pontos doutrinários. Tipo longilíneo, apressado e nervoso, às vezes aparentemente, abrupto em atitudes.

Possuía voz metálica, forte e aguda. Quase sempre, quando discursava, as suas palavras eram articuladas com tanta rapidez que dificultava o acompanhamento normal dos seus pensamentos enunciados.

Não raro modulava a voz mediante auto-controle.

A moldura do quadro da sua personalidade era formada de reais virtudes cristãs muito nítidas no seu relacionamento familiar, com os crentes em geral e com os seus colegas de ministério.

Entre os seus familiares houve quem não acreditasse na sua repentina manifestação de jovem vocacionado para o ministério evangélico.

Submetido a um teste vocacional perante os oficiais da sua Igreja e dos ministros João Manoel Gonçalves dos Santos e Leônidas Filadelfo da Silva, depois de mais de duas horas de arguição foi considerado aprovado.

Foi sempre pontual nos seus compromissos, rigoroso no cumprimento dos seus deveres e reservado nos seus pronunciamentos.

ORDENAÇÃO MINISTERIAL

Perante a Sexta Concenção Geral da nossa denominação que, na época, se intitulava de União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal, ocorreu ordenação ao santo ministério do então bacharel em teologia, Ismael da Silva Júnior.

A assembléia convencional efetuou-se no templo da Igreja Evangélica Santista, no Estado de São Paulo, nos dias 24 a 31 de maio de 1925 e a cerimônia

[129]

ordenatória se deu no dia 27, após a defesa da tese sobre o tema: A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ.

Confirmou-se, assim, a predestinação divina do jovem Ismael para o sacerdócio pastoral e cumpriu-se o santo desejo materno da serva do Senhor Constantina Martins da Silva de que o seu primogénito fosse consagrado Ministro do Evangelho.

Na mesma solenidade de investidura ministerial foram ordenados os consagrados obreiros congregacionais: Alfredo Pereira de Azevedo, Augusto Paes d'Ávila; João Mazzotti Júnior, João Correia d'Ávila, Paulo Hecke e Synésio. Pereira Lyra.

Excetuando-se o último os outros já foram promovidos para a morada celeste.

ATUAÇÃO PASTORAL

Alcançou dimensões muito produtivas a atuação pastoral do Rev. Ismael da Silva Júnior, durante mais de 50 anos.

Seu primeiro pastorado foi o da Igreja Evangélica Congregacional do Encantado com a qual assumira o compromisso de lhe prestar serviços logo que concluisse os seus estudos.

Na sessão da Igreja do dia 4/12/1924 foi aceito por unanimidade como pastor evangelista e empossado nesse cargo no dia 12 de fevereiro de 1925, pelo Rev. Dr. Antônio Primo Salustiano Marques, presidente da União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal que hoje se denomina União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

Depois de ordenado assumiu o pastorado efetivo da Igreja, no dia 21 de junho de 1925, em cujo posto revelou-se um guia espiritual realmente vocacionado, desfrutando de todo o apoio e simpatia do seu rebanho.

Permaneceu nesse cargo durante 11 anos seguidos.

No dia da sua posse, quando pronunciava o seu discurso oficial, homenageou os seus antepassados. Referindo-se ao seu avô disse: "Que é de *José Rodrigues Martins*, o verdadeiro servo de Iahaveh, o pai dos pobres? Foi ele que, abaixo do Espírito Santo em encorajou e me induziu à carreira ministerial..." — "Que é de *Joaquim Rodrigues Martins*, trabalhador incansável nas pugnias sagradas, amigo particular e devotado desta Igreja?... "Tempos houve em que o subsídio pastoral foi quase que totalmente pago por ele e seu irmão, José Martins". "Que é de *Otília Martins*, a emérita professora das criancinhas da Escola Dominical.

Incluiu na sua palavra de posse o justo reconhecimento, também, a outros, crentes antigos cujas vidas e testemunho lhe eram de grata recordação.

Tanto o órgão oficial da Denominação, o "O Cristão" como o periódico "O Lábaro", do qual foi um dos fundadores, registram minuciosas informações da fecunda atividade pastoral do Rev. Ismael.

Sua visão evangelística e missionária suscitou-lhe singulares oportunidades de estender o seu ministério, como pioneiro, aos campos eclesiais de Brás de Pina, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Tapera, na ilha Grande, Nova Aurorai Vila Norma.

Pastoreou durante 19 anos, a Igreja de Bonsucesso, hoje, Higienópolis.

Cooperou pastoralmente em diversos campos missionários da denominação bem como em varias igrejas quando os seus pastores se encontravam enfermos.

Em reconhecimento aos seus prestimosos serviços pastorais foi eleito Pastor Honorário das igrejas do Encantado, Brás de Pina, Higienópolis, Nova Iguaçu (Ponto Chique), Praia Vermelha, Pirapora, em Minas Gerais; Primeira de Jua-

[130]

zeiro, na Bahia; Siqueira Campos, no Paraná; Laginha do Pancas, no Espírito Santo e, por fim, da Igreja Evangélica Fluminense.

Da Igreja de Brás de Pina, de onde era membro, foi eleito também, Pastor Emérito.

A militância ministerial do Rev. Ismael da Silva Júnior, foi sempre atestada pela segurança da sua orientação administrativa, por seu rigoroso senso doutrinário e pelo seu equilibrado tirocínio, no trato com os problemas espirituais e eclesiais.

CONSTITUIÇÃO DE FAMILIA

Convolou nupcias, quando ainda era acadêmico de teologia, com a senhorita Ester Ferreira, no dia 6 de janeiro de 1922, sendo oficiante do ato religioso o Rev. Dr. Francisco Antônio de Souza, cunhado da noiva e Pastor da Igreja Evangélica Fluminense.

O seu lar foi enriquecido com o nascimento das filhas: Constantina, Neusa (falecida) e Ester.

Tendo enviuvado no dia 27 de maio de 1935, contraiu segundo matrimônio no dia 24 de abril de 1937 com a jovem Ermila Teixeira dos Santos, advindo-lhe desse casamento mais quatro filhos que receberam os nomes de Ismael da Silva Neto, Ermila, Maria Eulina e Maria José. Desses descendentes nasceram dez netos.

EDUCADOR, ESCRITOR E JORNALISTA

O Rev. Ismael possuía o dom de professor. Em 1920, quando iniciava os seus estudos teológicos, já manifestava esse precioso dom, pois, assumiu o cargo de diretor e lente da Escola Diária da Igreja do Encantado. Nesse cargo permaneceu por vários anos.

Em cooperação com outros colegas criou o Curso Anexo ao Seminário destinado ao preparo de alunos que se sentiam chamados para o ministério mas não possuíam habilitação em matérias propedêuticas indispensáveis ao ingresso no curso regular de teologia.

Exerceu a docência de diversas matérias curriculares do Seminário Teológico Congregacional, especialmente lecionou Teologia Sistemática. Nesse magistério permaneceu por mais de 30 anos.

A literatura evangélica, particularmente a congregacional, foi grandemente valorizada pelos registros literários do Rev. Ismael da Silva Jr., o ELVAOR ou o 1. S. J., como às vezes se assinava.

São da sua lavra as seguintes obras:

- Pequeno comentário sobre a Espístola aos Romanos — Estudo bíblico expositivo;
- A Casa de Deus Deserta — Estudo sobre o modo bíblico de contribuição;
- Notas sobre a Breve Exposição das Doutrinas Fundamentais do Cristianismo — Pequeno compêndio de Teologia;
- Súmula das Dez mais importantes Doutrinas Bíblicas — Tradução do Inglês;
- Evangelho Em Marcha — Histórico de 40 igrejas do Estado do Rio, 1 do Espírito Santo, 2 de Minas Gerais e 2 da Bahia;
- Instruções para Catecúmenos — Pequeno manual para a preparação de candidatos ao batismo;
- Revista do Pregador — Publicação editada nos anos de 1954 a 1971, destinada a ajudar aos pregadores do Evangelho;
- Heróis da Fé Congregacionais — Notas biográficas sobre o Rev. Dr. Ro-

[131]

bert Reid Kalley — I Volume e sobre o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, II Volume;

— Notas Históricas sobre a Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal I, II e III volume, compreendendo 30 anos de atividades evangelísticas.

Como jornalista o Rev. Ismael deu as maiores provas da sua capacidade cultural.

Quando ainda estudante fundou o periódico O LÁBARO, em 1921, órgão oficial dos aspirantes ao Santo Ministério das Igrejas Evangélicas Congregacionais. Mais tarde, assumiu inteira responsabilidade desta publicação, tornando-a órgão oficial das Igrejas do Encantado e de Brás de Pina, por vários anos.

Editou como Diretor e Redator-Responsável o órgão oficial da Denominação — o "O Cristão", durante 31 anos e 8 meses, em períodos diferentes.

Em justo reconhecimento pelo magno serviço prestado à nossa denominação através do órgão de imprensa oficial, por iniciativa do Rev. Salustiano Pereira Cesar, no ano de 1958, quando diretor do Departamento de Imprensa e Publicações da UIECCB, o Rev. Ismael da Silva Jr. recebeu o título de Diretor-Honorário do "O Cristão".

Como jornalista profissional foi associado da Associação Brasileira de Imprensa e do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro.

ENCARGOS DENOMINACIONAIS

A nossa Denominação recebeu do Rev. Ismael extensíssima participação, pois ocupou todos os cargos de responsabilidade na Denominação. Nenhum ministro, até hoje, deu igual ou maior cooperação denominacional.

Muito eficiente foi a sua atuação nos cargos de: Presidente, Secretário e Tesoureiro das Juntas Gerais e Regionais, em vários períodos; Secretário-Executivo da Junta Geral e da Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal; Diretor do "O Cristão" por mais de três décadas; Presidente e fundador do Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba; Diretor e Reitor do Seminário Evangélico Congregacional.

No exercício do cargo de Diretor da Junta Geral, Juntas Regionais, Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal, e do "O Cristão", visitou todo o campo denominacional.

Representando essas entidades viajou aos Estados Unidos a fim de assistir, como delegado fraternal, a uma Convenção de Missões e a 40.^a Conferência Geral da Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos.

Esteve também em Portugal visitando as três igrejas e 16 missões ou congregações relacionadas com a MEBP.

Digno de menção é o fato de que o Rev. Ismael exerceu a sua atividade sem recompensa monetária. Possuidor de alguns recursos, valia-se dessa situação para servir à causa do seu Senhor.

HOMENAGEM PÓSTUMA

As solenes exéquias funerais do Rev. Ismael da Silva Júnior foram celebradas no templo da Igreja Evangélica Congregacional de Brás de Pina da qual era Pastor Honorário e Emérito, no domingo, 30 de novembro de 1980, sob a direção do atual Pastor da Igreja, Rev. Paulo Martins Silva.

Compartilharam do cerimonial, além dos familiares, aproximadamente 40 ministros, muitos presbíteros, diáconos, representantes de organizações denominacionais, um representante oficial da Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil e um expressivo número de crentes da igreja local e de outras igrejas, cujos nomes foram apostos no livro de presença.

[132]

O Deputado Federal, Daso de Oliveira Coimbra, que também compareceu ao ato fúnebre, fez registrar nos anais da Câmara Federal, no dia 1.^o de dezembro, a sua homenagem memorial ao extinto Pastor.

O Boletim Dominical da Igreja Evangélica Fluminense que circulou no domingo 14 de dezembro, dedicou três páginas para referências pezarosas e ao mesmo tempo laudatórias à obra evangélica missionária e pastoral realizada pelo Rev. Ismael da Silva Júnior, particularmente como Diretor Vitalício da MEBP e Pastor Honorário da Igreja.

CONCLUSÃO REFLEXIVA

Finalizando a redação deste documento histórico no qual procuramos fixar alguns detalhes da frutificante vida do Rev. Ismael da Silva Júnior, glorificamos a Deus, porque, na avaliação de tão meritória existência, sentimos profundos estímulos para refortalecer as bases da nossa Fé na segurança da Providência Divina.

Meditando na realidade circunstancial da morte ocorre-nos, como motivo de reflexão, os seguintes fatos:

1 — O Rev. Ismael executou o seu ministério em todas expressões de atividades, dedicando tempo integral;

2 — Sustentou a estabilidade doutrinária e administrativa da sua Denominação tendo por base incondicional a- Bíblia e os Princípios sagrados da Fé que abraçou, tanto no plano eclesiástico como no Denominacional;

3 — Resguardou e defendeu o patrimônio histórico e espiritual do evangelismo nacional pioneiro como herança e inspiração permanente para o progresso da obra evangélica congregacional no Brasil;

4 — Com o desaparecimento dessa figura, foi eternamente transferida mais uma estaca das mais antigas de nosso século que persistiu no compromisso de fidelidade aos valores espirituais do nosso passado e contribuiu de modo honroso e incontestável, para o progresso do povo congregacional.

Queira Deus que os nossos líderes atuais, no escoar do século XX, empenhados, sinceramente, na implantação de diretrizes novas para o desenvolvimento denominacional, jamais se abstraiam do testemunho dos insignes obreiros que findaram a jornada terrena confirmando a bem-aventurança instituída no texto bíblico do apocalipse, capítulo 14:13b — BEM-AVENTURADOS OS MORTOS QUE DESDE AGORA MORREM NO SENHOR. SIM, DIZ O ESPÍRITO, PARA QUE DESCANSEM DAS SUAS FADIGAS, POIS AS SUAS OBRAS OS ACOMPANHAM.

Salustiano Pereira Cesar

[133]

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — Coleção do "O Cristão" (1892 a 1982)
- 2 — Lembrança do Passado — João Gomes da Rocha — I, II, III, IV volumes
- 3 — Esboço histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense — 1855 1932
- 4 — O Apóstolo da Madeira — Michael P. Testa — 1963
- 5 — Notas históricas sobre a Missão Evangelizadora do Brasil e Portugal — Rev. Ismael da Silva Júnior — I, II, III volumes
- 6 — Anais da 1.^a Convenção da UIECCB — 1942
- 7 — O Protestantismo brasileiro — Emile G. Leonard — Edição da ASTE
- 8 — Origens do Evangelismo Brasileiro — Domingos Ribeiro — 1937
- 9 — Heróis da Fé Congregacionais — Rev. Ismael da Silva Júnior — I, II volumes
- 10 — Revistas da Escola Dominical — 3.^o trimestre de 1965 e 1968

11 — Música Sacra no Brasil — Henriqueta Rosa Fernandes Braga

12 João Clímaco Ximenes: Sua Vida, Sua Obra — Claudenor Gomes de Souza.

[134]



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DE
SEGRAFE - Serviços de Gráfica e Editora
ASSOCIAÇÃO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO
Rua Marquês do Herval, 1160 - Tel.: 771-4251
Duque de Caxias - Rio de Janeiro - Brasil.



O AUTOR

O Reverendo Salustiano Pereira César congregacional desde sua infância, foi ordenado no dia 25 de julho de 1937 e, durante todos estes anos, exerceu o pastorado em nada menos de treze igrejas, todas elas situadas no Estado do Rio de Janeiro.

Além disso, exerceu o magistério, tanto particular como público, durante 50 anos ininterruptos. Ocupou cargos os mais expressivos em sua Denominação, tendo inclusive fundado

dois periódicos, e se tornado conhecido e apreciado como colaborador do órgão oficial de sua Denominação,

"O CRISTÃO". Atualmente o Reverendo Salustiano é Assistente da Diretoria Nacional da Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil, membro do Conselho Diretor da

DIACONIA, Presidente da Associação Coral Evangélica, Diretor dos Cursos de Formação Profissional do SASE, membro

da diretoria do Centro Continental Haggai para América Latina, Conselheiro da Associação Promotora de Evangelismo e do

Instituto Cultural Brasil-Israel e Presidente do

Departamento de Ação Social da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

Ao oferecer ao público evangélico este livro, o Rev. Salustiano Pereira César está prestando uma inestimável contribuição à História dessa abençoada e operosa denominação, bem como à História do Evangelismo Pátrio, e à causa de Deus no Brasil.

Delcyr de Souza Lima